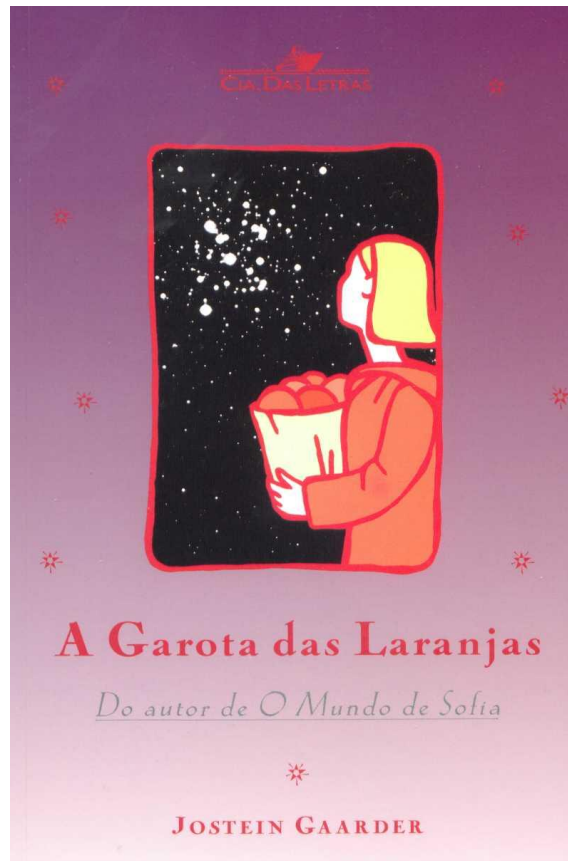




JOSTEIN GAARDER

A GAROTA DAS LARANJAS

Tradução: LUIZ ANTÔNIO DE ARAÚJO

Jostein Gaarder e H. Aschehoug & Co.

Título original: *Appelsinpiken*

Tradução autorizada pelo autor, a partir da versão alemã de Gabriele Haefs (*Das Orangenmädchen*)

Ilustração da capa: *Maria Eugênia*

Preparação: *Rafael Mantovani*

Revisão: *Renato Potenza Rodrigues Cláudia Cantarin*



Georg Roed mal conheceu o seu pai, Jan Olav, que morreu de uma doença incurável quando o garoto não tinha nem quatro anos de idade. Porém uma longa carta de despedida, escrita pelo pai poucos dias antes de sua morte, dá início a uma comunicação entre o presente e o passado.

Na carta, que durante onze anos ficou escondida no forro de um velho carrinho de bebê, Jan Olav se dirige a um Georg adolescente, mais apto a entender alguns assuntos que uma criança pequena não compreenderia. O garoto, ao ler as palavras do pai, descobre afinidades secretas que tinha com ele: uma certa curiosidade filosófica, o interesse pelas fotos tiradas pelo telescópio Hubble, e o olhar atento para o Universo. Em meio a reflexões e perguntas, Jan Olav conta ao filho uma história real, acerca de uma personagem misteriosa: a garota das laranjas, desconhecida que surge por acaso pelas ruas de Oslo levando sempre nas mãos um saco enorme de laranjas, e que suscita um amor instantâneo e uma série de perguntas sem resposta na imaginação do jovem Jan Olav. Ao relatar a sua busca por essa figura quase sobrenatural, o pai tece com o filho um diálogo que mexe fundo com as emoções de Georg. E também lhe faz uma pergunta muito importante, de cuja resposta podem depender os rumos que o menino tomará ao ingressar na vida adulta.

Escrito no estilo já característico de Jostein Gaarder, este livro desenha uma história semelhante a um quebra-cabeça, uma trama costurada com mistérios e divagações filosóficas sobre a condição humana, a confrontação com a morte e outros enigmas da nossa existência.

Jostein Gaarder nasceu em 1952 na Noruega. Estudou filosofia, teologia e literatura, e foi professor durante dez anos. Estreou como escritor em 1986, tornando-se logo um autor de destaque. Ganhou projeção internacional em 1991, com *O Mundo de Sofia*, já traduzido para mais de quarenta idiomas. *A garota das laranjas* é o 13º livro do autor lançado pela Cia. das Letras.



"Muitas vezes eu tentei me imaginar aí no futuro, mas nunca consegui ter uma idéia nem mesmo aproximada de você agora, na sua vida atual. A única coisa que sei é quem você é. Só isso. Não sei sequer com que idade você está lendo isto. Talvez tenha doze ou catorze anos, e eu, o seu pai, há muito estou fora do tempo.

Hoje — ou seja, no dia em que me ler — você por certo já terá esquecido a maior parte do que nós dois vivemos nos meses quentes daquele verão em que você tinha três anos e meio. Mas esses dias continuam nos pertencendo, e nós ainda podemos passar muitas horas agradáveis juntos.

Vou contar uma coisa que atualmente não consigo tirar da cabeça: a cada dia que passa e a cada coisinha à toa que nós dois fazemos, aumenta a possibilidade de você se lembrar de mim. Agora eu conto as semanas e os dias. Na terça-feira, nós estivemos no alto da torre de Tryvann, de onde se pode ver a metade do reino, dava para enxergar até a Suécia. Mamãe também foi, fomos os três. Mas será que você se lembra disso?"

Tradução de Luiz Antônio de Araújo

Obras de Jostein Gaarder publicadas pela Companhia das Letras

O mundo de Sofia (1995)

O dia do curinga (1996)

Vita brevis (1997)

Ei! Tem alguém aí? (1997)

Através do espelho (1998)

Mistério de Natal (1998)

O mundo de Sofia (CD-ROM; 1998)

O livro das religiões (2000)

Maya (2000)

O pássaro raro (2001)

O castelo do príncipe sapo (2002)

A biblioteca mágica de Bibbi Bokken (2003)

O vendedor de histórias (2004)

A garota das laranjas (2005)

A GAROTA DAS LARANJAS

Meu pai morreu há onze anos. Na época, eu nem havia completado quatro. Não esperava voltar a ter notícia dele, no entanto agora nós estamos escrevendo um livro juntos.

Estas são as primeiras linhas do livro e, embora eu as esteja escrevendo, meu pai também vai participar. Afinal, é ele quem mais tem o que contar.

Não sei dizer se me lembro do meu pai. Às vezes acho que só acredito que me lembro dele por ter visto muitas e muitas vezes as suas fotografias.

Só de uma recordação eu tenho certeza absoluta; quer dizer, certeza de que é autêntica. Foi algo que aconteceu quando nós estávamos lá fora, na varanda, contemplando as estrelas.

Numa fotografia, papai e eu aparecemos no velho sofá de couro da sala. Ele parece estar contando uma coisa engraçada. O sofá, nós ainda o temos, mas meu pai já não se senta nele.

Em outra foto, nós dois estamos muito bem instalados na cadeira de balanço verde do jardim-de-inverno. O retrato continua pendurado no mesmo lugar desde a morte do meu pai. Agora eu acabo de me sentar na cadeira de balanço verde. Procuro não balançá-la, pois quero escrever o que penso num caderno grosso. E depois passar tudo para o velho computador do meu pai.

Também tenho o que contar sobre esse computador, mas prefiro deixar para mais tarde.

Sempre achei esquisito colecionar fotografias antigas. Elas pertencem a outro tempo.

No meu quarto há um álbum cheio de fotos do meu pai. Acho meio sinistro guardar tantos retratos de uma pessoa que já deixou de viver. Também temos o meu pai em vídeo. Fico todo arrepiado quando o ouço falar. Ele tinha um vozeirão grosso, de trovoadas.

Penso que deviam proibir os vídeos de gente que não existe mais, ou que já não está entre nós, como prefere dizer a minha avó. Não acho certo ficar espreitando os mortos.

Em alguns vídeos, eu também ouço a minha própria voz. É muito fina e aguda. Lembra um filhote de passarinho.

Naquele tempo era assim: meu pai fazia o baixo; eu, o falseie.

Num dos vídeos, estou montado nos ombros dele, tentando pegar a estrela no alto

da árvore de Natal. Embora só tivesse um ano naquele tempo, faltou pouco para que eu conseguisse.

Às vezes, quando assiste aos vídeos do meu pai comigo, mamãe afunda na poltrona e cai na gargalhada, muito embora fosse ela própria quem estava atrás da câmera, gravando tudo. Não gosto que riam dos vídeos do meu pai. Aposto que ele também não gostaria disso. Talvez dissesse que é contra o regulamento.

Em outra fita, papai e eu estamos em frente à nossa casa de campo em Fjellstolen, os dois curtindo o sol da Páscoa, cada um com meia laranja na mão. Eu tento chupar a minha sem descascar. Meu pai deve estar pensando em outras laranjas, isso eu sou capaz de apostar.

Pouco depois dessa viagem de Semana Santa, ele começou a notar que não estava bem de saúde. Passou mais de meio ano doente, com medo de morrer. Acho que sabia que isso não ia demorar a acontecer.

Mamãe já me disse várias vezes que o que mais o entristecia era morrer sem ter me conhecido para valer. A minha avó também diz isso, só que de um jeito um tanto místico.

Vovó sempre fica esquisita quando fala no papai. Não é de admirar. Meus avós perderam um filho adulto. O que eles sentiram eu não sei. Sorte que ainda têm um filho vivo. Mas vovó nunca ri quando olha para os velhos retratos do meu pai. Fica muito compenetrada. Isso é ela mesma quem diz.

Na época, meu pai decidiu que era impossível conversar para valer com um garotinho de três anos e meio. Hoje eu entendo isso, e você também vai entender quando tiver lido este livro.

Tenho uma fotografia do meu pai numa cama de hospital, com o rosto muito magro. Eu estou no seu colo, e ele segura as minhas mãos com força para que eu não caia. Tenta sorrir para mim. A foto foi tirada poucas semanas antes da sua morte. Preferia não ter esse retrato, mas, já que o tenho, não posso jogá-lo fora. Nem posso deixar de olhar muitas vezes para ele.

Hoje eu tenho quinze anos, ou, para ser mais exato, quinze anos e três semanas. Chamo-me Georg Roed e moro no Humlevei, em Oslo, com minha mãe, Jorgen e Miriam. Jorgen é o meu novo pai, mas eu o chamo assim mesmo, pelo nome. Miriam é a minha irmãzinha. Tem só um ano e meio, portanto é pequena demais para que se possa conversar com ela.

Obviamente, não há fotografias nem vídeos antigos em que Miriam apareça com o

meu pai. O pai dela é Jorgen. Eu era o único filho do meu.

No fim deste livro, vou contar coisas interessantíssimas sobre Jorgen. Por enquanto, não posso falar nada, mas quem ler verá.

Quando papai morreu, os meus avós vieram ajudar mamãe a arrumar as coisas dele. Mas uma delas, que era importante, ninguém conseguiu encontrar: uma coisa que meu pai havia escrito antes de ir para o hospital.

Na época, ninguém sabia de nada. A história da "garota das laranjas" só apareceu na segunda-feira passada. Vovó foi buscar não sei o que no sótão e a encontrou no forro do carrinho vermelho, no qual me levavam para passear quando eu era bebê.

Como isso foi parar lá é um mistério. Por acaso não há de ter sido, pois a história que meu pai escreveu, quando eu estava com três anos e meio, tem muito a ver com carrinho de bebê. Não quer dizer que seja uma história típica de carrinho de bebê, isso ela não é, mas meu pai a escreveu para mim. Escreveu a história da "garota das laranjas" para que eu a lesse quando estivesse crescido o bastante para compreendê-la. Escreveu uma carta para o futuro.

Se foi ele mesmo que escondeu no forro do velho carrinho as muitas folhas que contêm a história, devia estar convencido de que as cartas sempre dão um jeito de chegar ao destinatário. Eu andei pensando e concluí que, por via das dúvidas, convém sempre revistar muito bem os trastes velhos antes de vendê-los na feira de antiguidades ou jogá-los no lixo. Nem me atrevo a imaginar com quantas cartas antigas e coisas parecidas a gente não há de topar num aterro sanitário.

Numa coisa eu tenho pensado muito nos últimos dias. Acho que devia existir um método de mandar cartas para o futuro bem mais simples do que enfiá-las no forro de um carrinho de bebê.

Pode acontecer de escrevermos algo que só deva ser lido dentro de quatro horas, quinze dias ou quarenta anos. A história da "garota das laranjas", por exemplo. Foi escrita para um Georg de doze ou catorze anos, ou seja, para um Georg que meu pai não conhecia e que decerto sabia que nunca ia conhecer.

Mas acho que enfim chegou a hora de partir para a história.

Há pouco menos de uma semana, voltei da aula de música e dei com os meus avós aqui em casa: uma visita surpresa. Tinham chegado de Tonsberg de uma hora para a outra e pretendiam ficar até o dia seguinte.

Mamãe e Jorgen também estavam aqui, e os quatro pareciam incrivelmente ansiosos quando eu entrei e tirei os sapatos. Embora os sapatos estivessem sujos e

molhados, ninguém ligou. Todos estavam pensando em coisa muito diferente. Eu tive a sensação de que havia algo no ar.

Mamãe disse que Miriam já estava dormindo, e ela parecia estar achando ótimo, já que os meus avós tinham chegado. Afinal, eles não são avós de Miriam. Miriam tem os dela. Também são boa gente e vêm nos visitar de vez em quando, mas família, cada um com a sua.

Fui para a sala e me sentei no tapete, e todo mundo estava tão sério que cheguei a pensar que tivesse acontecido alguma coisa grave. Não me lembrava de ter aprontado nada no colégio ultimamente, voltara da aula de piano diretamente para casa, sem demora, e fazia muitos meses que não roubava da cozinha nem uma moeda de dez coroas. Por isso me limitei a perguntar:

— O que aconteceu?

E então vovó se pôs a contar que tinha achado a carta que meu pai escreveu para mim pouco antes de morrer. Senti um frio no estômago. Fazia onze anos que ele tinha morrido. Eu nem sabia ao certo se me lembrava dele. Uma carta do meu pai, aquilo me pareceu terrivelmente solene, quase um testamento.

Foi quando reparei que vovó estava com um envelope grosso na mão. Ela o colocou nas minhas. Estava fechado e com apenas duas palavras escritas: "para Georg". Não era a letra da minha avó, tampouco a da minha mãe nem a de Jorgen. Eu abri o envelope e tirei um maço grosso de papéis. E estremei, porque na primeira página estava escrito:

Você está sentado, Georg? É bom que esteja, porque eu vou lhe contar uma história eletrizante...

Fiquei meio zozinho. O que era aquilo afinal? Uma carta do meu pai? Mas seria autêntica?

"Você está sentado, Georg?" Tive a impressão de estar ouvindo aquele vozeirão de trovoadas, e agora não só no vídeo, eu a ouvia como se meu pai tivesse ressuscitado de uma hora para a outra e estivesse ali na sala conosco.

Embora o envelope estivesse fechado, achei bom perguntar se os adultos já tinham lido aquelas páginas, mas todos negaram com a cabeça e garantiram que não tinham lido uma palavra.

— Absolutamente nada — disse Jorgen, e sua voz me pareceu acanhada, coisa não muito típica dele. Mas ele acrescentou que, quando eu terminasse, talvez eu pudesse deixá-los ler a carta do meu pai. Devia estar louco para saber o que havia nela. Sei lá por quê, achei que estava com a consciência pesada.

A minha avó contou por que eles tinham resolvido pegar o carro aquela tarde e vir para Oslo. Acreditavam ter decifrado uma velha charada, segundo as próprias palavras dela. Aquilo me pareceu um bocado misterioso, e era misterioso mesmo.

Quando adoeceu, meu pai contou à mamãe que queria deixar um texto para mim. Uma carta que eu lesse quando crescesse. Mas essa carta nunca apareceu, e agora eu estava com quinze anos.

A novidade era que vovó tinha se lembrado, subitamente, de outra coisa que meu pai dissera. Ele tinha pedido muito que a gente nunca se desfizesse do carrinho vermelho, em hipótese alguma. Vovó acreditava recordar quase literalmente as palavras dele no hospital:

— Guardem o carrinho. Por favor, não o joguem fora. Ele teve um grande significado para Georg e para mim nos últimos meses. Quero que Georg fique com ele. Contem-lhe isso um dia. Quando tiver idade para entender, contem que eu quero muito que ele fique com aquele carrinho.

Por isso nunca jogaram fora nem venderam o velho carrinho de bebê. Coisa que até Jorgen acatou. No dia em que se mudou para o Humlevei, ficou sabendo que havia uma coisa na qual ele não podia tocar: o carrinho vermelho. E levou isso tão a sério que comprou um carrinho novo em folha para Miriam. Talvez não gostasse muito da idéia de levar a filha para passear no mesmo carrinho em que, muitos anos atrás, o meu pai me levava, talvez fosse por respeito ao meu pai. Mas também é possível que ele simplesmente tenha preferido comprar um carrinho mais moderno. Mesmo porque ele adora tudo que está na moda, para não dizer que é uma vítima das grifes.

Então era isso: uma carta e um carrinho de bebê. E vovó levou onze anos para decifrar a charada. Só agora tinha lhe ocorrido que talvez valesse a pena mandar alguém subir ao sótão e examinar o velho carrinho com mais cuidado. E a intuição não a enganou. O carrinho não era um mero carrinho. Era uma caixa de correio.

Eu não estava tão convencido assim de que convinha acreditar nessa história. É impossível saber se os pais e os avós estão dizendo a verdade, pelo menos quando se trata de "assuntos delicados", como vovó gosta de dizer.

Hoje o maior mistério para mim é por que, na época, há onze anos, não ocorreu a

ninguém ligar o computador do meu pai. Afinal foi lá que ele escreveu a carta. É claro que tentaram, mas faltou-lhes imaginação para adivinhar a senha. Podia ter no máximo oito letras, naquele tempo os computadores não eram capazes de mais do que isso. Entretanto, nem mamãe conseguiu decifrar a senha. Francamente, é incrível. E eles simplesmente guardaram o computador no sótão!

Eu ainda vou contar a história do computador do papai com mais detalhes.

Bom, acho que está na hora de finalmente dar a palavra ao meu velho. Se bem que, vez ou outra, eu pretenda interpor um comentário. Também vou escrever um posfácio. É necessário, pois em sua longa carta meu pai me faz uma pergunta muito séria. E a minha resposta a essa pergunta tem uma importância enorme para ele.

Fui para o quarto com uma garrafa de refrigerante e o maço de papéis. Quando tranquei a porta, coisa que nunca faço, mamãe reclamou um pouco, mas acabou entendendo.

Era tão solene a sensação de estar lendo a carta de alguém que já não estava vivo, que eu não podia tolerar a idéia de ter o resto da família me cercando. Afinal, a carta era do meu pai, que já estava morto fazia onze anos. Eu precisava ficar sozinho.

Foi estranhíssimo estar com aquela papelada nas mãos, era mais ou menos como ter achado um álbum com fotografias novinhas, minhas e do meu pai. Lá fora nevava sem parar. Quando saí da escola de música, estava começando a nevar. Mas não achei que fosse durar muito. Novembro mal havia começado.

Sentei-me na cama e comecei a ler.

Você está sentado, Georg? É bom que esteja, porque eu vou lhe contar uma história eletrizante... Talvez já tenha se instalado confortavelmente no sofá de couro amarelo. Isso caso vocês não o tenham trocado por outro, como eu vou saber? Também posso perfeitamente imaginá-lo na velha cadeira de balanço do jardim-de-inverno, da qual você sempre gostou tanto. Ou será que está lá fora na varanda? Não sei qual é a estação do ano. E, além disso, é possível que vocês já nem morem mais no Humlevei.

Como hei de saber?

Eu não sei nada. Quem é o chefe do governo norueguês?

Como se chama o secretário-geral das Nações Unidas? E, diga, como vai o telescópio Hubble? Você tem idéia? Será que os astrônomos já sabem como é feito o universo?

Muitas vezes eu tentei me imaginar aí no futuro, mas nunca consegui ter uma idéia nem mesmo aproximada de você agora, na sua vida atual. A única coisa que sei é quem você é. Só isso. Não sei sequer com que idade você está lendo isto. Talvez tenha doze ou catorze anos, e eu, o seu pai, há muito estou fora do tempo.

O fato é que já me sinto uma assombração, tenho de respirar fundo toda vez que penso nisso. Agora entendo por que os fantasmas não param de fungar e bufar como bobos. Não é para assustar as pessoas que vieram depois deles. É porque acham difícil respirar em outra época tão diferente.

Não é só um lugar na existência que nós temos. Temos um tempo limitado que nos foi atribuído.

É assim, e só posso tomar como ponto de partida as coisas que agora me rodeiam. Escrevo em agosto de 1990.

Hoje — ou seja, no dia em que me ler — você por certo já terá esquecido a maior parte do que nós dois vivemos nos meses quentes daquele verão em que você tinha três anos e meio. Mas esses dias continuam nos pertencendo, e nós ainda podemos passar muitas horas agradáveis juntos.

Vou contar uma coisa que atualmente não consigo tirar da cabeça: a cada dia que passa e a cada coisinha à toa que nós dois fazemos, aumenta a possibilidade de você se lembrar de mim. Agora eu conto as semanas e os dias. Na terça-feira, nós estivemos no alto da torre de Tryvann, de onde se pode ver a metade do reino, dava para enxergar até a Suécia. Mamãe também foi, fomos os três. Mas será que você se lembra disso?

Não pode ao menos tentar recordar, Georg? Tente, faça um esforço, pois isso tudo está aí, em algum lugar dentro de você.

Lembra daquele seu trem enorme de madeira? Todo dia você passa horas brincando com ele. Eu o estou vendo agora. Os trilhos, vagões e balsas espalhados no chão, exatamente como você os deixou há pouco. No fim, eu precisei fazê-lo largar tudo porque estava na hora de ir ao jardim-de-infância, mas ainda tenho a impressão de que as suas mãozinhas continuam tocando no brinquedo. Não tive coragem de tirar um só trilho do lugar.

Lembra do computador em que nós jogamos tantos jogos no fim de semana? Quando era novo, ele ficava no meu escritório, mas na semana passada eu o trouxe para baixo. Agora prefiro passar o dia aqui, onde estão as suas coisas. E, à tarde, você fica aqui

comigo, a mamãe também. E a vovó e o vovô têm me visitado com mais frequência. Ainda bem.

Lembra do velocípede verde? Está lá fora, na entrada da casa, quase novo em folha. Se você ainda se lembrar dele, deve ser porque continua jogado num canto da garagem ou do sótão, velho e inútil, imagino. Ou será que foi parar no ferro-velho?

E que fim levou o carrinho de bebê vermelho, Georg? Sim, o que terá sido feito dele?

Não é possível que você não tenha retido na memória nenhuma imagem das tantas vezes em que fomos passear à beira da lagoa de Sognsvann, por exemplo. Ou das nossas visitas à casa de campo. Fomos três fins de semana seguidos a Fjellstolen. Mas agora eu não me atrevo a fazer mais nenhuma pergunta, juro que não, talvez você não lembre de absolutamente nada do tempo de Georg que também era o meu tempo. Fazer o quê?

Quero contar uma história, isso eu já anunciei, mas não há de ser num passe de mágica que vou encontrar o tom adequado para esta carta. Afinal, já cometi o erro de me dirigir ao garotinho que acho que conheço tão bem. Mas você não é mais criança, já que está lendo estas linhas. Não é mais o meu garotinho de cachos dourados.

Chego a ouvir a minha voz, estou tagarelando feito uma velha empenhada em agradar as criancinhas, e isso é uma tolice, pois agora estou à procura do Georg grande — que eu nunca vi, com quem nunca vou poder conversar de verdade.

Consulto o relógio. Faz só uma hora que voltei do jardim-de-infância, aonde fui levar você.

Sempre que a gente atravessa o córrego, você quer se debruçar no carrinho e jogar um pedacinho de pau ou uma pedra na água. Outro dia, achou uma garrafa de suco vazia e também a jogou lá dentro. Eu não fiz nada para impedi-lo. Hoje em dia, deixo você fazer praticamente tudo que quer. E, quando a gente chega ao jardim-de-infância, geralmente você me larga e vai se juntar aos outros meninos, sem se despedir. Até parece que é você que está correndo atrás do tempo, não eu. E é uma idéia estranha. Geralmente, os velhos aparentam ter mais tempo do que as crianças pequenas, que estão com a vida inteira pela frente.

Eu não sou tão velho assim, pelo menos ainda me considero moço ou pelo menos um pai moço. No entanto, queria poder deter o tempo. Não me importaria se os dias atuais se prolongassem por toda a eternidade. Naturalmente, chegariam a tarde e a noite, pois o

dia tem lá o seu decurso, o seu ritmo próprio, cíclico, mas por mim o dia seguinte podia começar exatamente no mesmo ponto que o anterior.

Já não sinto necessidade de ver ou viver mais do que vi ou vivi. A única coisa que quero, e muito, é reter o que tenho. Mas há ladrões em atividade, Georg. Hóspedes indesejáveis começaram a sugar a minha força vital. Deviam ter vergonha disso.

Hoje em dia eu acho particularmente gostoso e particularmente difícil levar você ao jardim-de-infância. Pois, embora ainda possa andar sem problemas e até consiga empurrar o carrinho, sei perfeitamente que o meu corpo está muito enfermo.

São moléstias implacáveis que nos prendem imediatamente à cama. Em geral, uma doença terrível precisa de muito tempo para finalmente derrubar a pessoa e nocauteá-la de vez. É possível que você ainda se lembre de que eu era médico, a mamãe há de ter contado alguma coisa a meu respeito, disso eu tenho certeza. Agora tirei licença por motivos de saúde e sei do que estou falando. Não sou um doente que se deixa enganar.

Portanto existem dois tempos diferentes em nossa conta, ou em nosso último encontro. Às vezes eu tenho a sensação de que cada um de nós está no alto de uma montanha envolta em neblina, um tentando achar o outro na distância. Entre nós há um vale encantado pelo qual você acaba de passar no caminho da vida, mas onde eu nunca pude vê-lo. Apesar disso, nesta tarde, enquanto você está no jardim-de-infância, eu preciso tentar me concentrar no agora — no momento em que você, um dia, estiver lendo isto que lhe pertence exclusivamente.

Você precisa saber que eu chego a ter arrepios quando penso que estou escrevendo para um filho que sobreviveu a mim, e também sei que vai doer um pouco ler o que estou escrevendo. Mas você já é um rapaz. Se eu consegui escrever estas linhas, você há de conseguir lê-las.

Olhe, eu levo em conta o fato de que talvez eu tenha de abandonar tudo o que existe, o Sol, a Lua, tudo mesmo, mas principalmente a mamãe e você. Essa é a verdade, e ela dói.

Quero lhe fazer uma pergunta importante, Georg, por isso estou escrevendo. Mas antes de fazê-la, preciso contar a história eletrizante que prometi.

Desde que você nasceu eu quero ter a alegria de lhe contar a história da garota das laranjas. Hoje — quer dizer, agora, enquanto escrevo — você é muito pequeno para entendê-la. Por isso ela vai ser a pequena herança que lhe deixo. Tem de ficar guardada

em algum lugar, à espera de um outro dia na sua vida.

Pois esse dia chegou.

* * *

Nesse ponto da leitura, eu tive de parar. Tantas vezes havia tentado me lembrar do meu pai, e agora estava tentando de novo. Era o que ele me pedia. Mas me parecia que todas as minhas recordações provinham dos vídeos e do álbum de retratos.

Lembrei que antigamente eu possuía um trem de madeira enorme, mas isso não tornou mais clara a memória do meu pai. O velocípede verde continuava na garagem. Dele sim eu me lembrava nitidamente, disso tinha certeza. E o carrinho de bebê vermelho sempre esteve no fundo do sótão. Mas dos passeios à beira da lagoa eu não guardava nenhuma reminiscência. Nem da visita à torre de Tryvann com meu pai. Estive muitas vezes nessa torre, mas com a mamãe e Jorgen. Uma vez estive lá só com Jorgen, foi quando Miriam nasceu e a mamãe estava na maternidade.

Da casa de campo de Fjellstolen é claro que eu tinha muitas lembranças. Mas meu pai não aparecia nelas. Só havia a mamãe, Jorgen e a pequena Miriam. Lá nós tínhamos um velho caderno, e eu li muitas vezes as coisas que meu pai anotou antes de morrer. Só que o problema era eu não saber se recordava mesmo das coisas que ele mencionava. Era mais ou menos como com as fotos e os vídeos antigos. "Na tarde de Sábado de Aleluia, Georg e eu construímos uma casinha de neve altíssima e acendemos velas dentro dela..." É claro que eu tinha lido essas histórias, até sabia de cor algumas delas. Mas nunca pude me lembrar de que estava mesmo lá quando tudo aquilo aconteceu. Só tinha dois anos e meio quando meu pai e eu construímos a tal casinha de neve altíssima e cheia de velas acesas. Temos até uma fotografia dela, mas está tão escura que só dá para ver as velas.

E meu pai perguntava mais uma coisa na longa carta que eu estava lendo:

E, diga, como vai o telescópio Hubble? Você tem idéia? Será que os astrônomos já sabem como é feito o universo?

Senti um frio na espinha ao ler essas palavras, pois acabava de fazer um trabalho enorme sobre esse telescópio espacial, o Hubble Space Telescope, como dizem em inglês. Meus colegas de classe escreveram sobre o futebol da Inglaterra, as Spice Girls ou Roald Dahl. Mas eu fui à biblioteca, peguei todos os livros que havia sobre o Hubble e escrevi sobre ele. Fazia poucas semanas que entregara o trabalho, e o professor tinha escrito, no

meu caderno, que estava admiradíssimo com "uma abordagem tão adulta, cuidadosa e fundamentada de um tema difícilimo". Acho que nunca fiquei tão orgulhoso como no momento em que li essa mensagem. O título do comentário do professor era: "Flores para um astrônomo amador!". E ele ainda teve o capricho de desenhar um buquê.

Será que o meu pai era vidente? Ou não passava de mera coincidência ele perguntar sobre o telescópio espacial tão pouco tempo depois de eu entregar o trabalho no colégio?

Ou será que aquela carta era falsa? Será que o meu pai ainda estava vivo? E, uma vez mais, eu senti um frio na espinha.

Eu estava sentado na cama, pensando. O telescópio Hubble tinha sido lançado na órbita da Terra, pela espaçonave Discovery, no dia 25 de abril de 1990. Foi justamente nessa época que meu pai adoeceu, logo depois da Páscoa de 1990. Disso eu sabia. Só que eu nunca tinha pensado nessa coincidência. Talvez ele tivesse sabido que estava doente exatamente no dia em que a Discovery partiu do Cabo Canaveral com o telescópio Hubble a bordo, vai ver que tinha acontecido exatamente na mesma hora, no mesmo instante.

Nesse caso, era até fácil entender o porquê de tanto interesse pelo destino do Hubble. Não tardou para que se constatasse que o seu espelho principal estava com defeito. Meu pai não podia ter sabido que os astronautas da espaçonave Endeavour resolveram esse problema em dezembro de 1993, pois nessa época já fazia três anos que ele estava morto. Obviamente, ele também não sabia dos fantásticos aparelhos que foram acrescentados ao telescópio em fevereiro de 1997.

Meu pai morreu sem saber que, até então, o Hubble havia tirado as melhores e mais nítidas fotografias do universo. Eu encontrei muitas delas na internet e usei várias no meu trabalho. Além disso, afixei na parede do meu quarto algumas das que eu mais gostava, por exemplo, aquela imagem muito nítida da estrela gigante Eta Carina, que está a mais de 8 mil anos-luz de distância do nosso sistema solar. A Eta Carina é uma das estrelas mais maciças da Via Láctea e, em breve, vai explodir como uma supernova, para enfim contrair-se até se transformar numa estrela de nêutrons ou num buraco negro. Outra foto que eu adoro é a da gigantesca coluna de gás e poeira da nebulosa da Águia (também chamada M16). É lá que nascem as estrelas novas!

Atualmente a gente sabe muito mais sobre o universo do que em 1990, em grande parte graças ao telescópio Hubble. Ele tirou milhares de fotografias de galáxias e nebulosas situadas a milhões de anos-luz da Via Láctea. Além disso, forneceu imagens incríveis do passado do universo. Pode parecer meio mágico falar em fotografias do

passado, mas olhar para o universo é a mesma coisa que retroceder no tempo. A luz se desloca a uma velocidade de 300 mil quilômetros por segundo e, mesmo assim, a das galáxias mais distantes pode levar bilhões de anos para chegar até nós, pois o universo é espantosamente vasto. O telescópio Hubble tirou fotografias de galáxias que ficam a mais de 12 bilhões de anos-luz, o que significa que ele recuou mais de 22 bilhões de anos na história do universo. A idéia é ainda mais fantástica porque, na época, o universo não chegava a ter um bilhão de anos de idade. O telescópio Hubble quase consegue enxergar o Big Bang, através do qual surgiram o espaço e o tempo. Eu sei muita coisa a respeito, por isso estou escrevendo. Só não posso contar tudo o que sei. Afinal, o meu trabalho ficou com nada menos que quarenta e sete páginas!

Achei sinistro meu pai mencionar o telescópio espacial na carta. Sempre me interessei pela pesquisa espacial, e talvez a capacidade de desviar a vista das coisas que se passam neste planeta seja hereditária. Mas eu também podia ter escrito um trabalho sobre o programa Apollo e os primeiros seres humanos que desceram na Lua. Podia ter escrito sobre as galáxias e os buracos negros, pois também sei tudo sobre as galáxias e os buracos negros, sem falar nas galáxias com buracos negros. Podia ter falado no sistema solar com os novos planetas e os grandes anéis de asteróides entre Júpiter e Marte. Ou sobre os telescópios gigantes do Havaí. Mas decidi escrever justamente sobre o Hubble. Como foi que meu pai adivinhou?

Que ele falasse no secretário-geral das Nações Unidas era mais fácil de entender: eu nasci em 24 de outubro, ou seja, no dia da ONU. A propósito, o secretário-geral se chama Kofi Annan. E o chefe do governo norueguês é Kjell Magne Bondevik, que acaba de suceder a Jens Stoltenberg.

Eu pensava em todas essas coisas quando mamãe bateu na porta, querendo saber se estava tudo bem.

— Preciso ficar sozinho — foi a minha resposta. Afinal, eu só tinha lido as primeiras quatro páginas.

Pensei: conte papai, conte. Conte a história da "garota das laranjas". Estou esperando. Pois chegou o dia. O dia e a hora de lê-la.

A história da garota das laranjas começa numa tarde em que eu estava esperando o bonde em frente ao Teatro Nacional. Era o fim do outono de um dos últimos anos da década de 1970.

Lembro que estava pensando na faculdade de medicina, na qual eu acabava de

ingressar. Era estranho imaginar que um dia seria médico de verdade, que receberia no consultório clientes dispostos a pôr o destino em minhas mãos. De guarda-pó branco, atrás de uma escrivaninha enorme, eu diria: "Vamos ter de pedir exame de sangue, sra. Johnsen", ou: "Faz tempo que a senhora sente isso?".

Então o bonde finalmente chegou. Eu o vi de longe, vinha deslizando devagar, passou primeiro pelo Parlamento, depois pela Stortingsgate. E, se há uma coisa que desde aquela tarde sempre me fez ficar matutando, é o fato de eu simplesmente não lembrar aonde estava indo. Em todo caso, pouco depois, embarquei no bonde azul-claro lotado, cujo ponto final ficava em Frogner.

A primeira coisa que notei foi uma estranha garota que viajava de pé, levando um enorme saco de papel cheio de laranjas. Estava com um anoraque alaranjado, e o saco que apertava junto ao corpo com muita determinação era tão grande, tão pesado que parecia prestes a cair de uma hora para a outra. Mas não foram as laranjas que me chamaram atenção, e sim a moça que as carregava. Vi imediatamente que ela tinha uma coisa muito especial, algo insondavelmente mágico e encantador.

Além disso, percebi que estava olhando para mim, que de certo modo havia me escolhido entre todos os passageiros que se acotovelavam no bonde, e, no decorrer de um único segundo, foi como se nós dois tivéssemos firmado uma espécie de aliança secreta. Logo que entrei, ela cravou os olhos em mim, e talvez eu tenha desviado a vista, é bem possível que sim, porque naquele tempo eu era irremediavelmente tímido. Mesmo assim, recordo que, no breve trajeto de bonde, tive certeza absoluta de que nunca mais esqueceria aquela garota. Não sabia quem era nem como se chamava, mas bastou um olhar, o primeiro olhar, para que ela passasse a ter um poder incrível sobre mim.

Meia cabeça mais baixa do que eu, de cabelo escuro e comprido, olhos castanhos, devia ter mais ou menos a minha idade, ou seja, uns dezenove anos. Erguendo o olhar, fez uma espécie de sinal para mim, embora sem o menor movimento da cabeça, e abriu um sorriso petulante, maroto, quase como se fôssemos velhos amigos ou — vou dizer com toda a franqueza — como se, muito tempo antes, nós tivéssemos passado uma longa existência juntos, ela e eu. Tive a sensação de ler algo assim em seus olhos castanhos.

O sorriso cavou duas covinhas em suas bochechas, e — não por causa disso — eu lembro que ela tinha qualquer coisa de esquilo, era linda e delicada como um deles. Se é verdade que já tivemos uma vida em comum, vai ver que foi como um par de esquilos em uma árvore, pensei, e não achei nada desagradável a idéia de um passado de esquilo com a misteriosa garota das laranjas.

Mas por que ela sorria daquele modo tão travesso e desafiador? E será que o sorriso era mesmo para mim? Ou simplesmente acabava de lhe ocorrer uma coisa engraçada que não tinha nada a ver comigo? Ou ela estava rindo *de* mim? Essa também era uma possibilidade que não podia ser excluída. Mas não havia nada engraçado em mim, eu acho, minha aparência estava totalmente normal, e sem dúvida alguma a engraçada era ela, não eu, apertando aquele saco enorme de laranjas na barriga. Talvez estivesse sorrindo por isso, de si mesma. Talvez fosse capaz de muita auto-ironia. Qualidade que nem todos possuem.

Não me atrevi a fitá-la de novo nos olhos. Fiquei olhando fixamente para o saco de laranjas. É agora que ele vai cair, pensei com os meus botões. Ela não pode deixá-lo cair. Agora cai. No saco havia pelo menos cinco quilos de laranjas, talvez até oito ou dez.

O bonde ia subindo o Drammensvei. Tente imaginar. Ele vai subindo a ladeira com muito esforço, pára perto da embaixada dos Estados Unidos, pára na Solli plass e, agora, bem quando vai entrar no Frognervei, acontece o que eu temia. O bonde balança ameaçadoramente, pelo menos é essa a minha impressão, a garota das laranjas perde um pouco o equilíbrio e, numa fração de segundo, eis que sou eu quem tem de salvar o saco enorme do naufrágio. Agora... não, agora!

E pode ser que, nesse momento, eu tenha cometido um fatal erro de cálculo. Em todo caso, empreendo uma manobra decisiva. Veja só: eu estendo os dois braços muito enérgicos, e logo estou com um deles debaixo do saco de papel e com o outro enlaçando firmemente a cintura da garota. E o que você acha que acontece então? Naturalmente, a garota do anorake alaranjado deixa cair o saco de laranjas, ou pode ser que eu o tenha empurrado para cima, soltando-o de seus braços, quase como se estivesse com ciúme e quisesse tirá-lo do caminho. O triste resultado foi que, logo depois, trinta ou quarenta laranjas caem no colo dos passageiros sentados, ou rolam no chão, espalhando-se por todo o bonde. Decerto eu já tinha passado por uma ou outra situação constrangedora na vida, mas aquela foi a pior de todas, o momento mais embaraçoso que vivi.

Deixemos as laranjas por ora, elas que fiquem mais alguns segundos rolando no chão, afinal não são as protagonistas desta história do bonde. Então a garota olha para mim e já não está sorrindo. Primeiro fica apenas triste, ou pelo menos com ar contrariado. Ao que tudo indica, cada uma daquelas laranjas tem uma importância enorme para ela, sim, Georg, evidentemente, cada laranja era insubstituível. Isso não dura muito, pois no momento seguinte ela me olha com ferocidade e, assim, dá claramente a entender que me

considera responsável pelo que acaba de acontecer. Eu tenho a sensação de que arruinei boa parte da vida dela, para não falar na minha. É como se tivesse destruído o meu próprio futuro.

Se você estivesse lá e pudesse me livrar daquela situação, com certeza teria dito uma coisa engraçada, salvadora. Mas naquele tempo não existia nenhuma mãozinha que eu pudesse segurar, isso foi anos antes de você nascer.

Morrendo de vergonha, eu me ponho de quatro e começo a catar as laranjas em meio à multidão de botas e sapatos imundos, mas são poucas as que consigo salvar. O saco de papel rasgou, é óbvio que já não serve para nada.

O pior é que eu realmente me joguei em cima da moça, no sentido literal da palavra. Dois passageiros começam a rir, mas são os mais bem-humorados, os outros preferem torcer o nariz para mim, o bonde está lotado e o aperto é quase insuportável. Percebo que todos os passageiros que presenciaram o incidente me consideram culpado, muito embora eu só tivesse a intenção de empreender uma galante operação de salvamento.

A minha última lembrança dessa desastrosa viagem de bonde é a seguinte imagem: eu com os braços cheios de laranjas, duas delas nos bolsos da calça, e quando torno a me colocar diante da garota do anoraque alaranjado, ela me fita nos olhos e diz com mordacidade na voz:

— Papai Noel!

Isso é dito em tom de acusação, é claro, mas ela não tarda a recuperar parte do bom humor e pergunta meio conciliadora, meio irônica:

— Eu também ganho uma laranja?

— Desculpe. — É a única coisa que consigo dizer. — Desculpe.

Agora o bonde pára em frente à confeitaria Mollhausen, em Frognar, as portas se abrem, eu faço um sinal desconcertado para a garota das laranjas, que me parece quase sobrenatural, e nesse mesmíssimo instante ela pega uma laranja dos meus braços carregados e, com a graça e a leveza de uma fada de conto da carochinha, desaparece na rua.

O bonde volta a se pôr em movimento e continua subindo o Frognarveien.

"Eu também ganho uma laranja?" Georg! As laranjas que eu estava segurando nos braços eram dela, inclusive as duas que trazia nos bolsos, o resto tinha se espalhado no chão.

De repente, era eu que estava carregado de laranjas, as quais nem minhas eram. Sentia-me um desprezível ladrão de frutas. Aliás, alguns passageiros começaram a fazer comentários nada amigáveis sobre o tema, e eu já nem sei o que pensei, só sei que na parada seguinte, no Frogner plass, tratei de descer do bonde.

Ao desembarcar, a única coisa que eu queria era me livrar daquele monte de laranjas. Precisei me equilibrar feito um acrobata para não derrubá-las, mesmo assim uma delas caiu na calçada e, naturalmente, eu não pude correr o risco de me agachar para pegá-la.

Não tardei em avistar uma mulher com um carrinho de bebê, passando em frente à antiga peixaria, você sabe, aquela do Frogner plass. (Bom, obviamente não posso saber se a tal peixaria ainda existe.) Aproximei-me bem devagar da mulher com o carrinho e, ao passar por ela, descarreguei subitamente todas as laranjas no cobertorzinho cor-de-rosa do bebê, inclusive as que trazia nos bolsos. A operação não durou nem dois segundos.

Precisava ver a cara que a mulher fez Georg! Achando melhor dizer alguma coisa, eu lhe pedi que fizesse o favor de aceitar o modesto presente para o bebê, pois naquela época, o fim do outono, era importantíssimo dar bastante vitamina C às crianças, assunto aliás que eu conhecia muito bem, pois era estudante de medicina.

A coitada deve ter pensado que eu era louco ou estava completamente bêbado, e é óbvio que não acreditou que eu fosse estudante de medicina, mas acontece que, nessa altura, eu já estava longe, atravessando o Frognerveien em alta velocidade, de modo que não dei a mínima para a opinião dela. E, uma vez mais, em minha cabeça só havia lugar para um desejo: encontrar a garota das laranjas. Tinha de achá-la o mais depressa possível e dar um jeito de reparar o dano que causara.

Não sei se você conhece bem aquela parte da cidade, mas, pouco depois, eis que estou chegando, ofegante, à esquina em que o Frognerveien, o Frederik Stangs gate, o Elisenbergveien e o Lovenskioldsgate se encontram, ou seja, ao lugar exato em que a misteriosa moça desceu do bonde com uma única laranja na mão. Era o mesmo que estar na Place de l'Étoile, tantas eram as ruas que eu podia escolher, e a garota das laranjas havia desaparecido por completo.

Não sei dizer quantas vezes percorri o Frogner aquela tarde, desde o Corpo de Bombeiros, lá em cima, em Briskeby, até o velho Hospital da Cruz Vermelha, e toda vez que avistava qualquer coisa parecida com um anorake alaranjado, sentia o coração saltar no peito, mas aquela que eu procurava parecia ter se evaporado.

Horas depois, ocorreu-me que a mocinha para a qual eu criara tantos problemas

talvez estivesse muito bem instalada atrás de uma janela do Elisenbergveit, espiando um jovem estudante que corria desesperadamente de um lado para o outro, mais ou menos como o herói desorientado de um filme de aventuras. Só que ele não conseguia encontrar a princesa que procurava. Por mais que se empenhasse, não dava com a pista dela. O filme parecia ter congelado.

Numa lata de lixo, achei um pedaço de casca de laranja ainda fresco. Peguei o pedaço na mão e cheirei, mas, caso fosse da minha garota das laranjas, sem dúvida era o último vestígio que dela restava.

Passei o resto da noite pensando na moça do anorão alaranjado. Eu sempre morei em Oslo, mas nunca a tinha visto, quanto a isso não havia a menor dúvida. E com mais determinação ainda resolvi fazer o possível e o impossível para revê-la. Como num passe de mágica, ela já havia se interposto entre mim e o resto do mundo.

Não parava de pensar naquele saco com tantas laranjas. O que ela pretendia fazer? Será que ia descascá-las, uma a uma, e comê-las gomo por gomo no café-da-manhã ou no almoço? Essa idéia me perturbou horivelmente. Talvez ela fosse doente e precisasse de uma dieta especial, até isso me ocorreu e me deixou ainda mais nervoso.

No entanto, havia outras possibilidades. Era possível que ela estivesse preparando uma festa para mais de cem pessoas e o prato principal fosse pudim de laranja. Esse pensamento me encheu de ciúme: por que eu não tinha sido convidado? Além disso, estava convencido de que, nessa festa, havia uma desproporção enorme entre os sexos. Convidaram mais de noventa rapazes, mas só oito representantes do sexo feminino. E eu achava que sabia por quê. O pudim de laranja seria servido na grande festa semestral da faculdade de administração, na qual havia pouquíssimas mulheres.

Tentei arredar esse pensamento, que me era insuportável, e ao mesmo tempo fiquei revoltado com o fato de ainda não haver uma cota para mulheres na faculdade de administração. Bom, é verdade que não dava para confiar muito nessa minha fantasia. Era perfeitamente possível que a garota das laranjas pretendesse espremer vários litros de suco e guardá-los na geladeira do seu minúsculo quarto de estudante, simplesmente porque detestava ou era alérgica ao concentrado importado da Califórnia que vendiam no supermercado.

Mas, no fundo, nenhuma dessas possibilidades me pareceu muito provável, nem a do suco nem a do pudim. Logo cheguei a uma idéia mais convincente: a garota das

laranjas tinha um anorake de andarilho mais ou menos como o que Roald Amundsen usava em suas famosas excursões ao pólo. Eu sempre fui bom em interpretar indícios, na medicina isso se chama "diagnosticar", e ninguém circula à toa nas ruas de Oslo com um anorake de andarilho e, se isso não tiver nenhum significado, tampouco é comum andar por aí com um enorme saco abarrotado de suculentas laranjas.

Eu pensei: com certeza, a garota das laranjas pretende atravessar a Groenlândia ou pelo menos a Hardangervidda de esqui, e obviamente não deixa de ser sensato levar oito ou dez quilos de laranja num trenó puxado por cachorros, do contrário ela arrisca morrer de escorbuto no deserto gelado.

Ou seja, uma vez mais me deixei seduzir pela imaginação, pois, afinal de contas, "anorake" não era uma palavra esquimó? Evidentemente, aquela moça estava com viagem marcada para a Groenlândia. Mas como viajar agora? Nada indicava que a misteriosa garota pudesse simplesmente comprar outro carregamento de laranjas, afinal quase chorou quando as primeiras caíram no chão — o que me levou a concluir que ela era muito pobre.

Mas havia outras possibilidades. Eu precisava ter a sensatez de entender isso. Talvez a garota das laranjas morasse com uma família grande. Sim, por que não? Quem garantia, por exemplo, que ela não era auxiliar de enfermagem e estava alojada num quartinho em frente ao Hospital da Cruz Vermelha? Por outro lado, nada a impedia de ter uma família numerosíssima e fissurada em laranja. Puxa Georg, como eu queria visitar essa família! Chegava a vê-la à minha frente, em volta da grande mesa de jantar de um dos sóbrios apartamentos de Frogner, de cômodos muito altos e ventilados, todos com rosete de gesso no teto. A mãe, o pai e sete filhos, quatro irmãs, dois irmãos e a própria garota das laranjas, a maior, a doce e dedicada irmã mais velha. Qualidades de que ela ia precisar muito dali por diante, até que os irmãozinhos pudessem ir à escola com uma laranja na lancheira.

Ou — e, ao pensar nisso, eu senti um frio na espinha — talvez ela fosse mãe de uma família minúscula, composta unicamente por ela, um rapagão recém-formado em administração e uma filhinha de quatro ou cinco meses; e, não sei por que, pus na cabeça que a filhinha só podia se chamar Ranveig.

Tive de considerar essa possibilidade também, não havia como escapar. Nada garantia que a mulher que estava passando em frente à peixaria de Frogner fosse a mãe do bebê debaixo do cobertor cor-de-rosa. Podia ser a babá contratada pela garota das laranjas. Que idéia revoltante! Em compensação, pelo menos algumas laranjas seriam devolvidas à

dama de cara de esquilo. De súbito, o mundo ficou incrivelmente pequeno e tudo passou a ter sentido.

Para mim sempre foi fácil somar dois mais dois, interpretar indícios ou fazer aquilo que os médicos chamam de "diagnóstico". Talvez convenha acrescentar que eu fiz o meu próprio diagnóstico ao notar que estava doente. Até me orgulho um pouco disso. Simplesmente procurei um colega e lhe expliquei qual era o meu problema. Ele se encarregou do tratamento. E então...

Bom, Georg, neste ponto, eu simplesmente *tive* de fazer uma pequena pausa no relato.

Talvez você ache estranho eu escrever tão alegremente sobre o que aconteceu naquela tarde, há tantos anos. Mas isso ficou gravado na minha memória como um episódio cômico, quase como um filme mudo, e eu queria que você também o visse assim. Não significa que eu não esteja me sentindo particularmente contente, quer dizer, agora que lhe escrevo. O fato é que estou perplexo, ou melhor, para ser franco, estou inconsolável. É uma coisa que não quero esconder, mas não se preocupe com isso. Você não vai me ver chorar, é uma decisão que tomei, e eu sei me controlar.

Mamãe não demora a chegar do trabalho, e nós dois estamos sozinhos em casa. Mas assim, sentado no chão, desenhando com os lápis de cor, você não pode me consolar. Ou talvez possa, sim. Daqui a muitos anos, quando estiver lendo a carta daquele que um dia foi seu pai, talvez lhe ocorra um pensamento consolador para esse homem. E a idéia já me conforta agora.

O tempo, Georg. O que é o tempo?

Olhei para uma fotografia da Supernova 1987 A. Essa foto tirada pelo telescópio Hubble era mais ou menos da época em que meu pai percebeu que estava doente.

Eu lamentava, mas não estava muito convencido de que era correto da parte dele inquietar-me com os seus problemas. Afinal, eu não podia fazer nada para ajudá-lo. Meu pai viveu numa época muito diferente da atual, e eu tenho de levar a minha própria vida. Se todo mundo começasse a receber cartas do finado pai e de outros ancestrais igualmente falecidos, ninguém conseguiria controlar a própria existência.

Notei que estava com lágrimas nos olhos. Não eram lágrimas doces, se é que isso existe, eram lágrimas amargas e pegajosas, lágrimas que, em vez de escorrer, ficavam grudadas nas comissuras dos olhos e ardiam.

Pensei na frequência com que a mamãe e eu íamos ao cemitério cuidar do túmulo do papai. Ao ler esse trecho, resolvi nunca mais participar disso. E muito menos ir sozinho ao cemitério. Nunca mais mesmo.

Não é tão difícil assim ser criado sem pai. Ruim mesmo é quando de repente o pai morto resolve falar com a gente lá da sepultura. É claro que seria preferível deixar o filho em paz. Ele mesmo já deu a entender que se sente uma espécie de fantasma.

Eu reparei que estava com as mãos úmidas de suor. Mas, naturalmente, queria ler a carta até o fim. Talvez fosse bom o meu pai ter escrito uma carta para o futuro, talvez não. Ainda era cedo para dizer.

Meu pai devia ser uma figura e tanto, pensei, pelo menos quando tinha dezenove anos, naquele outono do fim da década de 70, pois me parecia que estava fazendo tempestade em copo de água por causa de uma mulher que tomou o bonde de Frogner com um saco de laranjas nos braços. Não é nada raro os homens e as mulheres trocarem olhares, isso decerto acontece desde o tempo de Adão e Eva.

Por que ele não se limitou a escrever que tinha se apaixonado por ela? Isso a garota percebeu muito antes de ser atacada por conta das laranjas. Meu pai chegou até a enlaçar a cintura dela. Vai ver que estava querendo tirá-la para dançar a valsa das laranjas.

As crianças, quando se apaixonam, trocam tapas e puxões de cabelo. Algumas fazem guerra de bolas de neve. Mas um sujeito de dezenove anos devia ser um pouco mais sensato.

Mas, convenhamos, eu só havia lido o começo da história. Talvez a tal garota das laranjas tivesse mesmo um segredo. Do contrário, meu pai não escreveria tanto sobre ela. Ele estava doente, sabia que ia morrer. Portanto, o que escreveu devia ser muito importante para ele e talvez também fosse para mim.

Tomei o resto do refrigerante e continuei a leitura.

Será que eu tornaria a ver a garota das laranjas? Talvez não, talvez ela morasse em outra cidade, talvez estivesse em Oslo apenas de passagem.

Quando estava no centro e via passar um bonde da linha de Frogner, eu criei o hábito de examinar todas as janelas para ver se a garota das laranjas estava entre os passageiros. Vivia fazendo isso, mas nunca a avistava. À noite, os meus passeios sempre me levavam a Frogner, e toda vez que eu via algo amarelo ou alaranjado na rua, pensava: é ela, só pode ser ela. Mas quanto maior fosse a expectativa, maior era a decepção.

Transcorreram os dias e as semanas, e numa segunda-feira de manhã, eu passei

por uma lanchonete da Karl Johan e resolvi entrar; era uma espécie de ponto de encontro da minha turma. Mas, assim que abri a porta, tive de parar e recuar um passo. Pois quem lá estava era nada menos que a garota das laranjas! Ela nunca havia entrado naquele estabelecimento, pelo menos não ao mesmo tempo que eu, só que agora estava lá, com uma xícara de chá na mão, folheando um livro com ilustrações coloridas. Era como se uma mão invisível a tivesse colocado lá, esperando que eu passasse e a encontrasse. Vestia o mesmo anoraque surrado, e agora escute, Georg, talvez você não acredite, mas em seu colo, preso entre ela e a pequena mesa da lanchonete, havia um saco de papel repleto de bonitas laranjas.

Eu estremeci. Rever a garota das laranjas com o mesmo anoraque alaranjado e com outro saco de laranjas no colo me pareceu mais irreal do que uma miragem. Dali por diante, as laranjas passaram a ser o núcleo do enigma para o qual eu precisava de uma explicação. Que diabo de laranjas eram aquelas? Para mim, eram frutas tão douradas, tão ofuscantes que eu tive de esfregar os olhos. Não sei por que aquele amarelo dourado se distinguia do de todas as laranjas que eu tinha visto na vida. E eram tão suculentas que cheguei a sentir o cheiro através da casca. Laranjas normais é que não podiam ser!

Furtivo, quase me esgueirando, entrei no café e fui me sentar a uma mesa a dois ou três metros de distância. Antes de decidir o que fazer, queria olhar para ela, apenas olhar para ela, saborear a presença do inexplicável.

Pensei que a garota das laranjas nem tivesse notado a minha presença, mas de repente ela ergueu a vista e me fitou diretamente nos olhos. Pegou-me em flagrante, pois era óbvio que eu a estava observando. Abriu um sorriso tão cálido, Georg, um sorriso capaz de derreter o mundo, e se o mundo o tivesse visto, todas as guerras e hostilidades do planeta cessariam no mesmo instante, ou pelo menos se estabeleceria uma prolongada trégua.

Não tive escolha, precisei falar com aquela moça. E, atravessando lentamente a lanchonete, fui me sentar à mesa dela. Longe de estranhar a minha atitude, ela pareceu achá-la perfeitamente normal, se bem que, sei lá por que, eu não estava convencido de que ela havia me reconhecido, de que identificara o rapazinho desastrado do bonde.

Ficamos alguns segundos calados, entreolhando-nos. Ela não mostrou nenhuma pressa de entabular conversa. Passou muito tempo me olhando, um minuto inteiro sem tirar os olhos dos meus. Notei que as suas pupilas tremiam. O seu olhar parecia perguntar: lembra de mim? Ou então: não lembra de mim?

Era preciso dizer alguma coisa, mas eu estava tão confuso que não consegui

fazer nada além de ficar calado, imaginando se nós dois já não tínhamos tido uma alegre vida de esquilos num bosquezinho qualquer. Ela gostava tanto de se esconder de mim, eu vivia subindo e descendo das árvores à sua procura e, quando a achava, ela saltava imediatamente do galho em que estava para a árvore vizinha. Assim, eu não fazia senão correr atrás dela, até que um dia tive a idéia de inverter os papéis e me esconder. Então foi ela que teve de correr e saltar atrás de mim, eu podia ficar no alto da árvore ou lá embaixo, no musgo, atrás de um velho toco, apreciando a impaciência com que ela me procurava, o seu medo, talvez, de nunca mais me achar...

De súbito aconteceu uma coisa mágica, quer dizer, não naquele tempo remoto dos esquilos na floresta, mas ali mesmo, no café, em plena Karl Johan.

Eu estava com o braço esquerdo apoiado na mesa e, de repente, ela roçou a mão direita na minha. Havia colocado o livro sobre as laranjas e, com o braço esquerdo, continuava segurando o saco enorme, parecia até recear que eu o roubasse ou o jogasse no chão.

Agora eu já não estava tão terrivelmente constrangido. Só notei a energia ao mesmo tempo cálida e fresca que passava dos dedos dela para os meus. Pensei que com certeza aquela garota tinha um dom sobrenatural, e imaginei que esse dom tinha algo a ver com as laranjas.

Um enigma, pensei, um enigma fascinante.

Não consegui mais ficar em silêncio, alguém tinha de dizer alguma coisa, e talvez isso fosse um erro, talvez fosse transgredir as regras daquilo que a garota das laranjas representava. Nós continuamos nos entreolhando, e eu disse:

— Você é um esquilo.

Ao ouvir essas palavras, ela sorriu com muita doçura e me acariciou a mão com mais doçura ainda. A seguir, simplesmente me soltou, levantou-se majestosa com o saco de laranjas nos braços, e foi para a rua. Vi que ela estava com lágrimas nos olhos.

Fiquei paralisado. Fiquei emudecido. Poucos segundos antes, a garota das laranjas estava sentada à minha frente, segurando a minha mão. E agora acabava de desaparecer. Se não estivesse carregando aquele saco enorme de laranjas, talvez tivesse acenado para mim. Mas precisava dos dois braços para segurá-lo. De modo que não podia acenar. E estava chorando.

Eu não fui atrás dela, Georg. Isso também seria infringir as regras. Eu estava simplesmente dominado, estava exausto, estava satisfeito. Acabava de viver algo maravilhosamente enigmático, algo que eu ainda podia passar meses curtindo. Tinha

certeza de que voltaria a me encontrar com ela. Tudo aquilo era governado por forças poderosíssimas, insondáveis até.

Ela era uma estranha. Saía de um conto de fadas ainda mais lindo do que o nosso. Mas havia chegado à nossa realidade porque tinha algo importante a fazer aqui, talvez para nos salvar de uma coisa que alguns denominam "o cinzento cotidiano". Até então, eu não tinha a menor idéia dessa atividade missionária. Acreditava que havia apenas uma existência e apenas uma realidade. Mas havia dois tipos de pessoas. A um deles pertencia a garota das laranjas; ao outro, nós.

Mas por que ela estava com lágrimas nos olhos? Por que chorou?

Lembro que pensei: vai ver que ela é vidente. Nesse caso, por que ficou com vontade de chorar ao olhar para um sujeito completamente desconhecido? Talvez tenha "visto" que um dia eu vou ser vítima de um destino cruel.

É estranho ter pensado essas coisas na época. Sempre me deixei levar facilmente pela imaginação. Mas, apesar disso, eu era e continuo sendo um homem racional.

Neste ponto da história, acho que não seria demais esboçar um breve resumo. Prometo não fazer isso com muita frequência.

Um rapaz e uma moça têm um rápido contato visual no bonde. Embora já não sejam crianças, ainda não são totalmente adultos e nunca se viram antes. Alguns minutos depois, o rapaz tem a impressão de que a moça está prestes a derrubar um gigantesco saco de suculentas laranjas. Ele interfere, e a triste consequência é que as laranjas acabam caindo no chão. A moça o chama de Papai Noel e desce na parada seguinte, pede para ficar com uma única fruta, e o rapaz balança a cabeça, estupefato. Passam-se algumas semanas, e eles voltam a se encontrar em uma lanchonete. Também dessa vez a moça está com um saco enorme, quase estourando de tão cheio de laranjas. O rapaz se senta à mesa dela, e os dois passam um minuto inteiro se entreolhando. Ainda que pareça um clichê, nesses sessenta segundos eles se olham profundamente nos olhos, quase até enxergarem a alma: ele, a dela; ela, a dele. A garota segura a mão do rapaz, e ele diz que ela é um esquilo. Então ela se levanta com movimento gracioso e sai do café levando o sacão de laranjas nos braços. O rapaz repara que ela está com lágrimas nos olhos.

Entre os dois, houve até agora a seguinte troca de palavras:

Ela: "Papai Noel!" Ela: "Eu também ganho uma laranja?". Ele: "Desculpe, desculpe". Ele: "Você é um esquilo".

O resto é um filme mudo. O resto é um enigma.

Você consegue decifrar esse enigma, Georg? Eu não consegui, e o motivo talvez tenha sido o fato de eu fazer parte dele.

Agora eu estava realmente entusiasmado com a história. A garota das laranjas apareceu duas vezes carregando um saco de laranjas. Que coisa misteriosa. E, sem dizer uma palavra, segurou a mão do meu pai e o fitou intensamente nos olhos, depois se levantou e saiu com pressa da lanchonete. Que comportamento estranho. Que coisa mais esquisita!

A não ser que meu pai estivesse sofrendo de alucinações.

Talvez a garota das laranjas fosse uma espécie de "aparição". Muita gente jura de pés juntos que viu o monstro do lago Ness ou o de Seljordvann, e eu não diria que se trata de uma mentira, pode muito bem ser uma quimera, uma ilusão. Se meu pai começasse a dizer que tinha visto a garota das laranjas passando pela Karl Johan num enorme tremó puxado por cachorros, eu não teria a menor dúvida de que essa era a história do breve período na vida em que ele esteve à beira de perder o juízo. Isso acontece nas melhores famílias, e não faltam remédios para curar.

Fosse uma quimera, fosse uma pessoa de carne e osso, o certo é que a garota das laranjas deixou meu pai totalmente encantado. Mas quando ele teve a oportunidade de falar com ela, disse a frase "Você é um esquilo", que eu achei uma grande besteira. Ele mesmo deixou claro que ficou estarecido com a idiotice dessas palavras. Para que dizer isso? Ah não, papai, essa charada eu não consigo matar.

Não vou bancar o sabichão. Sou o primeiro a admitir que nem sempre é fácil encontrar o que dizer a menina que a gente anda "azarando", como dizem.

Já contei que toco piano. Não sou um superpianista, mas o primeiro movimento da Sonata ao luar, de Beethoven, eu consigo executar sem errar uma nota. Quando estou sozinho, tocando o primeiro movimento da Sonata ao luar, às vezes me dá a sensação de estar na Lua com um piano de cauda, enquanto a Lua, o piano e eu descrevemos a órbita da Terra. Imagino que os acordes que toco podem ser ouvidos em todo o sistema solar, e, se não chegam até Plutão, certamente se ouvem em Saturno.

Ultimamente, comecei a praticar o segundo movimento (o allegretto). Não é muito fácil, mas eu o acho lindo quando a minha professora de piano toca para mim. Sempre imagino um monte de bonequinhas mecânicas saltitando para cima e para baixo na escada de um shopping!

O terceiro movimento da Sonata ao luar eu não quero ver nem pintado, não só

porque é difícil mas também porque acho um horror ser obrigado a escutá-lo. O primeiro movimento (adagio sostenuto) é bonito e talvez um pouco lúgubre, mas o terceiro (presto agitato) é simplesmente ameaçador. Se eu estivesse numa espaçonave e, ao descer num planeta, desse com um pobre extraterrestre martelando ao piano o terceiro movimento da Sonata ao luar, daria o fora no mesmo instante. Em compensação, se o encontrasse executando o primeiro movimento, é bem possível que ficasse uns dias por lá, pelo menos me atreveria a falar com ele e a me informar exatamente sobre a situação do planeta musical no qual aterrissei.

Uma vez eu disse à minha professora de piano que Beethoven tinha em si o céu e o inferno ao mesmo tempo. Ela arregalou os olhos. Disse que eu havia compreendido! E me contou uma coisa interessante, Não foi Beethoven quem deu a essa música o título Sonata ao luar. Ele a chamava de Sonata em dó sustenido maior, opus 27, nº. 2, com o apelido Sonata quasi una fantasia. Minha professora de piano acha essa peça dramática demais para se chamar Sonata ao luar. Diz que o compositor húngaro Eram Liszt descrevia o segundo movimento como "uma flor entre dois abismos". Eu diria que é um divertido teatro de fantoches entre duas tragédias.

Escrevi que sei muito bem como é difícil falar com a menina que a gente anda azarando. Pois agora vou confessar uma coisa, pois já acumulei um pouco de experiência nisso na escola de música.

Toda segunda-feira, tenho aula de piano das seis às sete. Acontece que uma garota tem aula de violino no mesmo horário, ela deve ser um ou dois anos mais nova do que eu, e tenho de admitir que estou de olho nela. Às vezes calha de nós dois passarmos cinco ou dez minutos aguardando na sala de espera antes de a aula começar. Raramente conversamos, mas há algumas semanas, ela me perguntou as horas, e na semana seguinte tornou a perguntar a mesma coisa. E eu disse que estava chovendo sem parar e que o estojo do violino dela estava molhado. Mais do que isso a conversa não avançou, confesso. E, como ela não toma a iniciativa de conversar comigo para valer, eu também não me atrevo. Vai ver que ela não vai com a minha cara. Mas também é possível que goste de mim, mas que seja tão tímida quanto eu. Não tenho a menor idéia de onde ela mora, só sei que se chama Isabelle, andei espiando a lista de alunas de violino.

Atualmente, nós sempre chegamos mais cedo à aula de música. No mês passado, teve um dia em que esperamos quase meia hora. Mas nós não fazemos mais do que isso, ficamos ali sentados com cara de tacho, mudos como peixes. Depois somos chamados a salas diferentes. Às vezes, imagino que ela entra de repente na sala de piano e me pega

tocando a Sonata ao luar e fica tão comovida que começa a me acompanhar ao violino. Mas isso nunca vai acontecer, é apenas a minha quimera. E o motivo pelo qual tenho essa quimera é nunca ter visto o violino dela. Tampouco a escutei tocando. Nada impede que ela tenha uma flauta no estojo de violino. (Neste caso, não se chama Isabelle, e sim Kari.).

O que quero dizer com tudo isso é que não sei como reagiria se, de repente, ela segurasse a minha mão e me fitasse intensamente. Também não sei o que faria se ela ficasse com lágrimas nos olhos. Agora percebo que sou apenas quatro anos mais novo do que o meu pai na época em que conheceu a garota das laranjas. Posso entender que foi um choque para ele. "Você é um esquilo", disse.

Acho que o compreendo perfeitamente, papai. Por isso, pode continuar contando a história.

Depois desse breve encontro, iniciou-se a fase lógica e sistemática da minha busca pela garota das laranjas; sucederam-se, uma vez mais, muitos longos dias sem que eu encontrasse o menor vestígio dela.

Não vale a pena reproduzir todas as minhas tentativas fracassadas, Georg, a lista não teria fim. Mas, de tanto especular e analisar, um dia cheguei à seguinte idéia: nas duas vezes em que eu vi a garota das laranjas era uma segunda-feira. Como não tinha pensado nisso ainda? Por outro lado, as laranjas eram a minha única pista real. De onde vinham? Decerto, as quitandas de Frogner também vendiam laranjas. Sem dúvida, mas essas laranjas eram suculentas e boas? Eram caras? Uma pessoa verdadeiramente exigente, pensei, compra laranjas num bom mercado de frutas, no Youngstorg, por exemplo, que naquele tempo era o único grande mercado de frutas e verduras de Oslo. Pelo menos, quem consome quilos e quilos de laranjas por dia as compra lá. Depois, caso não possa se dar ao luxo de tomar um táxi, volta para casa de bonde. Mas havia outra coisa além disso: o saco de papel pardo! Num supermercado normal, a gente recebia sacolas de plástico. Mas no Youngstorg, eu matutei, todas as compras eram embaladas em sacos de papel pardo exatamente iguais ao que a garota das laranjas vivia carregando por aí!

Esta era apenas uma entre muitas hipóteses, mas eu fui três segundas-feiras seguidas comprar frutas e verduras no Youngstorg. Para um estudante, é sempre aconselhável tratar de melhorar a alimentação, ultimamente eu tinha desenvolvido uma péssima tendência a me alimentar de salsicha grelhada com salada de camarão.

Eu não preciso descrever a colorida algazarra do Youngstorg, Georg, basta você fazer o que eu fiz. E ficar atento a uma misteriosa garota de anoraque que, se não estiver

diante de uma banca, regateando o preço de um saco de dez quilos de laranjas, já há de estar na saída do mercado, carregando o pesado saco. Fora isso, pode esquecer o resto, ou melhor, pode esquecer todas as outras.

Mas será que você consegue vê-la, Georg?

Na primeira e na segunda vez eu saí de lá frustrado, mas na terceira segunda-feira, eis que subitamente eu avistei um vulto alaranjado lá no fundo do mercado, sem dúvida alguma, uma moça com um velho anoraque de andarilho — e, como se não bastasse, não é que estava diante de uma banca de frutas, pondo justamente laranjas num enorme saco de papel?

Atravessei furtivamente o mercado e não tardei a me postar atrás dela, a poucos metros de distância. Então era lá que ela fazia compras! Foi como se eu a pegasse em flagrante delito. Sentindo as pernas bambas, cheguei a ficar com medo de cair no chão.

A misteriosa garota ainda não havia terminado de pôr as laranjas no saco, e isso era porque ela as comprava de modo totalmente diferente das outras pessoas. Imagine só: eu tive tempo de sobra para ver que escolhia as frutas uma a uma e examinava detidamente cada exemplar antes de colocá-lo no saco ou devolvê-lo ao monte de onde provinha. Entendi por que ela não se contentava em comprá-las numa quitanda qualquer de Frogner. A moça fazia questão de escolher dentre uma enorme variedade de laranjas.

Eu nunca tinha visto tanta exigência com frutas, de modo que fiquei convencido de que aquela garota não as comprava simplesmente para lhes tirar o suco. Mas, então, o que fazia com as laranjas? Você tem idéia, Georg? Pode imaginar por que ela às vezes demorava um minuto para decidir se punha esta ou aquela fruta no saco?

Eu só tinha uma explicação para isso: a garota das laranjas era encarregada da cozinha de um grande jardim-de-infância, no qual cada criança recebia uma laranja todas as manhãs. Ninguém ignora que a maioria das crianças tem um senso de justiça altamente desenvolvido. Por isso, a garota das laranjas era obrigada a cuidar para que as frutas fossem todas idênticas, ou seja, do mesmo tamanho, igualmente redondas e igualmente exuberantes. E é claro que também tinha de contá-las.

Achei essa hipótese absolutamente plausível, e inclusive fiquei com um pouco de medo, pois era possível que vários rapazes bonitões estivessem prestando serviço social no tal jardim-de-infância. Mas, Georg, a dois metros de distância, eu não tardei a entender que se tratava de coisa muito diferente. Era bem visível que a garota das laranjas se esforçava justamente para encontrar as laranjas mais diferentes que havia no tocante ao tamanho, à forma e à cor. Aliás, havia um detalhe importante: algumas ainda estavam com

o cabinho e uma ou duas folhas de laranjeira.

Foi um alívio não precisar mais me preocupar com os intrometidos do serviço social. Mas esse foi o meu único motivo de alegria. Ela era e continuava sendo um enigma.

Enfim, a garota das laranjas colocou a última fruta no saco, pagou e tomou a direção da Storgate. Eu a segui a certa distância, pois queria que ela só me visse no bonde de Frogner. Mas foi justamente nesse ponto decisivo que eu me enganei. Ela não foi tomar o bonde na Storgate. Antes de chegar à parada, entrou num carro branco, um Toyota dirigido por um homem.

Senti que não podia abordá-la naquele momento. Não queria conhecer aquele sujeito. E então o automóvel arrancou e desapareceu na primeira esquina.

Mas você precisa notar um detalhe importante, Georg: ao entrar no carro com aquele saco enorme nos braços, a garota das laranjas se vira de repente e olha para mim. Não sei dizer se me reconhece ou não. Só sei que, ao entrar no Toyota branco de um homem, ela olha para mim.

Quem era aquele felizardo? Não consegui avaliar a idade dele, podia muito bem ser o pai dela, mas mesmo assim... ora, como eu ia saber? Um garotão do serviço social? Dificilmente, já que tinha um Toyota branco. Ou será que era o pai da menininha de quatro meses chamada Ranveig? Não necessariamente, nada confirmava tal coisa. Era igualmente possível que o homem do Toyota pretendesse atravessar a Groenlândia de esqui com a garota das laranjas. Já fazia tempo que eu tinha uma idéia da pinta daquele sujeito. Em longas seqüências de imagens, conseguia ver as rações de laranja, as machadinhas de gelo, as facas, os sacos de dormir, o fogareiro e os tablets de sopa. Via a barraca em que eles iam pernoitar, era amarela, e sem dúvida alguma oito cachorros puxavam o seu trenó.

É claro que eu conseguia vê-los à minha frente. Eles que não pretendessem se esconder de mim. Eu tinha um filme inteiro na cabeça: um casal assimétrico percorre de esqui as infinitas geleiras groenlandesas. Ela é linda e inocente como uma deusa da neve. Coisa que dele não se pode dizer, pois tem nariz torto, uma curvatura amarga na boca e um olhar que anuncia as piores intenções, tão abismai quanto as gretas da geleira, nas quais ela pode cair a qualquer momento. (Nesse caso, ele a ajuda a sair do buraco? Ou segue viagem mais depressa ainda para se regalar com as rações de laranja dela, na certeza absoluta de que nunca mais voltará a vê-la?) Esse sujeito possui força viril, uma força primitiva e feia. Abate ursos-polares com a mesma indiferença com que outros matam moscas. E, já que estamos falando nisso: ele é bem capaz de violentá-la entre dois blocos

de gelo, longe da mão disciplinadora da civilização. Pois, afinal, quem há de vê-la num lugar tão longínquo? Quem há de estar de olho nela lá naqueles ermos glaciais? Isso eu posso dizer, Georg. Fora eu, não há quem olhe por ela. Eu podia formar uma imagem cada vez mais nítida da tal expedição. Tinha visão de tudo que eles iam levar. Antes do anoitecer, já havia dado nomes aos oito cachorros e, mais tarde, à noite, fizera a lista completa das provisões de que iam precisar. Ao todo, o equipamento pesava 240 quilos, contando o frasquinho de xampu e a garrafinha de aguardente, para que eles brindassem ao chegar a Siora-paluk ou Qaanaag...

Mas no dia seguinte eu já estava mais calmo. Nenhum louco percorre a Groenlândia de esquí em dezembro. Nesse mês, as expedições se dirigem à Antártida, e por isso ninguém se abastece de laranjas no mercado municipal de Oslo, e sim no Chile ou na África do Sul. Aliás, nada garante que seja boa idéia levar laranjas. Quem vai esquiar no pólo Sul precisa de tantas calorias por dia que não tem necessidade de uma provisão suplementar de vitamina. Além disso, as laranjas pesam muito e, acima de tudo: com grossas luvas polares nas mãos, como descascar uma laranja congelada? Como fonte de líquido numa expedição polar, as laranjas são tão inúteis quanto, outrora, os cavalos do explorador Scott. Lá, para obter a necessária quantidade de líquido, bastam algumas gotas de gasolina e um fogareiro. Gelo e neve — ou seja, água — são as únicas coisas que existem em abundância naquelas paragens, e uma laranja é constituída de mais de oitenta por cento de água.

Querida garota das laranjas, pensei. Quem é você? De onde vem? Onde está agora?

* * *

Mamãe tornou a bater na porta.

— O que você está achando, Georg? — perguntou.

— Legal — respondi. — Mas agora me deixe só. Ela ficou dois segundos calada e então disse:

— Eu não acho certo você ficar trancado aí dentro. Eu retruquei:

— E o que adianta ter chave na porta se a gente não pode usá-la de vez em quando? Que eu saiba, privacidade também existe.

Ela ficou meio irritada. Ou talvez seja melhor dizer que ficou ofendida. E declarou:

— Você está sendo infantil, Georg. Não tem nenhum motivo para se trancar.

— Eu tenho quinze anos, mamãe. E, se alguém está sendo infantil, pode crer que não sou eu.

Ela respirou ruidosamente. E o silêncio voltou.

É claro que eu não disse nada sobre a garota das laranjas. Aliás, tinha a forte impressão de que meu pai nunca contou à minha mãe as coisas que estava me contando. Do contrário, ela mesma podia me informar disso, e meu pai não teria necessidade de dedicar os seus últimos dias neste mundo a escrever uma carta tão longa. Talvez tivesse vivido uma experiência na juventude e agora estava querendo chamar a atenção do filho para ela: conversa de homem para homem, digamos. Em todo caso, havia uma coisa importante sobre a qual ele queria me fazer uma pergunta.

Até ali, porém, a única pergunta que ele tinha feito era sobre o telescópio Hubble. Pena que não tinha idéia de quanta coisa eu sabia sobre isso!

O mais esquisito nesse trabalho foi que o professor me mandou lê-lo para a classe toda. Também tive de mostrar as fotografias. Sei que ele tinha a melhor das intenções, mas já no intervalo seguinte algumas meninas começaram a me chamar de "Mini-Einstein". Aliás, foram justamente as que mais se devotam a fazer experiências com o lápis de sobrancelha e o batom. Se bem que, na minha opinião, elas fazem experiências com muitas outras coisas.

Eu não tenho nada contra sombra, delineador ou lápis de sobrancelha. Mas acontece que estamos em um planeta no espaço sideral. E não existe idéia mais maluca do que essa! É uma loucura pensar que o espaço existe. Mas há garotas que, por causa da sombra e do delineador, não conseguem enxergar o espaço cósmico. E sem dúvida também há rapazes que, por conta do futebol, são incapazes de ver o horizonte. Em todo caso, há uma grande diferença entre um espelho de maquiagem e um bom telescópio. Deve ser isso que chamam de "deslocamento de perspectiva". Talvez também se pudesse falar numa "experiência do ora-veja-só", da percepção repentina de um contexto qualquer. Nunca é tarde para uma experiência do ora-veja-só. Porém muita gente passa a vida inteira sem perceber que flutua no espaço vazio. Há tanta coisa aqui embaixo, isso só atrapalha. Já basta a gente se preocupar com a própria aparência.

Nós somos deste planeta. Longe de mim contestar isso. Somos parte da natureza deste planeta. Aqui aprendemos, com os macacos e os répteis, a nos reproduzir, e eu não tenho nada a opor. Em outra natureza, talvez fosse muito diferente, mas é aqui que nós estamos. E, repito, não tenho a menor intenção de questionar essas coisas. Só acho que elas não deviam nos impedir de enxergar um pouco além da ponta do nariz.

"Telescópio" significa mais ou menos "ver aquilo que está muito longe". Mas por acaso a tal história da "garota das laranjas" tinha realmente alguma relação com o telescópio espacial?

O telescópio não foi enviado ao espaço para observar mais de perto as estrelas e os planetas. Isso seria tão absurdo quanto se colocar na ponta dos pés para ver melhor as crateras da Lua. No caso do telescópio espacial, trata-se de observar a partir de um ponto situado fora da atmosfera terrestre.

Muita gente pensa que está olhando para as estrelas no céu, mas não está. Essa impressão é criada pela instabilidade da atmosfera, é mais ou menos como a superfície agitada da água dando a impressão de que os seixos se confundem ou oscilam no fundo da lagoa. Ou, inversamente, do fundo de uma piscina, nem sempre a gente enxerga bem o que se move lá em cima, na beirada.

Não há nenhum telescópio na Terra que nos forneça imagens realmente nítidas do espaço cósmico. Disso só o Hubble Space Telescope é capaz. Por isso ele nos revela muito mais acerca do que há lá fora do que os telescópios terrestres.

Muitos são tão míopes que não conseguem distinguir um cavalo de uma vaca e um hipopótamo de uma naja. Essa gente precisa de óculos.

Eu já contei que detectaram um erro grave no espelho principal do Hubble e que a tripulação da Endeavour corrigiu esse defeito em dezembro de 1993. Mas, na verdade, eles não alteraram nada no espelho. Apenas puseram óculos nele. Esses óculos são constituídos de dez espelinhos e são chamados COSTAR, que é abreviatura de Corrective Optics Space Telescope Axial Replacement.

Não, eu continuava sem entender que diabo o telescópio espacial tinha a ver com a tal garota das laranjas. Agora, enquanto escrevo, eu sei, pois é claro que já li até o fim a carta que meu pai me escreveu nas semanas que precederam a sua morte. E a li pelo menos quatro vezes, mas naturalmente não quero revelar muita coisa antes da hora.

Conte papai! Conte para todo mundo que estiver lendo este livro.

A vez seguinte em que vi a garota das laranjas foi na noite de Natal, sim, bem na noite de Natal, imagine. E, nessa ocasião, consegui conversar com ela. Bem... quer dizer, pelo menos a gente chegou a trocar algumas palavras.

Na época, eu morava num apartamento minúsculo, em Adamstuen, com um colega chamado Gunnar. Mas queria passar o Natal com a minha família, no Humlevei. A

família se compunha de meus pais e meu irmão, o seu tio Einar. Einar é quatro anos mais novo do que eu e, naquele tempo, estava concluindo o ensino médio. Isso foi muitos anos antes de a vovó e o vovô mudarem para Tonsberg.

Eu praticamente já tinha perdido a esperança de voltar a ver a garota das laranjas e, à parte isso, andava pensando coisas muito desagradáveis com relação ao sujeito do Toyota branco. Mas, antes de voltar para casa no Humlevei, eis que tive a idéia repentina e excepcional de ir ao culto. Estava tão fixado naquela moça misteriosa que pus na cabeça que ela também ia à igreja antes de se encontrar com os seus para festejar o Natal. (Quem eram "os seus"? Pois é, quem haveriam de ser?) Cheguei à conclusão de que o mais provável ou, para ser exato, o menos improvável era encontrá-la na catedral.

Por via das dúvidas, quero deixar claro que não estou contando todas essas coisas com a intenção de florear a história. Os fantasmas não mentem, Georg, de nada lhes serve mentir. Mas, em compensação, confesso que não estou contando tudo. Quem ia fazer uma coisa tão despropositada?

Não vejo necessidade de me estender sobre todas as minhas tentativas frustradas de rever a garota das laranjas. Passei dias e semanas ocupado em percorrer Frogner de ponta a ponta, mas não quero insistir nisso, sairia uma história muito comprida e prolixa. No mínimo quatro vezes por semana, eu dava longos passeios pelo parque Frogner e, não raro, acreditava tê-la avistado na ponte grande, em frente à lanchonete ou perto do monólito, mas nunca era ela. Até ao cinema eu ia na esperança de encontrá-la. Muitas vezes, nem assistia ao filme. Se a garota das laranjas não aparecesse até o fim dos *trailers*, eu era capaz de sair e, às vezes, até comprava ingresso para outro filme. Ficava atento aos filmes das quais me parecia que ela gostava, um deles se chamava *Momento decisivo*, outro foi a produção suíça intitulada *Um amor tão frágil*. Mas já disse que não vale a pena insistir nessas coisas.

Este relato só tem um fio da meada, Georg: as ocasiões em que realmente me encontrei com a garota das laranjas. Não tem o menor sentido discorrer sobre as muitas vezes em que não consegui. Assim como não teria sentido ficar falando em todas as cartelas da loteria nas quais ninguém acertou a quina. Por acaso já lhe contaram uma história assim? Quando foi que você encontrou uma reportagem, no jornal ou numa revista, sobre alguém que jogou na loteria, mas não conseguiu ficar milionário? Pois aqui é a mesma coisa. A história da garota das laranjas é como a história de uma gigantesca loteria, na qual só os números vencedores são visíveis. Pense quantas cartelas da loteria são preenchidas toda semana. Procure imaginá-las guardadas num salão enorme, talvez seja preciso um ginásio

inteiro. Então, com um elegante passe de mágica, todas as cartelas que não foram premiadas com um milhão desaparecem. Vão restar pouquíssimas no ginásio, Georg. Mas é só nelas que a imprensa fala!

Pois bem, nós estamos na pista da garota das laranjas, no seu encalço, e esta história só fala nela. Por ora, vamos deixar tudo o mais de lado. Vamos riscar todos os outros habitantes desta cidade. Colocar todas as outras mulheres entre dois grandes parênteses. Nada mais simples.

Não a vejo logo ao entrar na catedral, mas não tardo a dar com ela de repente, quando o órgão começa a tocar um prelúdio de Bach. Fico paralisado, começo a sentir calor.

A garota das laranjas está do outro lado do corredor central, sim, só pode ser ela, e durante o culto vira-se para trás e olha para o coro, que entoia uma canção de Natal. Nesse dia, não está com o anoraque alaranjado de caminhante nem com o sacão de laranjas. Afinal de contas, é Natal. Está com um casacão preto e traz o cabelo preso na nuca com uma bonita fivela que parece ser de prata; talvez tenha sido lavrada pelos sete anões que salvaram a vida da Branca de Neve.

Mas quem está com ela? Há um homem à sua direita, mas durante toda a cerimônia, eles não se olham uma só vez. Pelo contrário, já quase no fim do culto, ele se inclina para cochichar alguma coisa ao ouvido de outra mulher, a qual, por sua vez, está sentada à sua direita. Na minha lembrança, é um belo movimento. Obviamente, a gente pode se inclinar tanto para a direita quanto para esquerda, esse homem também, a escolha é exclusivamente dele, mas acontece que se inclina para a direita e, portanto, se você quiser, para o lado certo. Aliás, tenho a sensação de que sou eu que controlo o movimento dele.

À esquerda da garota das laranjas há uma velhota gorducha, e nada indica que as duas se conheçam, mas é perfeitamente possível que já tenham se visto no Youngstorg, pois sem dúvida alguma a velhota tem cara de vendedora do mercado, talvez por isso ambas achem divertido ir juntas ao culto do Natal. Por que não, Georg? Por que não iriam? Com certeza, a garota das laranjas é a melhor freguesa da velhota, pelo menos no item laranja. Por isso tem direito a um desconto. Sete coroas o quilo de laranjas marroquinas, o que não é pouco, mas a garota das laranjas paga só seis e meio — embora demore quase meia hora para abarrotar o saco com uma variedade representativa dos diversos exemplares.

Eu quase não ouço o que o pastor diz, mas com certeza está falando em Maria, José e o Menino Jesus, mesmo porque não seria adequado falar em outra coisa. Ele se dirige às crianças, isso me agrada, hoje é o dia delas. Mesmo assim, a única coisa que eu quero é que o culto termine. Então se ouve o poslúdio, os fiéis se levantam dos bancos, e eu preciso dar um jeito de fazer com que a garota das laranjas saia da igreja antes de mim. Ela passa pelo meu banco. Move um pouco a cabeça, não sei dizer se notou a minha presença ou não. Mas está sozinha. E é ainda mais bonita do que na minha memória. Às vezes, todo o brilho do Natal se concentra numa única mulher.

Ah! Só eu sei que essa moça é uma autêntica garota das laranjas que, além disso, possui uma infinidade de sedutores secretos. Sei que saiu de outro conto de fadas, de um conto com regras muito diferentes das que vigoram aqui. Sei que ela é uma espiã na nossa realidade. Mas, aqui na catedral, é como qualquer um de nós e se alegra conosco porque o nosso Redentor nasceu. Nada mal, até que é muita generosidade da parte dela.

Sigo-a bem de perto. Algumas pessoas estão paradas em frente à igreja, desejando-se feliz Natal, mas eu só tenho olhos para a mágica fivela de prata que prende o cabelo da garota das laranjas. No mundo inteiro existe apenas uma garota das laranjas, e isso unicamente porque ela veio de outra realidade. Ela toma o rumo de Grensen, e eu a sigo a poucos metros de distância. Está nevando, os flocos gelados dançam no ar. Nisso eu reparo só porque os úmidos tufo de neve se depositam no cabelo da garota das laranjas. Agora seu cabelo está ficando úmido, penso, é uma pena não ter um guarda-chuva ou pelo menos um jornal com que lhe proteger a cabeça!

É loucura, eu sei, tenho autoconhecimento suficiente para saber disso. Mas é noite de Natal. E, mesmo que já tenha passado a hora do milagre, este é um dia mágico, no qual tudo é possível. Os anjos comunicam a aleluia aos pastores, e garotas das laranjas perambulam pelas ruas como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

Eu a alcanço pouco antes da Ovre Slottsgate. Adianto-me, paro à sua frente, viro-me e digo alegre:

— Feliz Natal!

Ela se surpreende ou talvez se finja surpresa, não sei. Sorri vagamente. Não parece uma espiã. Parece uma garota que eu daria tudo para conhecer melhor. E diz:

— Feliz Natal.

Agora está sorrindo de verdade. Nós continuamos andando. Não creio que ela se oponha a que eu a acompanhe. Não tenho certeza, mas acho que gosta de mim. Vejo o volume de duas laranjas que ela escondeu sob o casaco preto. São bem redondas e

exatamente do mesmo tamanho. Deixam-me nervoso. Ultimamente, as formas arredondadas me deixam terrivelmente nervoso.

Tenho a impressão de que preciso falar um pouco mais; do contrário, vale mais a pena passar por ela e dar a entender que não tenho tempo. Mas eu nunca tive tanto tempo na vida. Estou na própria fonte do tempo, estou estacionado no fim e no propósito de todos os tempos. Sou obrigado a pensar em um verso do poeta dinamarquês Piet Hein: "Quem não vive agora não vive nunca./ O que você está fazendo?".

Eu vivo agora, e não é sem tempo, pois não vivi até agora. Alguma coisa em mim não cabe em si de contente. E eu pergunto sem pensar:

— Quer dizer que você não vai para a Groenlândia? Foi uma pergunta besta. Ela fecha os olhos.

— Não — responde. — Não é lá que eu moro.

Então me lembro de que Oslo tem um bairro chamado Gronland. Fico terrivelmente sem jeito, mas acho preferível insistir no assunto. Digo:

— O que eu quero dizer é que você não vai para as geleiras groenlandesas. Com oito cachorros puxando o trenó e dez quilos de laranjas.

Ela sorri ou não sorri?

Só nesse momento me ocorre que talvez nem se lembre de mim, do incidente no bonde. Isso me decepciona, tenho a sensação de que me falta chão onde pisar, mas também não deixo de me sentir aliviado. Afinal já faz dois meses que eu derrubei o saco enorme de laranjas; antes disso, a gente nunca tinha se visto, e a cena só durou alguns segundos.

Mas decerto ela se lembra do nosso encontro na lanchonete da Karl Johan. Ou será que tem o hábito de acariciar a mão do primeiro que aparece numa lanchonete? É uma idéia desagradável. E nada lisonjeira para ela. Nem mesmo uma garota das laranjas pode andar por aí fazendo boas ações sem saber para quem.

— Laranjas? — pergunta ela, e sorri com um calor mediterrâneo, um verdadeiro siroco do Saara.

— Exatamente, laranjas suficientes para duas pessoas atravessarem a Groenlândia de ponta a ponta.

Ela pára. Não sei se está disposta a continuar conversando. Não sei se acha que eu estou tentando convidá-la a uma perigosa excursão de esqui na Groenlândia. Mas agora torna a me fitar, os olhos escuros oscilando entre os meus, procurando-os, e pergunta:

— Foi você, não?

Eu faço que sim, embora não tenha certeza do que ela está perguntando, já que não fui o único que a viu com aquele monte de laranjas. Mas então ela acrescenta, como se acabasse de lembrar de uma coisa:

— Foi você que me empurrou no bonde de Frogner, não? Eu faço um gesto afirmativo.

— Palavra que você foi o próprio Papai Noel. Eu digo:

— E esse Papai Noel quer muito pedir desculpas pelas laranjas perdidas.

Ela ri alegremente, como se nunca tivesse pensado nisso. Inclina a cabeça para o lado e diz:

— Ora, que bobagem. Eu achei você uma graça.

* * *

Desculpe interromper o relato, Georg, mas eu quero saber se você pode me ajudar a decifrar um enigma. Afinal, já deu para perceber que alguma coisa anda errada. Já naquela fatal viagem de bonde, a garota das laranjas me encarou com ar desafiador, quase como se fosse dona de mim. Parecia ter me escolhido entre todos os passageiros do bonde lotado ou até mesmo entre todas as pessoas do mundo. Então, depois, deixou-me sentar à sua mesa numa lanchonete. Passou um minuto me olhando nos olhos, depois pousou a mão na minha. Nessa mão, borbulhava todo um caldeirão de poção mágica repleta de sentimentos maravilhosos. Agora tornamos a nos encontrar poucos minutos antes que os sinos toquem anunciando o Natal. E ela não se lembra de mim?

Por certo não podemos esquecer que essa moça saiu de um conto de fadas completamente diferente do nosso, isto é, de um conto em que vigoram regras totalmente diferentes das nossas. Pois havia duas realidades paralelas, uma com sol e lua, a outra era a insondável história da carochinha cujas portas a garota da laranja abriu subitamente. E, apesar disso, Georg, só havia duas possibilidades: naturalmente, era possível que ela se lembrasse muito bem de mim nos dois episódios, talvez até no Youngstorg, mas não quisesse que eu soubesse e preferisse fingir não me reconhecer. Essa era uma possibilidade. A outra inquietava mais. Escute só: a pobre garota tinha um problema de saúde, sofria da cabeça, como se diz por aí. Pelo menos, tinha um grave problema de memória. Talvez não conseguisse se lembrar de nada, talvez se tratasse de um problema típico de esquilo. O esquilo simplesmente está solto no mundo, ora aqui, ora ali. "Quem não vive agora não vive nunca./ O que você está fazendo?" O delicioso jogo da vida não dá

lugar a lembranças e ecos, já tem muito que fazer consigo mesmo. Essa era a regra no conto de fadas da garota das laranjas. E, além disso, naquele momento ocorreu-me o nome desse conto. Chamava-se "*Entra-no-meu-sonho*".

Por outro lado, Georg: desde então, naturalmente tenho pensado muito no efeito que posso ter tido sobre ela. Eu também lhe segurei a mão, também a fitei profundamente nos olhos. E o que resolvo fazer ao lhe interceptar o caminho quando estamos saindo do culto de Natal na catedral? Eu digo "Feliz Natal", como convém, mas ela não diz "Puxa, há quanto tempo!". Nada disso, eu lhe pergunto se não vai para a Groenlândia. Quer dizer, para as geleiras groenlandesas, com oito cachorros puxando o trenó e dez quilos de laranjas. O que a garota das laranjas ia pensar de mim! Deve ter me tomado por um esquizofrênico.

Nós conversamos sem nos entender. Pusemo-nos a jogar um complicadíssimo jogo de bola, no qual havia demasiadas regras. Por mais que jogássemos, não havia bola que atingisse a meta.

E agora, Georg, eis que um táxi livre chega repentinamente da Akersgate. A garota das laranjas estende o braço direito, o carro pára, ela se afasta...

Sou obrigado a pensar na Gata Borracheira, que tem de sair do baile antes da meia-noite, pois o encanto está prestes a se desfazer. Penso no príncipe que, então, fica sozinho no terraço do palácio, abandonado, abandonado.

Mas eu tinha de contar com isso. Obviamente, a garota das laranjas precisava estar em casa na noite de Natal. *Pois é o que determinam as regras.* As garotas das laranjas não ficam zanzando por aí quando os sinos anunciam o Natal. Do contrário, de que serviriam os sinos? Aliás, os sinos da igreja não estão aí justamente para impedir que as garotas das laranjas enfeitem os rapazes? Eram quase cinco horas, e dali a pouco eu ficaria completamente sozinho naquele pedaço deserto da Ovre Slottsgate.

Tratei de pensar rápido. Só tinha um segundo para dizer ou fazer alguma coisa para que a garota das laranjas nunca mais me esquecesse.

Podia pedir o seu endereço. Podia perguntar se não íamos na mesma direção. Ou podia lhe oferecer cem coroas pelos dez quilos de laranjas, incluindo trinta de indenização pelo prejuízo, afinal era impossível saber se ela tinha mesmo desconto no mercado. Para satisfazer a minha curiosidade, podia ao menos perguntar por que ela vivia comprando aquela quantidade de laranjas. Não que fosse totalmente fora do comum armazenar víveres. Mas por que justamente laranjas? Por que não maçãs ou bananas?

Durante esse breve segundo, torno a pensar na viagem pelas geleiras groenlandesas, na família grande em Frogner, na festa de encerramento do semestre, na qual vão servir pudim de laranja aos montes — e na menininha, na pequena Ranveig, que agora deve estar no colo de um papai musculoso que prestou exame em administração de empresas há apenas quinze dias e, há um mês, foi eleito diretor do clube de rapazes "Malhados e Sarados". Duvido que dessa vez eu consiga olhar para o barulhento jardim-de-infância. As crianças me deixam nervoso.

Mas não consigo achar a palavra certa, Georg, são tantas as possibilidades. Por isso, quando ela entra no automóvel, eu simplesmente grito:

— Acho que estou apaixonado por você!

Era verdade, mas eu me arrependi do modo como disse isso.

O táxi arranca. Mas a garota das laranjas não embarcou. Mudou de idéia. Aproxima-se devagar, elegantemente transportada pelo seu próprio peso, pela sua própria vontade, segura a minha mão — mais ou menos como se, nos últimos cinco anos, tudo o que tivéssemos feito fosse segurar a mão um do outro — e faz sinal para que continuemos andando. Depois olha para mim e diz:

— Eu preciso tomar o próximo táxi. Estão me esperando.

Sim, é claro, quem a espera é um super-homem e um lindo pimpolho, penso eu. Ou uma mãe e um pai, o pai decerto é pastor — e talvez tenha sido ele que acabou de ministrar o culto —, além das quatro irmãs, dos dois irmãos e, atualmente, também há um cachorrinho no apartamento, que o pequeno Petter, o irmão caçula, conseguiu ganhar à custa de muita insistência. Ou talvez seja o mal-humorado explorador do pólo que a está aguardando com luvas polares, macacão térmico, quilhas, cera de esqui e um dicionário inuíte-dinamarquês/dinamarquês-inuíte, tudo muito bem embrulhado debaixo da árvore de Natal. Naturalmente, esta noite, a garota das laranjas não há de querer ir a nenhuma festa de encerramento do semestre. Nesta noite, o jardim-de-infância deve estar fechado.

— Logo vão tocar os sinos do Natal — digo. — Não é? Você não pode estar na cidade quando os sinos tocarem.

Ela não responde, aperta a minha mão com força e ternura — e é como se estivéssemos flutuando, levíssimos, no espaço sideral, parecemos fartos de leite intergaláctico, tendo o universo inteiro só para nós.

O Museu Histórico ficou para trás, e nós chegamos ao Parque do Castelo. Sei que a qualquer momento pode passar um táxi. Sei que em breve os campanários vão anunciar a festa de Natal.

Eu me detenho diante dela. Com muito cuidado, acaricio-lhe o cabelo úmido e pouso a mão na fivela de prata em sua nuca. Embora esteja gelada, aquece todo o meu corpo. Porque eu estou mesmo tocando aquela fivela!

Então pergunto:

— Quando a gente vai se encontrar outra vez?

Ela olha fixamente para o asfalto antes de erguer os olhos e me fitar. Suas pupilas dançam, inquietas, tenho a impressão de que seus lábios estão trêmulos. Então ela apresenta um enigma com o qual ainda hei de quebrar muito a cabeça. Pergunta:

— Quanto tempo você consegue esperar?

Que diabo de resposta eu podia dar, Georg? Talvez fosse uma armadilha. Se dissesse "dois ou três dias", eu me mostraria impaciente demais. E, se respondesse "a vida inteira", ela podia pensar que eu não a amava tanto assim ou talvez que não fosse sincero. De modo que era preciso encontrar uma resposta intermediária.

Eu disse:

— Agüento esperar até que o meu coração comece a sangrar de aflição.

Ela sorriu, insegura. Então roçou o dedo em meus lábios. E perguntou:

— E quanto tempo demora?

Desesperado, eu sacudi a cabeça e resolvi dizer a verdade.

— Cinco minutos, talvez.

Ela claramente gostou de ouvir essas palavras, mas mesmo assim sussurrou:

— Seria bom se você conseguisse agüentar um pouco mais...

Agora fui eu que tive de pedir uma resposta. Perguntei:

— Quanto?

— Você tem de esperar meio ano. Se conseguir, podemos nos rever.

Acho que deixei escapar um suspiro.

— Por que tanto?

A garota das laranjas contraiu o rosto. Pareceu estar sofrendo. E disse:

— Porque é exatamente esse o tempo que você precisa esperar.

Ela viu o quanto eu fiquei decepcionado. Talvez por isso tenha acrescentado:

— Mas, se você conseguir, nos seis meses seguintes a gente vai se ver todo dia.

Eis que os sinos das igrejas começam a dobrar, e só nesse momento eu tiro a mão de seu cabelo úmido e da fivela de prata. Ao mesmo tempo, um táxi livre se aproxima na Wergelandsvei. Tinha de ser assim.

Ela me olha bem nos olhos e parece pedir alguma coisa, pedir compreensão,

pedir-me que use toda a minha capacidade e toda a minha razão. Está com lágrimas nos olhos outra vez.

— Bom, feliz Natal então... Jan Olav — balbuciou. E indo para o meio da rua, pára o táxi, embarca e acena alegremente para mim. Mas o ar está carregado de fatalidade. Ela não olha para mim quando o carro se afasta e logo desaparece. Acho que está chorando.

Eu estava arrasado, Georg. Em estado de choque. Tinha ganhado um milhão na loto, mas só por uns poucos minutos, logo depois vieram avisar que houvera um engano, de modo que o prêmio não seria pago, pelo menos não agora.

Quem era aquela extraordinária garota das laranjas? Eu já tinha feito muitas vezes essa pergunta. Mas agora se acrescentava outra questão. *Como ela sabia o meu nome?*

Os sinos continuavam repicando, na catedral e nas outras igrejas do centro da cidade, anunciando a festa de Natal. Não se via viva-álma na rua, talvez por isso repeti várias vezes essa pergunta em voz alta no ar de dezembro, quase cantando: "Como ela sabe o meu nome?". Igualmente urgente era a terceira pergunta: por que só poderia voltar a vê-la dali a seis meses?

Eu teria ocasião de sobra para me ocupar dessa indagação. E, enquanto passavam os dias, não me faltaram respostas plausíveis, mas era impossível saber qual delas era a certa. Só podia me ater a uns poucos sintomas, porém, como eu já disse, o meu forte era interpretar sinais ou fazer diagnósticos. Quem sabe não estava exagerando um pouco? Em todo caso, surgiram muitas hipóteses paralelas.

Talvez a garota das laranjas estivesse gravemente enferma, vai ver que era por isso que lhe haviam prescrito uma rigorosa dieta de laranjas. Talvez, nos próximos seis meses, fosse obrigada a se submeter a um desagradável tratamento nos Estados Unidos ou na Suíça, já que não havia mais nada que se pudesse fazer aqui na Noruega. Mesmo porque sempre ficava com lágrimas nos olhos, principalmente quando se separava de mim. Mas ela também havia dito que, depois, nós íamos passar seis meses nos encontrando todo santo dia, ou seja, de julho a dezembro. Primeiro eu teria de passar meio ano esperando a garota das laranjas, e depois poderia ficar com ela todos os dias. Esse pensamento me deu mais coragem. No fundo, não era um trato tão ruim assim, de modo que eu não tinha motivo para me queixar. Significava que, no ano seguinte, nos veríamos em um de cada dois dias. E, além de tudo, não seria infinitamente pior passar todos os dias juntos durante seis meses, para depois nunca mais nos vermos?

Eu estava começando a estudar medicina, e todos sabem que os estudantes de

medicina, em seu afã de interpretar sinais, de fazer diagnósticos, adoram farejar doenças raras. Tal como acontece com certa frequência de os estudantes de teologia duvidarem da sua fé em Deus ou de os futuros juristas colocarem em dúvida o direito e a legislação do país. Por isso, num exercício de rigorosa autodisciplina, tentei me dissuadir de que a garota das laranjas estivesse doente e fosse obrigada a se sujeitar a um tratamento doloroso num país estrangeiro. Não me faltavam outras pistas a seguir.

No entanto, mesmo que a garota das laranjas estivesse com uma doença terminal ou completamente louca, o fato de ela saber o meu nome continuava sem explicação. E isso não era tudo: por que ela chorava quase toda vez que me via? O que havia em mim que a deixava tão indescritivelmente triste?

Nos feriados de fim de ano que se seguiram, eu pude me entregar de corpo e alma a essas cogitações. Por exemplo, era capaz de repassar muitas e muitas vezes tudo o que imaginei sobre a enorme família em Frogner. Ou de enumerar todos os motivos que me ocorriam para a restrição de eu só poder reencontrar a garota das laranjas dentro de meio ano. Uma das respostas — e talvez típica do seu gênero — dizia que a garota das laranjas era simplesmente boa demais para este mundo. Por isso tinha resolvido ir para a África, a fim de contrabandear alimento e medicamentos para os miseráveis daquela parte da Terra, principalmente nas regiões em que grassavam a malária e outras moléstias terríveis. Entretanto, uma resposta dessas não decifrava o enigma das muitas laranjas. Ora, por que não? Talvez ela pretendesse levá-las para a África. Por que eu ainda não havia pensado nisso? Era possível que tivesse investido todas as suas economias e fretado um avião Hércules só para esse fim.

Tudo bem, Georg, nós combinamos de só seguir as pegadas verdadeiras da garota das laranjas. Para lhe contar todas as minhas idéias e fantasias naquele tempo, eu teria de passar um ano inteiro diante do computador, e já não me resta tanto tempo assim. A questão é simplesmente essa, por mais que me doa pensar nela.

Mas por que parar de sonhar e devanear? Fora o fato de a garota das laranjas ter me fitado algumas vezes nos olhos, ter segurado duas vezes a minha mão e ter roçado o dedo na minha boca uma vez, eu só conseguia pensar nas nossas poucas palavras. Por isso anotei tudo por escrito e fiquei quebrando a cabeça para interpretar a nossa conversa.

E você, Georg? Será que consegue: 1º) explicar por que ela comprava tanta laranja? 2º) contar por que, na lanchonete, ela me olhou intensamente nos olhos e segurou a minha mão, mas não disse uma palavra? 3º) dizer por que escolhia cada laranja com

tanto cuidado, no Youngstorg, evidentemente procurando não pegar duas muito parecidas? É capaz de: 4º) achar um motivo pelo qual nós só podíamos nos rever dali a seis meses? E 5º) pode decifrar o maior de todos os enigmas, ou seja, como ela sabia o meu nome?

Caso consiga tudo isso, é de se supor que você esteja prestes a responder à pergunta mais importante de todas: quem era aquela garota das laranjas afinal? Uma de nós? Ou vinha de uma realidade totalmente diferente, talvez de outro mundo, no qual ainda tinha de passar seis meses antes de ser autorizada a retornar e aqui ficar?

Eu não conseguia interpretar os sinais, Georg. Não conseguia fazer um diagnóstico.

Não muito tempo depois que a garota das laranjas desapareceu no Wergelandsvei, apareceu outro táxi, o qual eu tratei de tomar. Fui para casa, no Humlevei, passar o Natal com a minha família.

Naquele inverno, Einar só tinha uma paixão, que era praticar o *slalom* em Tryvannskleiva. Eu havia comprado para ele um par de luvas de esqui muito chiques e estava ansioso para que ele abrisse o embrulho depois da ceia. Além disso, gastara um dinheirão com uma ração de luxo para a sua gata. Minha mãe ia ganhar uma muito discutida antologia de poesia sueco-finlandesa. Era de Marta Tikkanen e se intitulava *Os poemas de amor do século*. Para o meu pai, comprara o romance de um novo autor norueguês chamado Erling Gjelsvik, ambientado em Pamplona, na Espanha. Eu o havia lido e achei que interessaria ao meu pai. Convém acrescentar que, naquele tempo, eu sonhava escrever alguma coisa. Talvez por isso me pareceu particularmente interessante dar ao meu pai o livro de estréia de um escritor jovem e desconhecido.

Na época, eu costumava dormir no quatinho contíguo à sala de visitas. Agora é o seu quarto, pelo menos enquanto escrevo isto. Não posso saber como você estará quando ler o que escrevo.

Não quero falar na ceia de Natal daquele ano, não se encaixa no arcabouço que estabeleci para esta história. Só vou contar que, na noite de 24 para 25 de dezembro, não consegui conciliar o sono um segundo.

Eu tinha chegado só até a metade da longuíssima carta do meu pai, mas agora queria ir ao banheiro. A culpa era toda minha, já que tinha me entupido de refrigerante.

Droga, pensei. Ia ter de passar pela sala, pelo hall e pelo corredor, e ser crivado de olhares curiosos dos adultos. Acho que isso é que é passar pelo "corredor polonês".

Mas não tinha outra saída.

Pus o impresso na cama, abri a porta e tranquei-a ao sair. Guardei a chave no bolso.

Os quatro apareceram na hora. Procurei não dar bola para os muitos olhares interrogativos que me endereçavam.

— Já terminou? — perguntou mamãe. Ela estava com cara de ponto de interrogação, pois, afinal, o que é que eu acabara de ler?

— É triste? — quis saber Jorgen. Parecia convencido de que devia sentir pena de mim porque o meu pai morreu, embora sempre tivesse se esforçado muito para ser um bom substituto. Não deixava de ser legal da parte dele e talvez fosse melhor assim. Mas não dava para ele ter pena da minha mãe, que perdeu o marido, e ao mesmo tempo tomar o lugar desse homem, para não dizer deitar-se em sua cama. Acho que, no fundo, Jorgen achava ótimo que o meu pai tivesse morrido. Do contrário, ele não teria a mamãe. Nem Miriam. E também não teria a mim. Não é à toa que dizem: "Tua morte é minha salvação".

Reparei que ele tinha se servido de uma boa dose de uísque. Vez por outra Jorgen toma lá o seu aperitivo, mas normalmente isso só acontece nas sextas-feiras e nos sábados. Aquele dia era segunda-feira.

Não creio que ele achasse terrivelmente desagradável ficar bebendo no meio da sala, não é isso que interessa. Mas talvez achasse um pouco desagradável eu ter me trancado no quarto para ler uma coisa que o meu verdadeiro pai escreveu pouco antes de morrer, muito tempo antes que houvesse um Jorgen nesta casa. Quando era pequeno, eu às vezes o chamava de "inquilino". O que, naturalmente, era uma infantilidade. Só estava querendo provocá-lo.

— Ou você ainda não terminou ? — perguntou o vovô. Tinha acendido um charuto. E havia compreendido a situação.

— Ainda falta a metade. E agora eu vou ao banheiro.

— Mas você está gostando? — A vovó não dava sossego.

— Sem comentários — respondi. É o que dizem os políticos para os jornalistas quando não querem enfrentar perguntas complicadas.

O que a imprensa e os pais têm em comum é a curiosidade insaciável. E o que os políticos e as crianças têm em comum é que os outros não param de lhes fazer perguntas desagradáveis, para as quais nem sempre há uma resposta simples.

Talvez tenha chegado a hora de apresentar com mais detalhes os coadjuvantes

desta história, e começo pela mamãe que, afinal, é quem eu mais conheço.

Mamãe acaba de completar quarenta anos, e com toda a certeza eu posso descrevê-la como uma mulher madura e independente, pelo menos não tem o menor medo de expressar sua opinião. Além disso, ela é "maternal", e agora não estou pensando apenas no modo como cuida de Miriam. Também comigo é meio superprotetora e, às vezes, se dirige a mim como se eu fosse dois ou três anos mais novo. Em geral eu não ligo, mas de vez em quando isso me deixa furo, por exemplo, quando trago os colegas de escola para casa. Parece que ela faz questão de demonstrar aos meus amigos que eu continuo sendo o seu bebezinho, muito embora já seja alguns centímetros mais alto do que ela. Um dia eu estava jogando xadrez na sala com um amigo, ele se chama Martin, e ela se aproximou do sofá com uma escova e estava disposta a me pentear! Mas então eu disse muito claramente o que achava daquilo. Não gosto de ficar com raiva da mamãe — e, na ocasião, não fiquei com raiva, fiquei furioso, transtornado —, mas, como Martin estava presente, tive de mostrar que sabia estabelecer os meus limites. Mamãe simplesmente foi para a cozinha e, vinte minutos depois, apareceu com chocolate quente e bolo de uva passa. Martin soltou um assobio de entusiasmo, mas eu achei o fim da picada ela praticamente me dar comida quase que na boca. Tive vontade de correr para a cozinha ver se ainda havia cerveja na geladeira. Se não achasse nenhuma lata, pensei, sabia onde Jorgen guardava a garrafa de uísque. Mas a minha sorte é que Martin tem senso de humor. É claro que depois nós precisamos conversar sobre isso. Acho que ele passou a respeitar mais a minha mãe quando eu lhe contei que ela dava aula na Academia de Belas-Artes.

— Se aparecer um novo Picasso, já sabe quem foi a professora dele — disse eu. Depois do que tinha acontecido, estava muito interessado em realçar um pouco o talento dela.

É difícil descrever a própria mãe, pelo menos no que se refere a veleidades, manias e coisas do gênero, mas francamente ela tem uma particularidade muito especial. Mamãe adora alcaçuz, todo tipo de alcaçuz. Em toda parte a gente tropeça em barquinhos de alcaçuz, tirinhas e bombons. Ultimamente ela anda comendo escondida, pois Jorgen e eu resolvemos cortar o mal pela raiz e reprimir esse hábito pouco sadio. Jorgen acha que o consumo de alcaçuz provoca pressão alta, o que talvez seja um exagero, mas agora a coisa foi tão longe que eu tive de prometer a ela não contar a Jorgen quando ela vai à cidade e compra um saco de gatinhos de alcaçuz ou uma lata de bombons com recheio de alcaçuz.

Se tivesse de resumir em duas palavras o lado forte da mamãe, eu diria: o bom humor. Mas também não posso negar o seu lado fraco: o mau humor. E é bem raro eu

observar qualquer coisa entre esses dois extremos. Em geral, mamãe está muito bem-humorada, mas de vez em quando vira uma onça. Ou seja, ela sempre pende para um lado, nunca se mostra "equilibrada". A sua frase preferida é: "Agora a gente joga uma partida de baralho e depois vai dormir".

Mas falemos em Jorgen. Ele tem um metro e setenta, ou seja, exatamente a mesma altura que mamãe, coisa que não chega a impressionar num homem adulto. Muitos diriam que isso é uma desvantagem, e, se tiverem razão, não é a sua única desvantagem, pois ainda por cima Jorgen tem cabelo vermelho. Sua pele é muito clara, no verão ele nunca fica bronzeado, fica vermelho, todo queimado de sol, até nos braços o sujeito tem pêlos ruivos. Como eu já disse, Jorgen é muito ligado na moda, eu diria até obcecado. Nem todos os homens têm três tipos de desodorante e quatro de loção de barba no banheiro. Nem todos se aventuram na rua com um casaco de pele de camelo amarelo-claro e um lenço de seda preto no pescoço. Jorgen sim. E o pior é que fica bem com essa roupa.

Mas, apesar de tudo, Jorgen é investigador de policial. Vive falando na sua obrigação de manter o sigilo, mas nem sempre consegue. Há algum tempo, eles resolveram comprar um guarda-roupa novo para mim. (Alegavam, irritadíssimos, que viviam tropeçando nas minhas coisas espalhadas pela casa, mas é claro que isso era um grande exagero, pois eu nunca deixei um único pé de meia jogado no andar térreo. Mesmo porque eu raramente fico lá.) Passamos a tarde inteira montando o guarda-roupa e só de noite o pusemos no lugar. Jorgen queria colocá-lo perto da porta, mas eu não concordei. Queria que ficasse perto da janela, ainda que ele ultrapassasse meio centímetro do batente. Disse que o quarto era meu e que não me importava ficar com meio centímetro de janela a menos. Lembrei-o de que eu moro nesta casa há mais tempo do que ele e que, além disso, era bom poder abrir o guarda-roupa mesmo quando a porta do quarto estivesse aberta. Naturalmente, consegui impor a minha vontade, mas ele passou o resto do dia emburrado comigo e, mesmo assim, à custa de muito esforço.

Talvez o lado forte de Jorgen seja a disposição a dedicar quase todas as suas horas livres ao esforço de me transformar num atleta. Todo mundo nasce com músculos, ele diz, mas os músculos precisam ser usados. E é possível que o seu lado fraco seja não querer aceitar que ser atleta talvez não faça parte dos meus planos futuros. Duvido que Jorgen ache legal eu viver ensaiando a Sonata ao luar. Sem dúvida, a sua frase predileta é "Depende do gosto do freguês".

Antes de falar nos meus avós, preciso ressaltar que os conheço muito bem, tanto quanto a Jorgen, porque há anos que os visito com frequência em Tonsberg. Aliás, passei

um bom tempo na casa deles logo que mamãe e Jorgen resolveram ficar juntos. Na época, eu tinha só dez anos. Duvido que mamãe e Jorgen tivessem se casado se ela não tivesse a possibilidade de se livrar de mim durante alguns dias. Não digo isso para me queixar, pelo contrário. Eu sempre gostei de Tonsberg. Além disso, acho bom que ela e Jorgen tenham tido a sensatez de me poupar da fase inicial do seu relacionamento, ou seja, o período do flerte. Nem por isso a coisa deixou de ser dura para mim. Uma vez eu subi ao primeiro andar para dizer boa-noite, e dei com os dois debaixo das cobertas, aos beijos e abraços. Sem estômago para ficar vendo aquilo, dei meia-volta e desci a escada na ponta dos pés. Talvez tivesse reagido de outro modo se Jorgen fosse meu pai. Talvez não. No fundo, não achei aquilo tão terrível assim. Mas eles bem que podiam ter fechado a porta do quarto. Podiam ter dito que estavam com sono, que iam dormir. Então eu não teria me sentido tão idiota. E tão sozinho.

Vovó está para completar setenta anos, e a vida toda foi professora de canto. Gosta de qualquer tipo de música, mas o seu grande amor é Puccini. Transformou em missão da sua vida fazer com que eu goste de La Bohème, mas, francamente, a ópera italiana me parece tão cafona, mesmo La Bohème, não passa de uma mistura de amor com tuberculose. No mais, a minha avó gosta muito da natureza, principalmente dos pássaros. Adora todo tipo de peixe e frutos do mar e inventou, por exemplo, uma salada especial que ela chama de "salada Tonsberg" (feita com camarão, carne de siri e almôndegas de peixe; sendo que a originalidade está nas tais almôndegas). Todo outono, ela insiste em ir colher cogumelos comigo na ilha de Tjome. O seu lado mais forte: a vovó conhece os nomes de todos os passarinhos e também sabe onde eles fazem ninho. O lado mais fraco: só consegue (infelizmente) cozinhar cantando árias de Puccini. Eu não tentei fazê-la perder esse hábito, simplesmente não tive coragem, pois ela é uma ótima cozinheira. Sua frase preferida: "Sente aí, Georg, para a gente bater um papo".

Antes de se aposentar, o vovô trabalhava no Instituto de Meteorologia do Estado e nunca perdeu esse interesse, vive comprando jornais só para discutir a previsão do tempo. Fuma charutos mas, segundo ele afirma, só nas ocasiões festivas. Pelo visto, para ele, as minhas visitas a Tonsberg são ocasiões muito festivas, assim como os nossos passeios de barco. Ele é alegre e engraçado, para não dizer espalhafatoso, e não hesita em dizer o que pensa. Quando acha horrível o penteado da vovó, diz abertamente. Mas também não vacila em contar quando gosta do penteado dela. Vovô passa a metade do semestre de verão no seu barco e a outra metade debruçado nos jornais. De vez em quando, escreve uma carta de leitor à Gazeta de Tonsberg e talvez possa ser considerado uma celebridade local. Seu

lado mais forte: é um ótimo marinheiro. Seu lado mais fraco: às vezes dá a impressão de que se considera o rei de Tonsberg. Sua frase predileta: "Nós ricos temos sorte na vida!".

Também já mencionei o tio Einar. Achei gozado ler que, no outono em que meu pai conheceu a garota das laranjas, ele tinha a mesma idade que tenho agora. Hoje é piloto de um grande navio da marinha mercante, não se casou, mas garante que tem uma noiva em cada porto. {Houve uma época em que eu tive a impressão de que ele também tinha uma noiva a bordo. Em todo caso, durante uns seis meses existiu uma tal Ingrid que, depois, se demitiu de repente.) Ele vive prometendo um dia me levar ao exterior em seu navio, mas com certeza é só conversa fiada, pois não deu em nada até agora. O lado forte: possivelmente o tio mais fantástico da Noruega. O lado fraco: nunca cumpre as promessas. A frase predileta: "Não vem que não tem, rato de terra!".

Agora só falta um, mas, em compensação, é o mais difícil de descrever, pois se trata de Georg Roed. Eu tenho um metro e setenta e quatro, de modo que sou quatro centímetros mais alto do que Jorgen. Acho que ele não gosta muito disso, mas também é possível que não ligue (!). Como eu vivo dentro do garoto, nunca o vejo de fora, movimentando-se pela casa. No entanto, vez por outra, dou de cara com ele nas raras ocasiões em que paro na frente do espelho. Por presunçoso que pareça, sou obrigado a confessar que pertenço à parcela da população que está satisfeita com a aparência que tem. Não digo que sou lindo, mas horroroso também não sou. Em todo caso, é bom ficar atento. Li, em algum lugar, que mais de vinte por cento das mulheres estão convencidas de que fazem parte dos três por cento das mais lindas do país, e essa equação obviamente é impossível. Não sei quanta gente se inclui nos três por cento mais feios, mas imagino que seja horrível passar a vida toda insatisfeito consigo mesmo. Eu espero sinceramente que Jorgen não fique triste pelo fato de ser ruivo e medir só um metro e setenta sem sapatos. Às vezes me dá vontade de saber se isso acontece, mas não tenho coragem de perguntar.

Se existe uma coisa que me preocupa na minha aparência, é que ultimamente andaram saindo umas espinhas bem desagradáveis na minha testa, e não me consola saber que dentro de quatro ou oito anos elas terão desaparecido. Jorgen diz que umas boas sessões de jogging com ele podem ajudar, mas nessa eu não caio. Foi uma grande besteira ele dizer isso, e agora é que eu não corro mesmo. Para que não pensem que estou fazendo jogging só para me livrar das espinhas.

Eu herdei os olhos azuis do meu pai, sou louro e tenho a pele muito clara, mas fico bem bronzeado no verão. O meu lado forte: Georg Roed faz parte da parcela da população que realmente compreendeu que nós moramos num planeta da Via Láctea. O

lado fraco: não sou propriamente um cara audacioso. Bem que gostaria de ser um pouco mais ofensivo nesse aspecto. Frase predileta: "Por que não?".

Depois de ir ao banheiro, tive de passar pela sala outra vez, mas agora todos os adultos ficaram calados. Evidentemente, tinham combinado isso. Fechei a porta do quarto que antigamente era o do meu pai, tranquei-a e me joguei na cama. Logo ia saber quem era a misteriosa garota das laranjas. Caso meu pai tivesse voltado a vê-la, diga-se de passagem. Talvez fosse uma bruxa. Pelo menos o meu pai ela enfeitiçou. Ele devia ter um motivo para fazer tanta questão de me escrever sobre essa moça. Com certeza, eu precisava saber, era uma coisa que meu pai, antes de morrer, queria muito comunicar ao filho.

Continuava com a sensação de que a garota das laranjas podia ter alguma coisa a ver com o telescópio Hubble ou pelo menos com o universo e o espaço sideral. Meu pai escreveu uma coisa estranha que me levou a pensar assim. Voltei algumas páginas e reli: "Ela não responde, aperta a minha mão com força e ternura — e é como se estivéssemos flutuando, levíssimos, no espaço sideral, parecemos fartos de leite intergaláctico, tendo o universo inteiro só para nós".

Será que a garota das laranjas era de outro planeta? Em todo caso, insinuou-se que ela podia ser de um mundo diferente do nosso. Teria chegado num óvini?

É claro que não, não acredito numa coisa dessas, e meu pai, com certeza, também não acreditaria. Mas talvez ela estivesse convencida disso. O que não deixava de ser gravíssimo!

O Hubble dá uma volta em torno da Terra em noventa e sete minutos, a uma velocidade de vinte e oito mil quilômetros por hora. Só para comparar: a primeira locomotiva a vapor da Noruega levava duas horas e meia para percorrer o trecho de sessenta e oito quilômetros entre Christiania e Eidsvoll. Eu fiz o cálculo, e resultou numa velocidade média de vinte e oito quilômetros por hora. Portanto, o telescópio Hubble é mil vezes mais veloz do que o primeiro trem da Noruega. (O meu professor gostou muito da comparação!)

Vinte e oito mil quilômetros por hora! Isso sim é flutuar, levíssimo, no espaço sideral! E é faltar-se de "leite intergaláctico". Pelo menos considerando que ele passa o tempo todo tirando fotografias de coisas situadas a milhões de anos-luz da Via Láctea.

O Hubble possui duas asas com placas solares. Elas têm doze metros de comprimento, dois e meio de largura e fornecem três mil watts ao satélite. Mas, ao sair da catedral, passar pelo Museu Histórico e chegar ao Parque do Castelo, é bem pouco

provável que aqueles dois pombinhos se sentassem nessas asas para ter o universo inteiro só para eles. Muito embora talvez estivessem no sétimo céu.

Peguei o maço de papéis e continuei lendo.

Entre o Natal e o Ano-Novo, eu não tentei encontrar a garota das laranjas. Deixei reinar a paz natalina. Mas, em janeiro, parti para a luta. Estava em ótima forma.

Fiz centenas de tentativas de localizá-la, mas sucesso, que é bom, não tive nenhum, motivo pelo qual nada posso contar. Tenho certeza de que você já se acostumou ao ritmo e à lógica deste relato.

Mesmo assim, vou abrir uma exceção, e ela tem a ver com um momento importante que eu esqueci de pôr na listinha de enigmas para você decifrar. O velho anoraque de andarilho, Georg! E esse anoraque? Foi justamente ele que me levou à idéia de uma penosa excursão de esqui nos gelos da Groenlândia. Foi ele que me levou a supor que talvez a garota das laranjas fosse muito pobre. Mas, acima de tudo, sugeria que ela adorava passear no frio.

Por isso tratei de esquiar muito naquele inverno, e é bem possível que as tantas excursões pelas imediações de Oslo e das montanhas tenham contribuído para que, durante mais de dois meses, o meu corpo conseguisse manter à distância esta doença cruel. Mas agora não quero falar nesses passeios de esqui, pois eu não a vi, não cruzei com ela nos Loipen nem em Kikut, Stryken ou Harestua. No entanto, com a chegada de março, começou a se aproximar o domingo do Holmenkollen. Eu ficava contentíssimo toda vez que pensava na iminente temporada de esqui. Agora todas as peças pareciam se encaixar, todo o quebra-cabeça. Para mim, era como a quina da loto, só faltava um sorteio, e as chances estavam para lá de boas.

Quando faz bom tempo, mais de 50 mil pessoas se reúnem no Holmenkollen nesse domingo. Ou seja, uma porcentagem enorme da população de Oslo sobe esse morro. Mas qual é a porcentagem dos que vão com um anoraque velho? Se você quiser saber, eu diria que fica bem perto dos cem por cento.

Pois bem, fui ao Holmenkollen, e o tempo não estava nada mau, coisa que aumentava as minhas probabilidades. Eu tinha mais de 50 mil chances de topar com a garota das laranjas, e palavra que, naquele domingo de março, não faltavam anoraques velhos lá em cima, em todos os tons de desbotado. Por isso nem olhei para a pista de esqui, estava mais do que ocupado com a contemplação dos muitos anoraques. Avistei várias vezes a garota das laranjas e, em todas, podia ter soltado um grito de alegria, mas nunca

era ela. Em duas ocasiões cheguei a ver a fabulosa fivela de prata no cabelo, mas não era a dela.

A garota das laranjas não estava lá, Georg. Simplesmente não estava. E essa foi a única coisa que eu registrei. Nem cheguei a saber quem venceu a prova de salto. Tudo que constatei naquele domingo foi que a garota das laranjas não foi ao Holmenkollen. Eu só tinha olhos para o que não existia.

Depois disso, estive só mais uma vez no Holmenkollen e não sei se isso lhe diz alguma coisa. Será que lhe desperta uma vaga lembrança de algo que nós dois fizemos lá quando você tinha quase três anos e meio?

Nessa ocasião, nós ficamos na parte de baixo do declive, olhando para os esquiadores lá no alto. Era um dia de março particularmente radiante. Um raro favônio elevava muito a temperatura. E, para que não cancelassem a competição de esqui, foi preciso ir buscar neve em meia Noruega, para ser mais exato, no alto das montanhas próximas de Finse. Nesse ano, Jens Weifsflog ficou com a medalha de ouro. Foi uma grande decepção para o público norueguês, mas não propriamente uma surpresa, pois aquela não era a primeira vitória de Weifsflog.

Vou lhe contar um segredinho. Mesmo naquele dia quente de março, quase um ano atrás, quando eu e você estávamos no Holmenkollen, mais de uma vez eu me surpreendi procurando a garota das laranjas. Tinham se passado mais de dez anos, mas a frustração continuava dentro de mim.

Eu tenho pouco tempo, meu filho. Mas não é só por esse motivo que vou saltar algumas semanas. Antes disso não há nada que valha a pena contar.

Num dos últimos dias de abril, achei um bonito cartão-postal na minha caixa de cartas. Era sábado, e eu tinha ido visitar meus pais no Humlevei. Portanto, o cartão não foi enviado a Adamstuen, onde na época eu morava com Gunnar. Mesmo assim, estava endereçado a mim.

Agora ouça: no cartão havia um laranjal encantador, e na fotografia estava escrito com letras grandes PATIO DE LOS NARANJOS; isso significa mais ou menos "pátio das laranjeiras", isso o meu espanhol permite saber. Como já disse, eu sempre soube interpretar sinais.

Pátio das laranjeiras! O meu coração disparou. Georg, existe uma coisa chamada pressão arterial. Em situações extremas, ela pode subir repentinamente, pode até saltar. Mas nem por isso a gente deve se furtar às grandes experiências e às emoções fortes. Esse

estado não oferece nenhum perigo. (Espero que, mesmo assim, você não se meta a voar com asa-delta nem a praticar o pára-quedismo no futuro. E nada de *bungee jumping*!)

Eu virei o cartão-postal. Tinha sido postado em Sevilha e só estava escrito: *Eu penso em você. Dá para esperar mais um pouco?*

Nada mais, nem o nome do remetente. Mas havia um rosto desenhado no cartão, e era o rosto dela, Georg, aquela carinha de esquilo. Parecia desenhado por uma artista, por uma grande artista, aliás.

Nada disso me surpreendeu muito. Naturalmente, a garota das laranjas estava no pátio das laranjeiras, como não podia deixar de ser. Simplesmente tinha viajado ao seu reino, o país dos laranjais. Tudo isso era perfeitamente normal na minha imaginação. Afinal, o Menino Jesus também preferiu ficar no templo para estar na casa de seu pai.

Não era difícil de entender. Eu tinha matado a charada. Todas as combinações do jogo de paciência se revelaram de uma hora para a outra. Lá a garota das laranjas podia passar meio ano tomando fôlego para se dedicar ao seu interesse exigente, quase artístico, pelas variedades de laranja, e então finalmente voltaria para cumprir a promessa de passar outros seis meses encontrando-se diariamente comigo. Depois, talvez precisasse partir de novo para tornar a respirar, mas então tudo seria diferente, muito diferente.

Eu fiquei felicíssimo, meu cérebro se pôs a produzir grandes quantidades de uma substância a que nós, médicos, damos o nome de "endorfina". Existe uma palavra especial para designar esse estado quase mórbido de felicidade, a gente diz que o paciente está "eufórico". Pois era nesse estado que eu me encontrava. E, por isso, fui correndo falar com os meus pais, os dois estavam no jardim-de-inverno, mamãe na cadeira de balanço verde e papai atrás de um jornal na velha espreguiçadeira. Entrei precipitadamente e comuniquei que ia me casar. Foi o que eu disse, que pretendia me casar. Coisa que não devia ter feito, pois meia hora depois veio o grande tombo. Meu cérebro parou de produzir endorfina e lá se foi a euforia. E eu acabei sem entender bulhufas. Compreendendo menos do que nunca.

A garota das laranjas já mostrara que sabia o meu nome. Mas agora estava claro que também sabia o meu sobrenome. E isso não era tudo, Georg: lá no país dos laranjais, tinha até mesmo o endereço da casa do Humleveli. O que você me diz disso? Era bom, de algum modo, era uma idéia maravilhosa, fosse qual fosse a explicação que se desse ao enigma. Mas também não era triste ela ter ido à Espanha sem me dizer uma palavra que fosse, naqueles minutos mágicos em que estivemos de mãos dadas no Parque do Castelo, pouco antes que os sinos do Natal comesçassem a dobrar e a Gata Borracheira embarcasse na sua carruagem que, do contrário, viraria uma abóbora?

Agora tinham se passado três meses e meio, e no mínimo vinte e cinco incursões de esqui ou expedições de busca.

Ou será que a garota das laranjas também havia estado no Marrocos, na Califórnia ou no Brasil? Hoje em dia, a laranja é um fruto fantástico, Georg. Na minha opinião, há muito que devia ter sido canonizada como a fruta mais importante da natureza. Talvez a garota das laranjas trabalhasse na Agência de Inspeção das Laranjas da ONU (AIL)? Acaso as laranjas estavam sendo atacadas por uma nova praga? Ou será que ela ia com tanta frequência ao Youngstorg para avaliar o estado de saúde das laranjas? Era por isso que fazia inspeções semanais?

Talvez aquela moça tão viajada já tivesse estado na China. Então devia saber que, em alguns lugares, essa fruta também era conhecida como "maçã-da-china", pois provém desse país. Entretanto, se a garota das laranjas estivesse na China, onde brotou a primeira laranjeira do planeta, eu infelizmente não tinha a menor possibilidade de lhe enviar um cartão-postal com os dizeres *À garota das laranjas, China*. Para o correio chinês seria difícilimo localizá-la em meio a mais de um bilhão de pessoas. Eu certamente conseguiria, mas confesso que duvidava que os carteiros chineses se dispusessem a procurá-la com a mesma avidez.

Deixe estar, Georg, a gente precisa prosseguir.

Larguei os estudos durante alguns dias, pedi mil coroas emprestadas aos meus pais e comprei passagem num vôo barato para Madri. Lá pernoitei na casa do tio de um conhecido. Na manhã seguinte, embarquei no avião para Sevilha. Certeza de que a encontraria eu não podia ter, partia do princípio de que as probabilidades eram mais ou menos iguais às do Holmenkollen. E mais: mesmo que não a encontrasse em Sevilha, quer dizer, cara a cara, eu sabia que ela estivera lá pouco tempo antes de sua longa viagem, digamos, ao Marrocos. Além disso, ficaria conhecendo o país dos laranjais e respiraria um pouco do ar tão cítrico que ela havia respirado, passaria pelas ruas pelas quais ela passara, talvez até me sentasse nos mesmos bancos em que tinha se sentado. Só isso já valia a viagem. Ademais, não era tão inconcebível assim dar com vestígios importantes que ela porventura tivesse deixado, por exemplo, no tal pátio das laranjeiras, supondo que me permitissem entrar lá. Imaginei que aquele lugar sagrado fosse protegido por muralhas, cães ferozes e guardas armados até os dentes.

No entanto, pouco mais de meia hora depois de desembarcar em Sevilha, tive a oportunidade de passear no pátio das laranjeiras. Ficava espremido atrás da grande

catedral da cidade e era um belo pomar cercado de muros, quase uma plantação-modelo, cheia de árvores geometricamente enfileiradas, todas carregadas de frutas maduras. Mas nem sinal da garota das laranjas. Era de se presumir que tivesse ido à cidade pouco antes. Por certo não ia demorar...

Tentei refletir com o máximo de sensatez, procurando me convencer de que não podia ter esperança de encontrá-la imediatamente, talvez nem mesmo no primeiro dia. Por isso, passei só três horas no pátio das laranjeiras. Contudo, só para ter certeza, resolvi deixar um bilhete numa velha fonte bem no centro do pomar. Escrevi: *Eu também penso em você. Não, não dá para esperar nem mais um pouco.* Coloquei uma pedrinha em cima do papel.

Não assinei o meu nome nem escrevi o da destinatária do recado, mas acrescentei um pequeno desenho da minha cara. Embora o retrato estivesse longe de se parecer comigo, tinha certeza de que, quando encontrasse o bilhete, a garota das laranjas saberia de quem era. Por certo não ia demorar a voltar. Era natural que fosse dar uma olhada na correspondência de vez em quando.

Só uma hora depois de deixar o bilhete debaixo da pedra e retornar à cidade foi que me ocorreu, para a minha grande contrariedade, que talvez eu tivesse feito uma tremenda besteira.

Ela dissera: *Você tem de esperar meio ano. Se conseguir, podemos nos rever.* Eu perguntei por que devia esperar tanto. E a garota das laranjas respondeu: *Porque é exatamente esse o tempo que você precisa esperar. Mas, se você conseguir, nos seis meses seguintes a gente vai se ver todo dia.*

Entendeu, Georg? Eu havia infringido o regulamento. Não agüentara os seis meses de espera. E, por esse motivo, ela já não tinha obrigação de cumprir a promessa de se encontrar diariamente comigo nos seis meses seguintes.

O nosso acordo solene era fácilimo de compreender, mas terrivelmente difícil de cumprir. Acontece que todos os contos de fada têm as suas regras, e é graças a elas que um se distingue do outro. Não há necessidade de *entender* essas regras. Há necessidade de observá-las. Do contrário, as promessas não se cumprem.

Entendeu, Georg? Por que a Gata Borralheira foi obrigada a sair do baile no palácio antes de meia-noite? Eu não tinha a menor idéia, e a Cinderela certamente também não. Mas ninguém pode fazer essas perguntas quando entra no maravilhoso país dos sonhos por meio do encanto e da magia. Simplesmente deve aceitar as condições, por

absurdas que sejam. Para ficar com o príncipe, a Gata Borralheira é obrigada a fugir do baile à meia-noite em ponto. Nada mais simples, nada mais explícito. É preciso observar as regras. Senão, lá se vai o vestido de baile, e a carruagem vira abóbora. Portanto, ela faz o que pode para estar em casa à meia-noite e consegue por um triz, só que, no caminho, perde um sapatinho. Curiosamente, é justo esse sapatinho que ajuda o príncipe a encontrá-la no fim da história. E as irmãs malvadas pagam caro o fato de não terem observado o regulamento.

Mas nesse conto de fadas vigoravam outras regras. Se eu visse a garota das laranjas três vezes com um grande saco de frutas nos braços, ela me pertenceria. Mas tinha de vê-la na noite de Natal e, mais do que isso talvez, tinha de fitá-la nos olhos no exato momento em que o dobrar dos sinos anunciasse o Natal e, ao mesmo tempo, tinha de tocar na fivela de prata mágica. Não adianta perguntar por quê, Georg, as regras eram essas. Se eu não passasse pela prova derradeira e decisiva, que consistia em ficar seis meses longe dela, todo o meu esforço teria sido em vão e tudo estaria perdido.

Voltei precipitadamente ao pátio das laranjeiras. Mas o bilhete havia sumido, e era impossível saber se ela o encontrara. Afinal, qualquer turista norueguês podia tê-lo pegado.

No momento em que pus os olhos na pedra sob a qual havia deixado o bilhete — como ficou dito, ele desaparecera por completo —, ocorreu-me outra coisa. Algo que me deu um pouco de esperança, por mais que eu tivesse infringido as regras. O que você acha, Georg: a garota das laranjas havia escrito um cartão-postal para mim porque sabia o meu endereço. Ora, eu simplesmente lhe deixara a devida resposta, mas, como não sabia o endereço dela, tivera de bancar o mensageiro e levar o bilhete em pessoa ao pátio das laranjeiras, de onde ela remetera o cartão.

Não era mais ou menos a mesma coisa? Ela também não havia infringido o regulamento? O que você acha, Georg? Com toda certeza, sabe interpretar tão bem quanto eu as regras desse conto de fadas.

Por outro lado, é verdade que ela me pedira para esperar *mais um pouco*. Isso renovava o nosso pacto. E eu tinha respondido que não podia aceitar as condições ou que já não estava disposto a observar as regras.

Ela escreveu: *Eu penso em você. Dá para esperar mais um pouco?*

Mas, Georg: se a resposta sincera a esse pedido era que eu não agüentava esperar mais, o que fazer? Qual é a sua opinião?

Não, eu não tinha como saber. Estava envolvido demais. Naquele momento, só me restava dar um jeito de encontrá-la.

Nunca havia estado em Sevilha ou mesmo na Espanha. Mas não tardei a acompanhar o fluxo de turistas até o antigo bairro judeu. Chamava-se Santa Cruz, e mais parecia um enorme templo em homenagem à laranjeira. Todas as praças e mercados eram cercados de pés de laranja.

Depois de vagar de uma praça a outra sem encontrar a garota das laranjas, acabei me instalando num café, onde havia uma mesa vaga à sombra de uma frondosa laranjeira. Tinha visitado todas as praças de Santa Cruz, e sem dúvida alguma aquela era a mais bonita. Chamava-se Plaza de la Alianza.

Fiquei ali e tive o seguinte pensamento: para quem procura uma pessoa numa cidade grande, sem ter a menor idéia de onde ela está, vale a pena ficar vagando de um lugar a outro ou é mais fácil encontrá-la se a gente se plantar num lugar bem central e lá permanecer até que ela apareça por conta própria?

Leia duas vezes essa frase antes de formar uma opinião, Georg. A conclusão a que cheguei foi a seguinte: o bairro mais lindo de Sevilha era Santa Cruz; e a praça mais linda desse bairro, a Plaza de la Alianza. Se a garota das laranjas também pensasse assim, cedo ou tarde acabaria aparecendo. Nós tínhamos nos encontrado em uma lanchonete de Oslo. E tínhamos nos encontrado na catedral. Se havia uma coisa que a garota das laranjas e eu sabíamos fazer muito bem, era encontrar-nos por acaso.

Resolvi ficar lá mesmo. Eram só três da tarde, eu podia passar pelo menos oito horas na Plaza de la Alianza. Não me pareceu uma espera tão longa assim. Antes de partir de Oslo, eu reservei um quarto em uma pequena pensão ali perto. Tinha de voltar para lá até meia-noite, quando trancavam a porta. (Até as pensões espanholas têm regras que a gente precisa observar!) Se a garota das laranjas não aparecesse até a meia-noite daquele primeiro dia, eu pretendia passar todo o dia seguinte na tal praça, ficaria esperando do amanhecer ao anoitecer.

E esperei e esperei. Olhava para todos os que entravam e saíam da praça, espanhóis e estrangeiros. Cheguei à conclusão de que o mundo era mesmo lindo. Voltei a ter aquela sensação eufórica que abrangia tudo que me rodeava. Pois quem somos nós que aqui vivemos? Cada pessoa naquela praça era como uma arca de tesouro viva, repleta de pensamentos e recordações, de sonhos e saudades. Eu ocupava o centro da minha própria existência neste mundo, mas isso naturalmente valia para todos os outros seres humanos que povoavam a praça. Para o garçom, por exemplo, cuja tarefa era servir quem lá entrasse, e, ao pedir a quarta xícara de café, tive a impressão de que ele achou que já fazia muito tempo que eu estava ocupando aquela mesa, umas três ou quatro horas. Mais

de meia hora depois, vendo a quarta xícara vazia, ele me perguntou com toda a amabilidade se devia trazer a conta. Mas eu não podia ir embora, estava aguardando a garota das laranjas, de modo que achei melhor pedir uma porção grande de *tapas* e um refrigerante. Nada de cerveja ou vinho enquanto a garota das laranjas não chegar, pensei; aí então nós tomaremos champanhe. Mas a garota das laranjas não apareceu. Quando deram as sete horas, achei conveniente pedir a conta. De repente, percebi o quanto tinha sido ingênuo. Fazia muitos dias que eu encontrara o cartão-postal de Sevilha na caixa de cartas, e ele havia demorado outros tantos para chegar.

A garota das laranjas me pareceu tão inalcançável quanto sempre fora. Obviamente, tinha coisa mais importante para fazer do que brincar de esconde-esconde comigo, talvez estivesse estudando espanhol em Madri ou em Salamanca. Paguei a conta, agora eu podia ir embora. Estava decepcionado com a minha insensatez e foi com um nó na garganta que decidi voltar à Noruega no dia seguinte.

Não sei se você já provou essa horrível sensação de haver feito uma coisa em vão. Talvez tenha saído de casa, debaixo de neve ou chuva, e ido à cidade a fim de comprar uma coisa de que precisava com muita urgência e tenha dado com o nariz na porta da loja que fechou dois minutos antes. É o tipo da coisa irritante, e o que mais irrita é a nossa própria burrice. Pois eu estava com a desagradável impressão de que tudo fora inútil, e não era por ter ido de bonde ao centro da cidade. Eu fizera uma viagem a Sevilha sem ter nenhuma referência além de um cartão-postal, não conhecia ninguém lá, logo ia me enfiar numa pensãozinha ordinária e praticamente não sabia falar uma palavra em espanhol. Fiquei com vontade de dar uma boa bofetada em mim mesmo, se bem que isso seria tão idiota que tornaria tudo ainda mais lamentável, mas resolvi me punir de outro modo, mesmo porque não me faltavam possibilidades, eu podia, por exemplo, me condenar a nunca mais ter qualquer coisa a ver com a garota das laranjas, até o fim da vida, acontecesse o que acontecesse.

E eis que ela chega, Georg! Eram sete e meia, e de repente lá está ela na Plaza de la Alianza!

Quatro horas e meia depois de eu ter me instalado debaixo da laranjeira, a garota das laranjas entra esvoaçando na praça dos laranjais. Naturalmente sem o velho anoraque, afinal o clima da Andaluzia é subtropical. Estava com um vestidinho de verão de conto da carochinha, mais vermelho do que as buganvílias que eu vira no muro nos fundos. Talvez o tivesse pedido emprestado à Bela Adormecida ou roubado de uma fada.

Ainda não me viu. Está escurecendo na praça. Faz calor, muito calor, porém

mesmo assim eu sinto frio, tenho arrepios.

Mas então, Georg — não posso poupá-lo disso —, então percebo que ela vem acompanhada de um rapaz, ele deve ter uns vinte e cinco anos. É alto, bem-apessoado e ostenta uma exuberante barba loura. Tem cara de explorador do pólo. E o que mais me incomoda é ele não ser nada antipático.

Pois bem, eu perdi a parada. Mas a culpa é toda minha. Infringi o regulamento. Quebrei uma promessa solene. Interferi em algo que não me pertencia, em um conto de fadas que não compartilhava comigo as suas regras. "Você tem de esperar meio ano", ela havia dito. "Se conseguir, podemos nos rever..."

Quando eles me avistam, eu certamente estou mais parecido com o fogão que a Gata Borracheira tinha de esfregar e limpar do que com o príncipe que a livrou da opressão da madrasta e das irmãs postiças. Digo quando *e/les* me avistam, pois, sei lá por que, não é a garota das laranjas quem primeiro olha para mim. Quem primeiro me nota é o sujeito barbudo. (Você consegue entender, Georg? Eu não consegui.) Ele segura o braço da garota das laranjas, aponta para mim e diz alto e bom som, de modo que todos os presentes ouçam:

— Jan Olav!

Pelo sotaque, percebo que é dinamarquês. Eu nunca o vi mais gordo.

O que acontece agora é muito rápido, mesmo assim é bom você procurar imaginar como foi. A garota das laranjas me vê debaixo da laranjeira. Fica dois segundos parada junto a uma grande fonte ornamental, no centro da praça, olha fixamente para mim, como que paralisada, e depois de um segundo parece já estar há uma ou duas horas petrificada naquela posição, incapaz de se mexer. Mas ela se mexe. A Bela Adormecida passou cem anos dormindo e então acordou, e foi como se não tivesse cochilado mais do que meia hora. Ela vem correndo, enlaça-me o pescoço e repete exatamente o que o dinamarquês acaba de dizer:

— Jan Olav!

Então é a vez do dinamarquês, Georg. Ele se aproxima da mesa devagar, aperta a minha mão com muita força e diz de modo gentil:

— É um prazer conhecê-lo pessoalmente, Jan Olav!

A garota das laranjas já se sentou, e o dinamarquês pousa a manzorra no ombro dela e diz:

— Bom, agora com licença!

Com essas palavras, vai se afastando sem nos dar as costas, recua, sai do café,

finalmente gira sobre os calcanhares e retorna trotando para a praça de onde veio. E desaparece. Sim, e nós ficamos livres dele. As boas fadas estão mesmo do meu lado. Ela está sentada à minha frente. Põe as mãos nas minhas. Sorri com ternura, talvez um pouco nervosa, mas assim mesmo com ternura.

— Você não conseguiu — diz. — Não conseguiu me esperar.

— Não — reconheço. — Porque o meu coração começou a sangrar de aflição.

Eu a fito. Ela continua sorrindo. Procuro sorrir também, mas não consigo.

— Quer dizer que eu perdi a aposta — acrescento.

Ela pensa um pouco antes de responder:

— Uma vez ou outra na vida, a gente precisa suportar um pouco a saudade. Eu lhe escrevi. Queria lhe dar a força de que você estava precisando para agüentar mais um pouco.

Percebo um tremor nos meus ombros.

— Então eu perdi — repito.

— A verdade é que você foi desobediente — diz ela com um sorriso incerto. — Mas talvez nem tudo esteja perdido.

— Como assim?

— É como antes. A questão é saber quanta paciência você tem.

— Não estou entendendo nada.

Ela aperta com carinho as minhas duas mãos.

— O que você não está entendendo, Jan Olav? — limita-se a dizer, a sussurrar, a murmurar.

— As regras. Eu não entendo as regras.

E foi assim que começou a nossa longa conversa.

Georg! Não preciso contar tudo o que dissemos aquela noite e aquela madrugada, mesmo porque não me lembraria de tudo. Fora isso, sei que você tem um monte de perguntas para as quais quer resposta o mais depressa possível.

Assim, uma das primeiras coisas para as quais eu quis uma explicação foi como a garota das laranjas sabia o endereço dos meus pais. O cartão-postal de Sevilha era recente. Dirigi a ela um olhar interrogativo, e ela me perguntou com doçura na voz:

— Jan Olav... você não se lembra mesmo de mim?

Eu a examinei. Tentei vê-la como se aquele fosse o nosso primeiro encontro. Não me limitei a olhar para os seus olhos escuros, não sondei unicamente aquele rosto tão

expressivo. O meu olhar desceu até os seus ombros nus, ela não se importou, e eu observei o seu leve vestido. Mas não foi nada fácil lembrar-me dela em outro contexto que não as raras vezes em que nos encontramos pouco antes do Natal. Caso tivesse cruzado alguma outra vez na vida com a garota das laranjas, eu simplesmente não conseguia recordar, pois ali, àquela mesa, a única coisa em que eu podia pensar era no quanto ela era linda, infinitamente linda. Deus a criara, pensei. Ou quem sabe não teria sido Pigmalião, aquele grego fabuloso que esculpiu no mármore a mulher ideal e suscitou a compaixão da deusa do amor, que deu vida à estátua. No nosso último encontro, a garota das laranjas estava usando chapéu e casaco de inverno. Agora trajava uma roupa tão vaporosa que eu cheguei a ficar constrangido, com a sensação de estar perto demais dela. E, mesmo assim, ou talvez justamente por isso, não conseguia reconhecê-la.

— Não dá para tentar se lembrar de mim? — repetiu ela. — Eu queria tanto que você conseguisse.

— Pode me dar uma dica? — pedi. Ela disse:

— O Humleveí, seu bobó.

O Humleveí. Foi lá que eu cresci. Lá que nasci. Tinha passado a vida inteira no Humleveí. Fazia só seis meses que estava morando em Adamstuen.

— Ou o Irisvei — acrescentou ela.

Era a mesma região. O Irisvei começava no Humleveí.

— Klevervei talvez!

Também ficava perto. Quando eu era pequeno, vivia brincando no parque entre as casas de Klevervei. Lá havia muitos arbustos e árvores. Acho que também havia um tanque de areia e um balanço. Mais tarde, construíram bancos.

Tornei a encarar a garota das laranjas. E tive um sobressalto, foi mais ou menos como acordar de uma hipnose muito profunda. Eu apertei as mãos dela. Faltou pouco para que não me saltassem lágrimas.

— Veronika! — exclamei então.

Ela abriu um sorriso luminoso. Mas ainda me pergunto se, ao mesmo tempo, não enxugou uma lágrima.

Eu a fitei nos olhos, mas o meu olhar não ficou errando à toa. Já não havia o que pudesse me conter, eu estava livre de toda e qualquer inibição. De repente, tive coragem de me mostrar sem reserva alguma. Ousei me entregar por inteiro à garota das laranjas. E isso foi um grande alívio para mim.

Talvez não exista nenhuma intimidade equivalente a dois olhares que se

encontram com firmeza e determinação, e além disso eles simplesmente não querem se separar.

A menina de olhos castanhos morava em Irisvei. Passamos juntos quase todos os dias desde que aprendemos a andar ou pelo menos a falar. Entramos juntos na escola mas, logo depois do Natal, Veronika e sua família se mudaram para outra cidade, na época nós tínhamos sete anos. Portanto, tinha sido doze ou treze anos antes. Mas, desde então, nunca mais voltamos a nos ver.

Sempre brincávamos no parque de Klevervei, entre arbustos e flores, bancos e árvores. Lá levávamos a nossa vida de esquilos — sim, toda uma vida de esquilos. Se Veronika não tivesse mudado, aquela infância despreocupada não tardaria a acabar. Eu já estava cansado de ouvir dizerem, no pátio da escola, que eu gostava mais de brincar com meninas.

Lembrei-me de uma canção que nós dois ouvimos na minha casa ou na dela e que sempre cantávamos quando estávamos brincando: "Há aqui um homenzinho que brinque com mulherzinhas? Então no fim os dois vão brincar no seu pequeno reino encantado..."

— Mas você não me reconheceu — disse ela, deixando claro que continuava desapontada com isso, talvez meio zangada até. De repente, era uma garotinha de sete anos que estava falando comigo, não uma mulher feita de vinte.

Eu não conseguia parar de olhar para ela. Achava o seu vestido vermelho encantador e impressionante. Dava para ver a respiração dela, pois o vestido subia e descia, subia e descia, quase como as ondas do mar numa linda praia, e a praia era o vestido.

Ergui a vista. E o meu olhar parou numa borboleta amarela entre as folhas de uma laranjeira. Não era a primeira que eu via aquele dia. Era uma entre muitas.

Então apontei para ela e disse:

— Como eu ia reconhecer uma lagarta que faz tempo já se transformou em borboleta?

— Jan Olav! — disse ela com severidade. E não se disse mais nenhuma palavra sobre aquela metamorfose de criança para mulher.

Eu continuava com muitas perguntas sem resposta. O meu encontro com a garota das laranjas me levava à beira da loucura, pelo menos havia abalado a minha existência de cabo a rabo.

— Nós nos encontramos em Oslo. Nos vimos três vezes e, desde então, eu praticamente não consigo pensar em outra coisa. Aí você sumiu, simplesmente desapareceu. Era mais difícil reter você do que caçar uma borboleta. Mas por que eu tinha de esperar seis meses para voltar a vê-la?

Ora essa, obviamente porque ela queria passar seis meses em Sevilha. Isso eu já estava começando a entender. Mas por que fazia tanta questão de passar meio ano em Sevilha? Será que era por causa do tal dinamarquês?

Você certamente pode imaginar a resposta dela, Georg. Eu não pude, mas você sabe o que é importante para Veronika. Enquanto escrevo esta longa carta, não cesso de me perguntar se o quadro grande das laranjeiras continua na parede do hall. Ela sempre diz que já superou esse quadro — é o que está dizendo agora, enquanto escrevo —, mas, pelo seu bem, espero que não o tenham dado a ninguém ou jogado no sótão. Se foi esse o caso, convém procurá-lo.

Ela disse:

— Eu estou numa escola de arte aqui, mais exatamente numa escola de pintura. Queria muito fazer esse curso, era tão importante para mim!

— Escola de pintura? — repeti. Eu estava atônito. — Mas por que você não me contou na noite de Natal?

Como ela demorasse a responder, eu disse:

— Lembra como estava nevando? Lembra que acaricieei o seu cabelo? Lembra que os sinos começaram a tocar bem quando o táxi chegou? E então você sumiu!

Ela disse:

— Eu me lembro de tudo. Para mim, é como um filme. Como as primeiras cenas de um filme... muito romântico.

— Pois eu não entendo por que você fez tanto segredo — declarei.

Ela ficou séria por um instante. E disse:

— Acho que fiquei gostando de você aquela vez no bonde. Gostando de novo, pode-se dizer, mas agora é bem diferente de antigamente. E então nós nos reencontramos. Mas eu acreditei que agüentaríamos passar seis meses separados. Cheguei a achar que era necessário. Quando crianças, nós éramos tão próximos! Mas agora já não somos crianças. Agora talvez fosse bom sentirmos um pouco de saudade um do outro. Quer dizer, para que não voltemos a brincar juntos meramente por força de um velho hábito. Você devia me descobrir outra vez. Por isso não quis contar onde estava.

Já não lembro bem qual foi a minha resposta e também não recordo tudo que a

garota das laranjas disse, porém, quanto mais a gente conversava, mais depressa saltava de um episódio para outro, de um tema para outro.

— E o dinamarquês? — perguntei quando a ocasião permitiu. Tive a sensação de estar cobrando uma coisa. Foi uma besteira. Eu me senti tão ridículo.

Ela respondeu com poucas palavras, quase zangada. Disse:

— Ele se chama Mogens. Está fazendo o mesmo curso. Tem muito talento. E foi bom encontrar outro escandinavo aqui.

Tudo começou a girar na minha cabeça. Eu perguntei:

— Mas como ele sabe o meu nome?

Já me perguntei muitas vezes se ela não corou um pouco nesse momento, mas não sei, talvez o vestido vermelho não me deixasse ver bem, e, além disso, já estava escuro, só dois postes de ferro fundido projetavam uma luz dourada na praça. Tínhamos pedido uma garrafa de vinho tinto da Ribera del Duero e estávamos com os copos na mão.

Ela respondeu:

— Eu pintei o seu retrato. Foi de memória, mas saiu muito parecido com você. Mogens gosta dele. Qualquer dia eu o mostro. Chama-se simplesmente *Jan Olav*.

Veronika é que tinha desenhado o próprio rosto no cartão-postal. Isso eu nem precisei perguntar. Mas ainda havia uma coisa que me dava o que pensar. Eu disse:

— Então o sujeito do Toyota branco não era Mogens? Ela riu. E pareceu querer mudar de assunto. Disse:

— Por acaso você pensa que eu não o vi aquele dia no Youngstorg? Estava lá só por sua causa!

Isso eu não entendi. Tive a impressão de que era uma charada. Mas ela explicou:

— Primeiro nós nos encontramos no bonde. Depois eu saí investigando pela cidade para saber qual era a lanchonete que você freqüentava. Nunca tinha estado lá, mas um dia simplesmente entrei e me sentei à mesa depois de comprar um livro com quadros do pintor espanhol Velázquez. Fiquei folheando o livro e esperando.

— A mim?

Eu sabia que era uma pergunta besta. Ela respondeu quase com irritação:

— Por acaso você acha que é o único que procura? Afinal, eu também faço parte dessa história. Não sou apenas uma borboleta que você tem de caçar.

Não me atrevi a insistir nessas questões; por ora, pareciam-me muito perigosas. Limitei-me a perguntar:

— Mas como foi essa história do Youngstorg?

— Não seja bobo, Jan Olav. Eu já expliquei. Onde estará Jan Olav?, pensei. E onde será que vai me procurar, caso me procure, depois de ter me visto duas vezes com um saco de laranjas? Não tinha certeza, mas talvez você me procurasse no mercado municipal do centro da cidade. Eu o procurei muitas vezes lá. Mas também em outros lugares. Estive no Klovervei e no Humleve. Uma vez, cheguei a visitar os seus pais. É verdade que me arrependi assim que eles abriram a porta, mas já era tarde. Falei qualquer coisa sobre casas de parentes e antigos campos de caça. E não precisei dizer o meu nome. Coisa que você devia anotar bem. Eles me convidaram a entrar, mas eu disse que não tinha tempo. E falei no curso em Sevilha.

Eu não sabia se devia acreditar naquilo.

— Nenhum dos dois me disse uma palavra sobre isso — observei.

Ela exibiu um sorriso enigmático. Achei-a meio parecida com a Mona Lisa, mas talvez fosse porque eu agora sabia que ela estava matriculada numa escola de pintura. Ela explicou:

— Eu pedi que não lhe contassem nada. Até precisei inventar uma desculpa para justificar isso.

Eu emudeci. Poucos dias antes, tinha mostrado aos meus pais o cartão-postal que acabara de chegar de Sevilha. Entrei na sala de supetão, dizendo que ia me casar. Só então entendi por que eles não hesitaram em me emprestar o dinheiro da passagem. Não disseram uma palavra para perguntar se era sensato viajar a Sevilha no meio do semestre, só para visitar uma moça com quem havia me encontrado três vezes em Oslo.

A garota das laranjas continuou falando:

— Não é fácil encontrar uma pessoa numa cidade grande, e muito menos cruzar o caminho dela quando a gente quer. E às vezes é justamente isso que a gente quer. Eu queria muito fazer este curso e não podia me comprometer às vésperas da viagem. Mas quando duas pessoas estão empenhadas em se procurar, não é nenhum milagre elas acabarem se encontrando.

Eu mudei de assunto. Quer dizer, mudei de terreno.

— Você já tinha ido ao culto de Natal na catedral? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, nunca. E você?

Eu também sacudi a cabeça. Ela disse:

— Na verdade, eu já havia estado lá às duas horas. Depois fiquei vagando nas redondezas, à espera do culto seguinte. Afinal, era Natal e em breve eu sairia do país.

Acho que ficamos algum tempo calados. Mas eu não queria perder o fio da meada.

Perguntei:

— Então o sujeito do Toyota não era Mogens?

— Não.

— Quem era então?

Ela hesitou um pouco antes de responder.

— Ninguém.

— Ninguém?

— Era uma espécie de "ex". A gente estava na mesma classe no ginásio.

Eu devo ter sorriso. Mesmo assim, ela disse:

— É impossível controlar o passado do outro, Jan Olav. A pergunta é se nós temos um futuro juntos.

Então eu disse uma coisa terrivelmente estúpida, talvez porque ousava acreditar que a garota das laranjas e eu podíamos ter um futuro juntos. Eu disse:

— *To be two or not to be two, that is the question.*

Acho que ela também não achou isso muito genial. Para escapar ao constrangimento, tornei a mudar de assunto. E disse:

— Mas e as laranjas? Para que você as queria? Sim, o que pretendia fazer com aquele monte de laranjas?

Ela riu alegremente. Depois disse:

— Sim, isso eu tenho certeza de que você quer saber. Foi com as laranjas que eu o atraí ao Youngstorg. E, por isso, você me falou numa excursão aos gelos da Groenlândia. Com trenós puxados por cachorros e dez quilos de laranjas.

Não vi nenhum motivo para contestar isso. Mas voltei a perguntar:

— Para que você queria tantas laranjas?

Então ela me fitou mais ou menos como aquela vez na lanchonete em Oslo. E disse muito lentamente:

— Para pintá-las.

Para pintá-las? Eu fiquei assombrado.

— Todas juntas?

Ela fez que sim com elegância. E disse:

— Precisava pintar muitas laranjas para fazer o curso em Sevilha.

— Tantas assim?

— Eu teria de pintar muitas laranjas. Por isso estava treinando.

Eu sacudi a cabeça, desnorteado. Ela queria me fazer de bobo? Eu disse:

— Não teria sido mais prático comprar uma laranja e pintá-la várias vezes?

Ela inclinou a cabeça para o lado e disse com resignação:

— Pelo jeito, nós vamos ter muito o que conversar nos próximos tempos, pois parece que você é cego de um olho.

— De qual?

— Não existem duas laranjas iguais, Jan Olav. Assim como não existem duas hastes de grama iguais. É por isso que você está aqui agora.

Eu me senti um palhaço. Não conseguia entender o que ela estava querendo dizer.

— Por que não existem duas laranjas iguais? Ela disse:

— Você não viajou até Sevilha para encontrar *uma mulher*. Se veio, não precisava ter tido tanto trabalho, mulher é o que não falta na Europa. Mas você queria encontrar *a mim*. E eu sou única. Eu também não mandei o cartão-postal de Sevilha para *um homem* em Oslo. Mande-o para *você*. Pedi que você não me esquecesse. E que tivesse um pouco de confiança em mim.

Ainda ficamos muito tempo lá depois que o café fechou. Quando finalmente nos levantamos, ela me puxou para junto do tronco da laranjeira debaixo da qual tínhamos ficado sentados, ou talvez tenha me empurrado para lá, não lembro mais. E então disse:

— Pode me beijar, Jan Olav. Porque agora eu finalmente o fisguei.

Eu pousei a mão em suas costas e a beijei de leve na boca. Ela disse:

— Não, eu quero um beijo de verdade! E também quero um abraço!

Eu obedeci. Afinal, quem ditava as regras era a garota das laranjas. Ela tinha gosto de baunilha. Seu cabelo cheirava a limão fresco.

Tive a clara impressão de que, lá no alto da laranjeira, dois esquilinhos corriam em círculos. Não sei bem do que brincavam, mas estavam completamente absortos na brincadeira.

* * *

Não vou escrever muito mais sobre essa noite, Georg, talvez seja melhor poupá-lo disso. Mas você precisa saber como ela acabou.

É óbvio que eu não cheguei à pensão antes da meia-noite. A garota das laranjas tinha alugado um quartinho com um nicho de cozinha na casa de uma velha senhora. As

paredes estavam repletas de aquarelas que representavam flores de laranjeira ou pés de laranja. E no canto estava o meu grande retrato a óleo. Eu não disse nada sobre esse quadro, ela também não. Seria chegar perto demais da magia daquele conto de fadas. Nem tudo precisava ser formulado em palavras. Era o que diziam as regras. Mas eu achei que ela tinha me pintado com olhos muito grandes e muito azuis. Parecia ter concentrado toda a minha personalidade nos olhos.

Fiquei até tarde da noite contando a Veronika longas histórias cheias de detalhes engraçados. Falei na filha doente de um pastor, com duas irmãs, quatro irmãos e um labrador deprimido. Narrei a história de uma dramática excursão de esqui à Groenlândia, com um trenó puxado por oito cachorros e dez quilos de laranjas. Disse tudo acerca da mulher enérgica que exercia a função de agente secreta da inspeção de laranjas da ONU, e da sua solitária e destemida luta contra um novo e perigosíssimo vírus que atacava as frutas. Discorri sobre tudo que sabia sobre a moça do jardim-de-infância que era obrigada a ir todo dia ao mercado escolher, a duras penas, trinta e seis laranjas absolutamente idênticas. Falei muito na garota que tinha de preparar um pudim de laranja para cem estudantes de administração. Conte a biografia da moça de dezenove anos que era casada com um desses estudantes e até já tinha uma filha com ele — por mais repulsivo que aquele homem fosse para muita gente. E citei a mulher corajosa e abnegada que contrabandeava medicamentos e víveres para as crianças pobres da África.

A garota das laranjas respondeu com recordações da nossa infância no Humleve e no Irisvei. Eu tinha esquecido quase tudo, mas, à medida que ela contava, voltei a lembrar.

Quando acordamos, o sol já estava alto. A garota das laranjas foi a primeira a despertar, e eu nunca vou esquecer como foi bom ser acordado por ela. Já não sabia o que era fantasia e o que era realidade, talvez essa fronteira tivesse sido suprimida. Só sabia que eu já não precisava procurar a garota das laranjas. Eu a tinha encontrado.

Eu também. Agora sabia quem era a garota das laranjas e podia ter adivinhado muito antes que meu pai me contasse que ela se chamava Veronika...

Quando eu estava nesse ponto da leitura, mamãe tornou a bater na porta. E disse:

— São dez e meia, Georg. Nós já pusemos a mesa. Ainda falta muito?

Eu disse solenemente:

— Querida garotinha das laranjas. Eu penso em você. Dá para esperar mais um pouco?

Não podia vê-la com a porta fechada, mas cheguei a ouvir como ela emudeceu. Eu disse:

— Uma vez ou outra na vida, a gente precisa agüentar um pouco a saudade.

Como não veio nenhuma resposta, acrescentei:

— Há aqui um homenzinho...

Do outro lado da porta o silêncio continuava profundo. Mas então eu ouvi minha mãe se comprimindo na madeira. Ela cantou em voz baixa junto ao batente:

—... que brinque com mulherzinhas...

Mas não conseguiu cantar até o fim, pois estava chorando. Chorava e sussurrava.

Eu também sussurrei:

— Então no fim eles vão brincar no seu pequeno reino encantado...

Ela respirou fundo e perguntou, fungando:

— Então ele escreveu... sobre isso?

— Escreveu — respondi.

Minha mãe não disse nada, mas eu vi pela fechadura que ela ainda estava lá fora.

— Eu já vou, mamãe — cochichei. — Só faltam quinze páginas.

Ela continuou calada. Talvez não conseguisse dizer uma palavra. Eu não sabia o que tinha se armado lá fora por minha culpa.

Pobre Jorgen, pensei. Pelo menos desta vez ele tem de se conformar com o segundo lugar. Miriam estava dormindo. Agora éramos meu pai, minha mãe e eu que estávamos conversando. Em outros tempos nós éramos uma pequena família no Humlevei. E, além disso, na sala estavam os meus avós, que um dia construíram esta casa. Jorgen não passava de um visitante aqui.

Pensei bem em tudo que tinha lido. Uma coisa importante já estava clara. Meu pai não me considerava um panaca. Não tinha inventado nenhum conto de fadas sobre a garota das laranjas. Talvez não tivesse me contado tudo. Mas tudo que me contara era a mais pura verdade.

No entanto, eu não conseguia me lembrar de ter visto um quadro de laranjeiras no hall. Não me lembrava de nenhum quadro com laranjas. Só tinha visto os muitos outros quadros pintados pela mamãe. Tinha visto a aquarela dos lilases e das cerejeiras do nosso quintal.

Ainda havia muita coisa desse tipo, sobre a qual eu precisava falar com ela. Ou era melhor ir dar uma olhada no sótão. Mas eu sempre soube que, quando era menina,

mamãe morava no Irisvei. Uma vez, estive naquela casa amarela para entregar uma carta que haviam colocado errado na nossa caixa de correio.

Talvez descobrisse mais coisas sobre os quadros das laranjas se continuasse lendo. Mesmo porque havia outra pergunta importante: o meu pai escreveria mais sobre o Hubble?

Esse telescópio deve o nome ao astrônomo Edwin Poveoi Hubble, que provou que o universo se dilata. Primeiro ele descobriu que a nebulosa Andrômeda não é apenas uma nuvem de poeira e gás na nossa própria galáxia, e sim uma galáxia independente, fora da Via Láctea. O fato de a Via Láctea ser apenas uma de muitas galáxias derrubou a imagem que os astrônomos tinham do universo.

Hubble fez a sua descoberta mais importante em 1929, quando conseguiu constatar que quanto mais distante uma galáxia estiver da Via Láctea, mais depressa ela se desloca. Essa descoberta é o próprio fundamento da teoria do Big Bang — a teoria da explosão original. Segundo essa teoria, que quase todos os astrônomos acatam atualmente, o universo surgiu de uma violenta explosão há doze ou catorze bilhões de anos. Isso foi há muito tempo, há muito tempo mesmo.

Se tudo que aconteceu no universo pudesse se condensar num único dia, a Terra só teria surgido no fim da tarde. Os dinossauros apareceriam alguns minutos antes da meia-noite. E os seres humanos existiriam há apenas dois segundos...

Você ainda está aí, Georg? Voltei a me sentar diante do computador depois de levá-lo ao jardim-de-infância. É segunda-feira.

Hoje você estava meio manhoso. Fui buscar o termômetro, mas você não tinha febre. Também lhe examinei a garganta e os ouvidos e apalpei os gânglios linfáticos, mas não achei nada. Acho que só está um pouco resfriado e talvez ainda cansado do fim de semana.

Quase desejei que você estivesse doente mesmo, ainda que só um pouco, para passar o dia todo aqui em casa comigo. Mas também preciso terminar este texto.

No fim de semana, nós dois estivemos em Fjellstolen. Sábado bem cedinho, a mamãe saiu com um velho balde de ordenhar e só muito mais tarde voltou com quatro quilos de amoras silvestres. E você ficou zangado, Georg. Queria porque queria ir colher amoras na montanha e, à tarde, pôde colher empetros sozinho. E a mamãe foi obrigada a preparar geléia de empetro. Nós a comemos no domingo. Acho que estava um pouco azeda para o seu gosto, mas é claro que você fez questão de comê-la, afinal tinha colhido

as frutinhas.

Neste verão nós também vimos muitos lemingues, e você desenhou um, com lápis de cor amarelo e preto, no caderno da casa de campo. Ficou bonito, e com um pouco de boa vontade a gente consegue enxergar um lemingue no desenho. A única coisa é que você pôs nele um rabo comprido demais. Por via das dúvidas, mamãe escreveu "Lemingue" embaixo do desenho. E acrescentou: "Georg, 1/9/1990".

Será que ainda existe o caderno da casa de campo? Existe, Georg?

Passei boa parte da noite lendo o caderno da casa de campo de ponta a ponta. Você já estava dormindo. Fiz isso várias vezes. Mal acabava de ler o último registro — e de ver mais uma vez o seu desenho —, tornava a começar da primeira página. Parto do princípio de que, antes do Natal, não podemos voltar à casa de campo.

No fim, Veronika apareceu e me tomou o caderno. Guardou-o no alto da estante de livros, embora normalmente ele fique na escharpa da lareira.

— Agora vamos tomar um vinho — limitou-se a dizer.

Mas voltemos à Espanha.

Fiquei dois dias com Veronika em Sevilha. Depois fui obrigado a voltar para a Noruega, coisa que tanto Veronika como a dona da casa acharam uma ótima idéia. Eu tinha de agüentar quase três meses esperando, até que o curso dela terminasse. Mas aprendera a suportar a saudade. Aprendera a confiar na garota das laranjas.

É claro que tive de perguntar se a antiga promessa continuava valendo, e se era mesmo verdade que nós íamos ficar todos os dias juntos nos seis meses seguintes. Eu já não tinha tanta certeza, afinal violara as regras. Ela pensou muito antes de responder. Creio que estava procurando uma resposta profunda. Depois sorriu e disse:

— Talvez eu tenha de descontar os dois dias que você passou aqui.

Quando ela me acompanhou até o ônibus do aeroporto, nós demos com uma pomba branca morta na sarjeta. Veronika estremeceu e parou. Eu achei estranho que aquilo a perturbasse tanto. Então ela se virou para mim, mergulhou a cabeça no meu peito e chorou. E até eu chorei. Nós éramos tão jovens. Estávamos em pleno conto de fadas. Não podia aparecer uma pomba morta na sarjeta. Muito menos uma pomba branca. Era o que diziam as regras. Nós dois choramos. A pomba branca era um mau presságio.

* * *

De volta a Oslo, eu me concentrei nos estudos. Tinha muita coisa que recuperar, pois na semana anterior perdera várias aulas importantes, fora aquelas que matara indo esquiar ou vagando pela cidade. Dali por diante, aproveitei bem o tempo, já não precisava percorrer Oslo inteira à procura da garota das laranjas. Tampouco precisava me dar ao trabalho de andar atrás de namorada. A maioria dos meus colegas perdia muito tempo com isso.

Mesmo assim, eu não deixava de ter um sobressalto toda vez que dava com um casaco preto de mulher — ou com um vestido vermelho quando o tempo começou a esquentar. Sempre que via uma laranja, pensava em Veronika. Quando ia fazer compras, ficava perdido em pensamentos na seção de frutas. Agora via perfeitamente que, de fato, não existiam duas laranjas iguais. Podia observá-las com fria serenidade. E quando ia comprar laranjas, sempre escolhia as mais bonitas, por mais que isso demorasse. De vez em quando fazia suco e, uma vez, preparei um pudim de laranja e o servi de noite a Gunnar e a outros amigos que tinham vindo jogar *bridge*.

Gunnar estava no terceiro semestre do curso de administração pública e, no fundo, era o cozinheiro lá em casa. Só fazia bifes ou bacalhau. Embora nunca exigisse retribuição, achei legal surpreendê-lo com um pudim de laranja. E o preparei com carinho. A minha mãe, ou seja, a sua avó, havia me ajudado a encontrar uma receita num livro antigo. Até se ofereceu para fazer o pudim para mim. Não sabia, coitada, que o importante era eu mesmo fazê-lo. Duvido que tivesse a mais vaga idéia de que aquele projeto tinha a ver com Veronika.

E então ela voltou à Noruega, Georg. Chegou de Sevilha em julho. Eu fui buscá-la no aeroporto. Muita gente presenciou o nosso reencontro quando ela passou pela alfândega com duas malonas e uma pasta enorme, cheia de quadros e desenhos. Primeiro, ficamos meio minuto parados, entreolhando-nos, talvez para provar que tínhamos força de caráter para esperar mais alguns segundos. Mas logo nos derretemos num abraço tórrido, extraordinariamente tórrido, isso eu devo reconhecer, mesmo num aeroporto. Uma velhota que passou por nós não nos perdoou e rosnou: "Isso é uma vergonha!". Nós rimos. Não tínhamos por que sentir vergonha. Quanto tempo havíamos esperado!

Ainda no setor de desembarque, Veronika fez questão de parar, abrir a pasta e me mostrar os seus trabalhos. Folheou rapidamente os desenhos, passando inclusive pelo retrato de "Jan Olav", que eu vi de relance, registrando uma vez mais a radiante luz azul dos meus olhos no quadro. Não pude dizer nada sobre ele, mas Veronika fez muitos comentários entusiasmados sobre os outros. Falava sem parar, parecia uma cachoeira.

Não procurou esconder o quanto se orgulhava das pinturas que estava me mostrando. Não dissimulou que tinha aprendido muito naqueles seis meses.

Passamos o resto do verão esvoejando em todos os rumos. Estivemos nas ilhas de Oslofjord, viajamos para o Norte, visitamos museus e exposições de arte e, nas noites intensas do fim do verão, íamos passear nas ruas elegantes de Taseen.

Você precisava ver! Precisava ver como ela ficava nas exposições de arte! Precisava ouvi-la rir! E eu também ria, caía na gargalhada. Não sei se existe coisa mais contagiosa do que o riso.

Passamos a usar cada vez com mais frequência o pronome "nós". É uma palavra estranha. "Amanhã eu vou fazer isso ou aquilo", a gente diz normalmente. Ou pergunta a outra pessoa, a "você" por exemplo, o que vai fazer. Isso não é difícil de entender. Mas de repente "nós" passa a ser a coisa mais óbvia do mundo. "Nós vamos de balsa a Langoyene para nadar?" — "Ou vamos ficar lendo em casa?" — "Nós gostamos da peça de teatro?" — E então, um dia: "Nós somos felizes".

Ao empregar o pronome "nós", a gente estabelece uma conexão entre duas pessoas com uma ação comum e quase faz com que elas se transformem em uma só. Muitas línguas têm um pronome especial para se referir a apenas duas pessoas. Esse pronome se chama *dual*, e designa as coisas que vão aos pares. Eu acho isso importante, pois às vezes a gente não é nem uma pessoa nem muitas. A gente é "nós dois", e o é como se esse "nós dois" fosse inseparável. São fabulosas as regras que passam a vigorar quando esse pronome é subitamente introduzido, quase como por um passe de mágica: "Agora nós vamos cozinhar". — "Agora vamos abrir uma garrafa de vinho." — "Agora vamos dormir." Não chega a ser absurdo falar assim? Em todo caso, é completamente diferente de dizer "Agora você precisa tomar o ônibus e ir para casa, eu estou cansado".

Quando a gente usa o dual, do qual a palavra "ambos" é um vestígio, passam a vigorar regras totalmente novas. "Nós vamos passear!" Nada mais simples, Georg, somente três palavras, e no entanto elas descrevem uma seqüência de atos que interferem profundamente na vida de duas pessoas na Terra. E não é só em termos de quantidade de palavras que se pode falar em economia de energia. "Vamos tomar banho", disse Veronika. "Vamos comer." — "Vamos dormir!" Quando a gente fala assim, precisa só de um chuveiro. Precisa só de uma cozinha, só de uma cama.

Para mim, foi um choque esse novo uso da linguagem. "Nós" — era como se um ciclo tivesse se encerrado. O mundo inteiro parecia ter se dissolvido em uma unidade

superior.

A juventude, Georg, a frivolidade juvenil!

Mas eu também me lembro de uma noite encalorada de agosto em que estávamos sentados em Bygdoy, olhando para o fiorde. Sei lá como me ocorreu essa idéia, mas de repente disse:

— Esta é a única vez em que estamos neste mundo.

— Nós estamos aqui agora — disse Veronika, como que querendo me lembrar.

Mas me pareceu que ela se esquivou daquilo que eu estava tentando dizer, por isso acrescentei:

— Penso em noites como esta em que já não me será dado viver...

Sabia que Veronika conhecia esse verso de Olaf Bull. Tínhamos lido o poema juntos.

Ela se virou e pegou o lóbulo da minha orelha com dois dedos. E disse:

— Mas mesmo assim, você esteve aqui. Sorte sua!

* * *

No outono, Veronika entrou na academia de arte, e eu continuei estudando medicina. Depois dos cursos introdutórios, comecei a achar tudo cada vez mais interessante. À tarde e à noite, ficávamos juntos com a máxima freqüência possível, em todo caso dávamos um jeito de nos encontrar todo santo dia. Quer dizer, a garota das laranjas suprimiu de fato aqueles dois dias que eu havia roubado e os guardou para si. Acho que só queria me provocar com isso, mas talvez também quisesse fixar um exemplo. Ainda precisávamos observar as regras, pois o conto de fadas não tinha terminado, estava apenas começando. Ao nosso redor continuavam surgindo contos de fadas e, por isso, também novas regras a serem acatadas. Lembra do que eu disse sobre essas regras? São coisas importantes que a gente pode ou não pode fazer, mas não precisa necessariamente entender. Não precisa sequer falar nelas.

Em Oslo, Veronika também alugou um quarto com nicho de cozinha na casa de uma senhora. Não precisava pagar aluguel, bastava cortar a grama do jardim no verão, limpar a neve duas vezes por semana no inverno, ir fazer compras para a proprietária (entre outras coisas, uma garrafa de vinho do Porto). Mas vez por outra a velhota, que se chamava sra. Mowinckel, consentia que eu me encarregasse desses serviços. Isso era bom, pois para ela ficava mais fácil tolerar que eu às vezes pernoitasse no quartinho de Veronika.

Afinal, de certo modo já tinha pagado o aluguel.

Na noite de Natal, fomos novamente ao culto da catedral, uma dívida que achávamos que tínhamos um com o outro. Veronika usou o mesmo casacão preto e a mesma lendária fivela de prata no cabelo. Agora eu pertencia àquele conto de fadas, àquela mística insondável. Fizemos questão de nos sentar no mesmo banco, e eu não precisei me preocupar com o olhar dos homens na igreja. Podiam olhar para Veronika à vontade, e alguns o fizeram. Eu estava orgulhoso. E Veronika, radiante, feliz. É claro que eu também estava feliz. E talvez ela também estivesse um pouco orgulhosa.

Depois do culto, fomos pelo mesmo caminho do ano anterior. Era o que havíamos combinado. Já tínhamos certo senso de tradição. Quase sem dizer nada, fomos juntos ao Parque do Castelo. Embora não tivéssemos combinado de ficar tão calados, isso aconteceu espontaneamente.

Paramos e nos abraçamos no mesmo lugar em que ela tomara o táxi um ano antes, pois também nesse ano era ali que os nossos caminhos se separavam. Veronika ia se encontrar com o pai na casa de uma tia velha em Skillebekk e, de lá, os dois iriam a Asker, onde os pais dela moravam. Naquele ano, eu também queria passar o Natal com os meus pais e o meu irmão Einar no Humlevei.

Foi a mesma cena do ano anterior. Queríamos nos separar no Wergelandsvei quando surgisse o primeiro táxi, que Veronika tomaria. Mas o que aconteceria quando o carro chegasse? Seria o fim do conto de fadas? O encanto se quebraria de repente? Nós não havíamos falado sobre isso. Nos seis meses anteriores, tínhamos nos visto diariamente, com exceção dos dois dias de castigo. A garota das laranjas cumprira a sua promessa solene. Mas que regras vigorariam no ano seguinte?

Aquele ano estava mais frio do que o anterior, e Veronika tiritava. Eu a abracei e esfreguei-lhe as costas. Depois contei que, no começo do ano, Gunnar ia se mudar do nosso pequeno apartamento. Tinha conseguido uma vaga em Bergen. Então eu disse que precisava procurar uma pessoa com quem dividir o aluguel.

Fui covarde, Georg. Coisa que ela obviamente também achou. Quase ficou violenta. Gunnar ia se mudar? E eu estava atrás de alguém para dividir o aluguel? E pensei em tudo isso sem falar com ela? Veronika ficou furiosa. Temi que acabássemos brigados naquela noite de Natal. Mas no fim ela disse:

— Então eu posso mudar para lá. Quer dizer, então nós podemos morar juntos. Não podemos, Jan Olav?

É claro que não era outra coisa que eu desejava. Mas, sendo mais covarde do que

ela, tinha medo de infringir as regras.

Veronika ficou mais radiante que uma laranjeira da Plaza de la Alianza quando nós combinamos que, no começo de janeiro, ela se mudaria para Adamstuen. Portanto, no ano seguinte, nós não só ficaríamos todo dia juntos como juntos passaríamos as noites. Eram as novas regras.

De súbito um ar de preocupação lhe ensombreou o rosto, talvez uma espécie de dúvida, imaginei, talvez ela tivesse restrições. Ou havia alguma coisa que não tinha coragem de dizer?

— O que foi, Veronika? — sussurrei. Agora eu a conhecia. Ela disse:

— Quer dizer que o quarto de Gunnar vai ficar vago? Eu fiz que sim, porém sem entender por que ela insistia em falar nisso. Já tinha dito que Gunnar ia se mudar. Veronika disse:

— Mas nós não vamos dormir em quartos separados.

— É claro que não — sorri eu, mas ainda sem compreender o significado de tudo aquilo.

Ela já não estava pensativa. Disse francamente o que pensava.

— Então eu posso usar o quarto de Gunnar como ateliê. — Olhou de relance para mim a fim de testar a minha reação. Eu rocei a mão na fivela de prata em sua nuca, e disse que teria muito orgulho em morar com uma artista.

Menos de dois minutos depois, passou um táxi. Ela estendeu o braço para que ele parasse. Entrou, e dessa vez voltou-se para mim e acenou alegremente com as duas mãos. E imaginar que tinha passado só um ano!

Não precisei procurar um sapatinho perdido quando o táxi arrancou. Naquele conto de fadas não havia mais restrições. Nós já não dependíamos das regras incompreensíveis de uma fada mesquinha que decidia o que era proibido e o que era permitido. Agora a sorte nos pertencia.

Mas o que é um ser humano, Georg? Quanto vale um ser humano? Será que nós somos apenas poeira que qualquer ventania levanta e espalha?

Enquanto escrevo estas linhas, o telescópio Hubble continua na órbita da Terra. Agora faz mais de quatro meses que está lá fora e, desde o fim de maio, enviou-nos muitas fotografias valiosas do universo, ou seja, desse gigantesco território desconhecido do qual basicamente nós todos procedemos. Mas não tardou para que detectassem um grave defeito no telescópio. Agora andam falando em mandar uma nave espacial para lá, com

uma tripulação capaz de corrigir o defeito para que o nosso conhecimento do espaço sideral aumente ainda mais.

Você sabe o que aconteceu com o Hubble? Será que chegou a ser reparado?

Às vezes eu penso que esse telescópio é o olho do universo. Afinal, um olho que consegue ver o universo inteiro até que merece esse nome. Entende o que eu quero dizer? O próprio universo criou esse instrumento inimaginável. O telescópio Hubble é um órgão do sentido cósmico.

Que grandiosa aventura é esta que vivemos, e que só vivemos durante um breve momento? Quem sabe um dia o telescópio espacial nos ajudará a compreender essa aventura. Lá fora, atrás das galáxias, talvez esteja a resposta para a pergunta "o que é o ser humano".

Acho que já usei muito a palavra "enigma" nesta carta. Tentar compreender o universo talvez seja mais ou menos como montar um gigantesco quebra-cabeça. Se bem que talvez se trate igualmente de um enigma mental ou espiritual, e pode ser que a solução desse enigma se encontre em nós mesmos. Pois nós é que estamos aqui. Nós é que somos esse universo, nós.

Pode ser que a nossa criação ainda não esteja completa. É natural que o desenvolvimento físico do homem preceda o psíquico. E talvez a natureza física desse universo seja uma coisa apenas exterior, um material necessário ao autoconhecimento do cosmo.

Tenho uma idéia maluquíssima: um dia Newton chegou, inesperadamente, à conclusão de que havia uma lei da gravidade vigorando em toda parte. Ótimo. Não menos repentinamente, Darwin constatou que este planeta tinha passado por um desenvolvimento biológico. É claro que isso também é ótimo. Depois Einstein descobriu a relação entre massa, energia e a velocidade da luz. Fantástico! E, em 1953, Crick e Watson mostraram como se constituía a molécula de DNA, isto é, o código genético dos vegetais e dos animais. Maravilhoso! Mas também é concebível que, um dia — e que dia não há de ser esse, Georg! —, um dia uma alma perspicaz, num momento único de lucidez, venha a decifrar o enigma do universo. Imagino que isso pode acontecer de uma hora para a outra! (Nesse dia, eu queria mesmo era ser o sujeito encarregado de escrever as manchetes de um grande jornal.)

Lembra que eu iniciei esta carta dizendo que queria lhe fazer uma pergunta? Pois a resposta que você vai dar é importantíssima para mim. Mas ainda preciso terminar o meu relato.

O telescópio Hubble! Lá estava ele outra vez. Agora eu tinha certeza de que a pergunta importantíssima que meu pai ia me fazer tinha a ver com o espaço sideral.

Saí da cama e fui olhar pela janela. Ainda nevava intensamente. Mas isso não tinha a menor importância, pensei. Porque, mesmo quando o céu está totalmente encoberto aqui na Terra, o Hubble continua enviando imagens cristalinas de galáxias que estão a muitos bilhões de anos-luz da nossa Via Láctea. E ele trabalha vinte e quatro horas por dia. Já nos mandou centenas de milhares de fotografias e examinou mais de dez mil corpos celestes. Diariamente, o Hubble nos fornece informação suficiente para encher todo um computador.

Mas por que o meu pai tornou a falar no telescópio espacial? Eu não conseguia entender o que ele tinha a ver com a garota das laranjas. Porém isso já não era tão importante. Importante era que o meu pai sabia do telescópio Hubble. Tinha percebido o quanto era importante para a humanidade. Isso ele conseguiu, embora já estivesse doente para morrer. Deve ter sido uma das últimas coisas de que se ocupou.

O olho do universo! Eu nunca tinha encarado o Hubble desse modo. Pensava nele como uma janela da humanidade aberta para o cosmo. Mas não era nenhum exagero chamar o telescópio espacial de "olho do universo".

Cerca de cento e cinquenta anos atrás, todo o alvoroço causado pelo primeiro trecho de estrada de ferro da Noruega, entre Christiania e Eidsvoll, foi um pouco exagerado. No nosso país mora um milésimo da população do mundo e, no trecho entre Christiania e Eidsvoll, em 1850 vivia talvez um décimo disso. Com o telescópio Hubble, todos os seres humanos do mundo podem viajar pelo universo inteiro. Seis meses antes da morte do meu pai, colocá-lo em órbita custou 2,2 bilhões de dólares. Pelas minhas contas, dá mais ou menos quatro coroas para cada habitante da Terra, o que é baratíssimo para singrar o universo de ponta a ponta. A título de comparação: na época, uma passagem de ida e volta de Oslo a Eidsvoll custava cerca de duzentas coroas. Não é propriamente barata, e quem concordar comigo pode ir reclamar com a Sociedade Ferroviária Norueguesa. (Eu não tenho intenção de falar mal da estrada de ferro da Noruega nem da antiga maria-fumaça entre Christiania e Eidsvoll. Mas insisto que o telescópio Hubble é mais importante para a humanidade e talvez até mesmo para os camponeses de Romerike. Como já disse, não é exagero chamar o telescópio Hubble de olho do universo. Essa também era a opinião do meu pai, muito embora ele não tenha chegado a saber que esse olho ganhou um óculo!)

"O telescópio Hubble é um órgão do sentido cósmico", escreveu. Acho que sei o

que ele quis dizer com isso. Talvez a gente possa afirmar que colocar o Hubble na órbita da Terra foi um pequeno passo para a humanidade, pois em 1990 já existiam telescópios potentes e uma nave espacial. Mas foi um grande salto para o universo! Porque é do universo que se trata quando os homens tentam encontrar uma resposta para a questão do que vem a ser, afinal, o espaço sideral. Nem mais, nem menos! O universo demorou cerca de 15 bilhões de anos para mandar instalar uma coisa tão importante, um olho com o qual pudesse enxergar a si mesmo! (Eu demorei uma hora para formular essa frase, por isso resolvi realçá-la.)

Nesse mato tem coelho, pensei. Continuei lendo depressa e não tardei a presenciar o meu próprio nascimento. Nada mais especial do que isso. Nem todos os bebês nascem num coquetel!

Mas conte você, papai. Não queria interrompê-lo. Você perguntou sobre o telescópio Hubble, e então eu respondi.

Vou ser mais breve daqui por diante, preciso ser, pois não me resta muito tempo. Amanhã, tenho um compromisso importante. Por isso é a mamãe que vai levá-lo ao jardim-de-infância.

Moramos quatro anos no pequeno apartamento de Adamstuen. Veronika concluiu os estudos na academia de arte, continuou pintando, como você sabe, e acabou virando professora de pintura: dava aula de "forma e cor" num colégio. Médico recém-formado, eu estava para começar o meu período de residência, quer dizer, ia passar dois anos trabalhando em um hospital.

Obviamente, você sabe que os seus dois avós nasceram em Tonsberg. Justamente nessa época, eles estavam prestes a realizar o antigo sonho de se aposentar e voltar a morar lá. Um dia, contaram que haviam comprado uma casinha romântica em Nordbyen. Nesse meio-tempo o meu irmão, ou seja, o tio Einar, já tinha ido para o mar, creio que uma desilusão amorosa o levou a isso. E foi assim que Veronika e eu acabamos mudando para o casarão do Humleve. Precisamos fazer um empréstimo bem elevado, mas sabíamos que agora tínhamos renda.

O nosso primeiro ano no Humleve foi dedicado à jardinagem. Naturalmente, conservamos as duas macieiras, a pereira e a cerejeira, bastou podá-las e adubá-las. Também mantivemos os velhos framboeseiros, não conseguimos nos separar da uva-espim, da groselheira nem do ruibarbo. Mas plantamos lilases, azaléias e hortênsias. Tudo isso foi decisão de Veronika. Afinal, eu já tinha passado a vida inteira naquele quintal.

Agora ele era dela. Nos dias de calor, ela levava o cavalete para lá e ficava pintando o que brotava e desabrochava ao seu redor.

Uma vez, quando a gente estava colhendo framboesas, um abelhão saiu de repente de uma folha de trevo e fugiu voando desajeitadamente. Ocorreu-me que o abelhão era bem mais rápido que um jumbo, isto é, na proporção do seu peso. O jumbo voa a uma velocidade de oitocentos quilômetros por hora, ou seja, oitenta vezes mais depressa do que um abelhão. Mas oitenta vezes vinte gramas não passa de 1,6 quilo. Veronika e eu sabíamos que um Boeing 747 pesava muito mais. Em comparação com o peso do seu corpo, um abelhão chega a uma velocidade vários milhares de vezes superior à do Jumbo. E um Boeing 747 tem quatro motores a jato. Coisa que o abelhão não tem. Ele não passa de um aviãozinho a hélice. Nós achamos graça. Rimos do fato de um abelhão conseguir voar tão depressa e de morarmos no Humlevei, ou seja, "a via do abelhão".

Na época, Veronika aguçou o meu olho para as pequenas sutilezas da natureza, e elas eram infinitas. A gente era capaz de colher uma anêmona ou uma violeta e passar vários minutos observando o pequeno milagre. O mundo não era um conto de fadas extraordinário e único?

Hoje, quer dizer, agora que estou escrevendo, fico triste ao pensar no vôo do abelhão nos breves segundos daquela tarde em que fomos colher framboesas no quintal. Estávamos tão animados, Georg, tão soltos e despreocupados. Só espero que você também tenha herdado uma sensibilidade aberta para esses pequenos mistérios. Eles não são menos fascinantes do que as estrelas e galáxias do céu. Acho que é preciso ser mais inteligente para criar um abelhão do que para produzir um buraco negro.

Para mim, este sempre foi um mundo mágico, já era assim na minha mais remota infância, muito tempo antes de eu sair percorrendo as ruas de Oslo atrás de uma garota das laranjas. É difícil descrever este sentimento com palavras simples, mas imagine o mundo antes que tivesse começado toda essa conversa sobre as leis da natureza, a teoria da evolução, os átomos, as moléculas de DNA, a bioquímica e os neurônios — sim, quando o globo começou a girar, quando ele se degradou a um "planeta" no espaço e antes que o altivo corpo humano se desmembrasse em coração, pulmões, rins, fígado, cérebro, circulação sangüínea, músculos, estômago e intestinos. Estou falando no tempo em que o ser humano era um ser humano, ou seja, nada mais e nada menos do que um íntegro e soberbo *ser humano*. Naquele tempo, o mundo era uma aventura fascinante.

De repente uma rena sai apressada de um bosque e o encara durante um segundo — e então desaparece. Que alma põe esse animal em movimento? Que força

insondável decora o mundo com flores de todas as cores do arco-íris e enfeita o céu noturno com uma riquíssima miríade de estrelas cintilantes?

A gente encontra um sentimento da natureza tão franco e direto na literatura popular, por exemplo, nos contos dos irmãos Grimm. Leia-os, Georg. Leia as sagas islandesas, leia os mitos gregos e escandinavos, leia o Antigo Testamento.

Olhe para o mundo, Georg, olhe para o mundo antes de mergulhar na física e na química.

Neste momento, grandes rebanhos de renas estão percorrendo o Hardangervidda na ventania. Na ilha de Camargue, entre os dois braços do delta do Rhône, pululam milhares de flamingos rubros como o fogo. Belas manadas de gazelas saltam como que por encanto nas savanas da África. Milhares e milhares de pingüins pairam uns com os outros numa praia gelada da Antártida, e não sentem frio, gostam das temperaturas de lá. Mas não só a quantidade é importante. Um alce solitário perambula num bosque de pinheiros no Leste da Noruega. No ano passado, um deles se perdeu e veio parar aqui no Humlevei. Um lemingue assustado se esgueira entre as tábuas de uma cabana de Fjellstolen. Uma foca rechonchuda desliza numa ilhota próxima de Tonsberg e cai na água.

Não me venha dizer que a natureza não é um milagre. Não diga que o mundo não é um conto de fadas. Quem não percebeu isso, talvez só chegue a compreendê-lo quando a história já estiver chegando ao fim. Porque, então, nós temos uma derradeira possibilidade de tirar os antolhos, uma derradeira oportunidade de nos entregarmos a este milagre do qual temos de nos despedir, o qual temos de deixar.

Será que você entende o que estou tentando exprimir, Georg? Ninguém se despede chorando da geometria euclidiana nem da tabela periódica dos átomos. Ninguém derrama uma lágrima que seja por estar se separando da internet ou da tabuada. É de um mundo que nos despedimos, é da vida, é do conto de fadas e da aventura. E, além disso, temos de nos despedir de um pequeno número de pessoas que realmente amamos.

Eu bem que gostaria de ter vivido antes da invenção da tabuada e, principalmente, antes da física e da química modernas, antes que nós tivéssemos, por assim dizer, entendido tudo — ou seja, no MUNDO PURAMENTE MÁGICO! Mas é exatamente assim que eu vivo a vida neste momento em que estou diante do computador e lhe escrevo estas linhas. Eu próprio sou cientista e por certo não hei de ter espírito anticientífico, mas mesmo assim nunca abri mão da minha visão de mundo mítica e um pouco animista. Nunca deixei que Newton ou Darwin me roubassem o verdadeiro mistério da vida. (Se não entender uma palavra ou outra, procure no dicionário. Na sala de visitas há um dicionário atual. Pelo

menos agora, enquanto escrevo, mas não sei se você o considerará tão atual assim.)

Vou lhe contar um segredo: antes de estudar medicina, eu tinha duas alternativas para o futuro. Queria ou ser poeta, quer dizer, uma pessoa que celebra com palavras o mundo encantado em que vivemos — mas acho que já falei nisso —, ou ser médico, isto é, uma pessoa a serviço da vida. Por segurança, resolvi primeiro ser médico.

Para ser poeta não dá mais tempo. Mesmo assim, consegui escrever esta carta.

Ir do consultório para casa e encontrar uma garota das laranjas que ficava pintando flores de cerejeira em seu próprio jardim era a realização única e grandiosa de todos os meus sonhos. Uma vez, fiquei tão contente ao vê-la no jardim que a peguei no colo e a levei para o quarto. Ela riu, ah, como ela riu! Então eu a pus na cama e a seduzi. Não fico constrangido em lhe falar também nesse aspecto da nossa felicidade comum. Por que ficaria? É o fio condutor desta história.

Quando nós mudamos para esta casa depois de alguns meses de reforma, a primeira decisão que tomamos foi a de nada fazer para evitar filhos. Isso nós decidimos na primeira noite em que dormimos aqui. E foi a partir dessa noite que começamos a fazer você.

E, Georg, fazia um ano e meio que morávamos no Humlevei quando você nasceu. Eu fiquei orgulhoso na primeira vez em que o peguei no colo. Você era menino. Se fosse menina, seu nome teria de ser Ranveig. Era assim que se chamava a filhinha daquela garota das laranjas que já era mãe de uma menina.

Depois do parto, Veronika ficou pálida e exausta, mas felicíssima. Mais felizes do que nós, era impossível ficar. Estava começando um capítulo completamente novo, com regras completamente novas.

Vou contar mais um segredo. No hospital trabalhava um colega meu, médico também. Ele serviu uma taça de champanhe para a parturiente e o pai de primeira viagem na própria sala de parto. Isso era terminantemente proibido. Mas a janela que dava para o corredor tinha uma pequena cortina, de modo que bastou fechá-la para que nós três pudéssemos erguer um brinde à vida na Terra que você estava inaugurando. Você não ganhou champanhe, é claro, mas logo depois Veronika lhe deu de mamar e, em todo caso, ela havia tomado um golinho.

Mas em Sevilha, na ocasião em que a garota das laranjas me acompanhou até o ônibus do aeroporto, nós vimos uma pomba morta na sarjeta. Foi um mau agouro. Talvez

por que eu não tinha observado todas as regras daquele conto de fadas.

Lembra que nós passamos a Semana Santa na casa de campo? Você estava com quase três anos e meio. Mas com certeza esqueceu tudo. No curso de medicina a gente também tem aulas de psicologia. Eu sei que as pessoas guardam pouquíssimas lembranças do período anterior ao quarto ano de vida.

Recordo que nós fomos para fora, sentamo-nos na frente da casa e dividimos uma laranja, e Veronika gravou isso em vídeo, quase como se tivesse adivinhado que alguma coisa estava se aproximando do fim. Por que você não pergunta se ela ainda tem a fita, Georg? Talvez doa procurá-la, mas pergunte mesmo assim.

Depois da Páscoa, eu percebi que estava gravemente enfermo. Veronika não queria acreditar, mas eu sabia. Era bom em interpretar sinais. Era bom em diagnóstico.

Fui a um colega, aliás, o mesmo que serviu o champanhe na maternidade. Primeiro ele pediu alguns exames de sangue, depois a tal tomografia computadorizada, que é uma espécie de radiografia, e concordou comigo. Os dois chegamos à mesma conclusão.

Então começou um dia-a-dia bem diferente. Para Veronika e para mim, foi uma catástrofe, e enquanto fosse possível a gente precisava poupar você dessa catástrofe. Uma vez mais, estabeleceram-se novas regras. Palavras como "saúde" e "paciência" adquiriram um novo significado. Já não podíamos nos prometer passar todos os dias juntos no ano seguinte. De uma hora para outra, ficamos tão nus e tão pobres. O camarada pronome "nós" ficou com uma rachadura ameaçadora. Já não podíamos exigir nada do outro, já não podíamos compartilhar as expectativas do futuro.

Se tiver lido isto, você sabe um pouco da história da minha vida. Sabe quem sou eu. E imaginar isso me faz bem.

De certo modo, você me conhece mais do que muitas outras pessoas que me conhecem, ainda que desde pouco antes do seu quarto aniversário nós dois nunca mais tenhamos conversado cara a cara. Na verdade, nem sempre eu me comuniquei com os outros com tanta franqueza quanto com você nesta carta. E de certo agora você entende como foi difícil para mim ter de aceitar as novas regras. Eu sabia o que provavelmente me esperava e tive de ir me habituando, pouco a pouco, à idéia de que deixaria você e a garota das laranjas.

Mas preciso lhe fazer uma pergunta, Georg. Não agüento esperar mais. Antes, porém, deixe-me contar o que aconteceu aqui no Humlevei há algumas semanas.

Veronika passa as manhãs no colégio, ensinando os meninos a pintar laranjas. Já

disse que ela não pode ficar o dia todo comigo aqui em casa. Pois no café-da-manhã, prefiro ficar sozinho com você. Depois o levo ao jardim-de-infância e, então, tenho algumas horas para mim, durante as quais fico aqui, diante do computador, escrevendo esta longa carta para você. Geralmente tenho de andar aos pulos, feito uma cegonha, para não chutar o seu trenzinho. Você notaria na hora se um dos vagões estivesse no lugar errado!

Se às vezes eu durmo um pouco a estas horas do dia, não é por estar passando mal, e sim porque não consigo dormir à noite, pois os pensamentos que então me assediam acabam com o meu sossego. Justo quando estou quase pegando no sono, começo a olhar para o fundo desses tristes enigmas, para esse grande e cruel conto de fadas, no qual não há fadas boas, só terríveis presságios, espíritos malignos e duendes perversos. De modo que é melhor renunciar ao sono durante a noite e deixar para cochilar no sofá em plena luz do dia.

Não acho tão difícil assim ficar acordado quando sei que vocês estão em casa, você e Veronika, quando sei que os dois estão dormindo. Mesmo porque sei que basta acordar Veronika, eu o faço ocasionalmente, e então ela fica comigo. Aconteceu algumas vezes de passarmos a noite toda acordados. Não conversamos muito. Simplesmente ficamos juntos. Fizemos chá. Comemos um sanduíche. Agora é assim, Georg. São as novas regras.

Podemos passar horas sentados, apenas de mãos dadas. Às vezes eu olho para a mão dela, é tão delicada e bonita, então olho para a minha, talvez para um dedo, talvez só para uma unha. "Durante quanto tempo eu ainda vou ter esse dedo?", pergunto nessas ocasiões. Ou então levo a mão dela à boca e a beijo.

Tenho pensado que essa mão que eu agora seguro, vou segurá-la até o fim, talvez num leito de hospital, talvez muitas horas seguidas, até que no fim tenha de desistir de tudo e tudo largar. A gente decidiu que é assim que vai ser, ela me prometeu. É bom pensar nisso. E é indescritivelmente triste pensar nisso. Quando eu largar este universo, vou largar uma mão cálida e viva, a da garota das laranjas.

Imagine, Georg, se do outro lado também existisse uma mão que a gente pudesse segurar! Mas eu não acredito que exista um outro lado. Disso eu quase tenho certeza. Tudo quanto existe é apenas passageiro, tudo chega ao fim. Mas, geralmente, a última coisa que a gente segura é uma mão.

Eu escrevi que o riso é uma das coisas mais contagiosas que conheço. Mas a tristeza também contagia. O medo é diferente. Ele não contagia tão fácil quanto a alegria e a tristeza, e é bom que seja assim. Com o medo, nós todos estamos quase sozinhos.

Eu tenho medo, Georg. Medo de ser expulso deste mundo. Medo das noites como esta, em que já não me será dado viver.

Mas uma noite você acordou, era isso que eu queria contar. Eu estava no jardim-de-inverno e, de repente, você saiu do quarto e veio para a sala. Esfregou os olhos e olhou à sua volta. Normalmente teria subido direto ao nosso quarto, mas dessa vez ficou na sala de visitas, talvez porque a luz estava acesa. Eu fui para lá e peguei você no colo. Você disse que não estava conseguindo dormir. Pode ser que tenha dito isso por ter ouvido, algumas vezes, a mamãe e eu conversando quando o papai não conseguia dormir.

Reconheço que me alegrei muito com isso, com o fato de você ter acordado e ter vindo ficar com o papai quando ele estava precisando tanto. Por isso não tentei fazer você dormir novamente.

Queria tanto conversar sobre tudo, mas sabia que não era possível, você era muito pequeno para isso. Mesmo assim, era grande o suficiente para me consolar. Se você conseguisse ficar acordado, queria passar algumas horas na sua companhia aquela noite, na qual talvez não precisasse acordar Veronika. Podia deixá-la dormir.

Eu sabia que a noite lá fora estava magnificamente estrelada, dava para ver do jardim-de-inverno. Estávamos quase no fim de agosto, e talvez você nunca tivesse visto o céu estrelado, pelo menos não no semestre do verão que estava chegando ao fim, e no ano anterior você ainda era muito pequeno. Eu o agasalhei com um pulôver bem quente, uma calça de lã, vesti o blusão, e fomos para a varanda, você e eu. Tinha apagado a luz da casa e também apaguei a de fora.

Primeiro lhe mostrei a Lua, que era uma foice finíssima. Estava no leste, nas profundezas do céu. Tinha a forma da curvatura de um "C" invertido, de modo que era o quarto crescente. Eu lhe expliquei isso.

Você estava no meu colo, absorvendo toda a segurança que o cercava. E eu bebi da segurança que você irradiava. Então mostrei todas as estrelas e planetas do firmamento. Tive tanta vontade de lhe contar tudo, de falar na grande aventura na qual nós também tomamos parte, desse gigantesco quebra-cabeça, do qual você e eu éramos duas partículas minúsculas. Esse conto de fadas também tem leis e regras que nós não conseguíamos entender, diante das quais, querendo ou não, tínhamos de nos curvar.

Sabia que talvez muito em breve teria de deixá-lo, mas eu não podia dizer isso. Sabia que, presumivelmente, estava prestes a me afastar da grandiosa aventura que estávamos contemplando naquele momento, mas eu não podia revelar isso. Por isso

comecei a lhe falar nas estrelas, primeiro de um modo que você pudesse compreender, mas depois me entusiasmei e me pus a discorrer sobre o espaço e o cosmo como se estivesse conversando com um filho adulto.

E você me deixou falar, Georg. Achou bom ouvir-me, ainda que sem dar com o significado de todos os enigmas que eu mencionava. Talvez tenha entendido as minhas palavras bem mais do que eu imaginava. Pelo menos, não me interrompeu e também não dormiu. Parecia ter compreendido que não podia me deixar na mão naquela noite. Quem sabe sentiu que não era eu que estava cuidando de você, e sim você de mim. Naquela noite você pajeou o seu pai.

Expliquei que era noite porque a Terra havia girado em seu eixo e ficara de costas para o Sol. Só quando este está nascendo ou se pondo é que a gente vê que o globo terrestre gira, contei. Talvez você tenha entendido isso, já que de vez em quando cantávamos uma canção de ninar que começava com o verso *O Sol fechou os olhos, eu também vou fechar os meus...* Lembra dessa música?

Apontei para Vênus e disse que aquela estrela era um planeta que, tal como a Terra, girava em torno do Sol. Naquela estação do ano, podíamos ver Vênus no fundo do céu oriental porque o Sol o iluminava exatamente como a Terra. Então lhe contei um segredo. Contei que pensava em Veronika sempre que olhava para aquele planeta, pois Vênus era a deusa do amor.

Mas quase todos os pontos luminosos que víamos no céu eram estrelas mesmo, expliquei então, que tinham luz própria, como o Sol, porque cada estrelinha do céu era um sol ardente. Sabe o que você disse? "Mas as estrelas não queimam a gente como o Sol", foi isso que você disse.

O verão tinha sido maravilhoso, Georg, por isso precisávamos passar protetor solar em todo o seu corpo. Eu o apertei no meu abraço e sussurrei: "É porque elas ficam incrivelmente longe daqui".

Enquanto escrevo, você está de quatro no chão, montando um novo trenzinho.

Este é o cotidiano, penso eu. Esta é a realidade. Mas a porta de saída da realidade já está escancarada para mim.

Aqui há tanta coisa que a gente tem de abandonar! Tanta coisa que a gente deixa para trás!

Há pouco tempo, você perguntou o que eu tanto escrevo no computador. Respondi que estou escrevendo uma carta para o meu melhor amigo.

Talvez tenha lhe parecido esquisita a tristeza na minha voz quando eu afirmei que estava escrevendo para o meu melhor amigo. E você disse:

— E para a mamãe? Devo ter sacudido a cabeça.

— A mamãe é o meu amor — disse eu. — Isso é coisa muito diferente.

— E eu, quem sou? — você quis saber.

Com isso, acabei caindo na sua armadilha. Mas simplesmente coloquei você no colo, na frente do computador, abracei-o e disse que você era o meu melhor amigo, o melhor de todos.

Por sorte, você não me fez mais nenhuma pergunta. Não podia acreditar que a carta se endereçava a você. E eu mesmo achei esquisito imaginá-lo lendo-a um dia.

O tempo, Georg, o que é o tempo?

Continuei falando — embora soubesse que você já não conseguia entender aquilo tudo.

O cosmo é muito velho, eu disse, talvez tenha 15 bilhões de anos. E, apesar disso, ninguém conseguiu descobrir como ele surgiu. Nós vivemos dentro de um grande conto de fadas, do qual ninguém faz realmente idéia. A gente dança e brinca e bate papo e ri num mundo cujo surgimento ninguém pode entender. Essa dança e esse brinquedo são a música da vida, eu disse. A gente os encontra em todos os lugares em que há seres humanos, assim como em todo telefone há o sinal de linha.

Então você inclinou a cabeça para trás e olhou para mim. Entendeu pelo menos a parte do sinal de discar no telefone. Você adora tirar o fone do gancho só para ouvi-lo.

Logo depois, Georg, eu lhe fiz uma pergunta, aliás, a mesma que quero fazer agora que você finalmente pode compreendê-la. Foi por causa dessa pergunta que lhe contei a longa história da garota das laranjas.

Eu disse: "Imagine que, há muitos bilhões de anos, no momento em que tudo foi criado, você estivesse no umbral desse conto de fadas. E tivesse a opção de nascer neste planeta se quisesse. Não saberia quando ia viver nem quanto tempo passaria aqui, mas, fosse como fosse, seria apenas questão de alguns anos. Só saberia que, se decidisse um dia nascer neste mundo, quando chegasse a hora ou, como se diz, quando 'o ciclo se completasse', teria de deixá-lo e a tudo quanto nele existe. Talvez isso o contrariasse bastante, pois muita gente acha a vida neste grande conto de fadas tão maravilhosa que chega a ficar com lágrimas nos olhos só de pensar que isso vai acabar. Tudo aqui pode ser tão bom que dói pensar que um dia não haverá outros dias".

Você ficou caladíssimo no meu colo. E eu disse: "O que você escolheria, Georg, se um poder superior lhe desse a possibilidade de escolher? A gente pode imaginar, quem sabe, uma fada cósmica nesta grande e enigmática aventura. Você teria optado por uma vida nesta Terra, breve ou longa, dentro de cem mil ou cem milhões de anos?".

Eu devo ter respirado fundo duas vezes antes de continuar falando, então prossegui com voz firme: "Ou teria se recusado a participar deste jogo por não poder aceitar as regras?".

Você continuou em silêncio no meu colo. Eu queria muito saber no que estava pensando. Você era um milagre vivo. Achei que o seu cabelo louro como o trigo cheirava a tangerina. Um anjo de carne e osso, cheio de vida.

Você não tinha adormecido. Mas não disse nada.

Estou certo de que ouviu as minhas palavras, inclusive é possível que tenha prestado muita atenção. Mas eu não tinha a menor idéia do que se passava dentro de você. Nós estávamos tão perto um do outro. E, mesmo assim, de repente ficamos terrivelmente distantes.

Eu o abracei com mais força, talvez você tenha pensado que era para aquecê-lo. Mas eu o traí, Georg, porque comecei a chorar. Isso eu não queria, e tratei de me recompor o mais depressa possível. Mas não consegui conter as lágrimas.

Nas últimas semanas, eu me fiz essa pergunta várias vezes. Teria optado por uma vida na Terra se soubesse que um dia seria arrancado tão subitamente daqui, talvez no momento mais feliz da minha existência? Ou será que teria agradecido e rejeitado de pronto esse jogo absurdo do "dá e toma"? Porque a gente vem uma única vez a este mundo. É entregue a essa grande aventura. E então chega um ratinho e o conto de fadas se acaba.

Não, juro que não sei qual seria a minha escolha. Acredito que teria repelido essas condições. Talvez respondesse com um delicado "não" à oferta de participar dessa grande aventura se fosse apenas em uma visita breve, e talvez o meu "não" nem fosse tão delicado assim. Pode ser que gritasse que não queria ouvir mais nenhuma palavra sobre esse maldito dilema. Foi o que imaginei; no momento em que estava na varanda, com você no colo, tive plena certeza de que recusaria totalmente a oferta.

Se eu tivesse optado por não meter o nariz nesta grande aventura, nunca saberia o que estava perdendo. Você entende o que quero dizer? Para nós, seres humanos, às vezes é muito pior perder uma coisa que amamos do que nunca ter tido essa coisa. Pense bem: se a garota das laranjas não houvesse cumprido a promessa de passar seis meses se

encontrando comigo todos os dias quando voltasse da Espanha, para mim seria melhor nunca tê-la conhecido. Também é assim nos outros contos de fada. Você acha que a Gata Borralheira teria voltado ao palácio com o príncipe se lhe dissessem que só poderia passar uma semana lá? O que você acha que ela sentiria se tivesse de retornar à sua vida de outrora, ao fogão e as cinzas, à madrasta malvada e às irmãs invejosas?

Agora é a sua vez de responder, Georg, agora você tem a palavra. Pois foi quando nós dois estávamos contemplando o firmamento, na varanda, que eu tomei a decisão de lhe escrever esta longa carta. Aliás, foi justamente no momento em que chorei. E não chorei só por saber que talvez muito em breve me separaria de você e da garota das laranjas. Chorei porque você era tão pequeno. Chorei porque nós dois não podíamos conversar de verdade.

Vou perguntar mais uma vez. Qual seria a sua decisão se você tivesse a possibilidade de escolher? Optaria por uma vida breve aqui na Terra, para depois de poucos anos separar-se de tudo e nunca mais voltar? Ou diria "não, obrigado"?

Você só tem essas alternativas. É a regra. Se optar pela vida, também está optando pela morte.

Mas, olhe: prometa que vai refletir muito antes de responder.

Talvez eu tenha ido longe demais. Talvez esteja fazendo você sofrer. E talvez não tenha esse direito. Mas para mim é importantíssimo saber que resposta você daria à minha pergunta, porque eu sou diretamente responsável pelo fato de você estar aqui. Você não estaria no mundo se eu tivesse me recusado a ele.

Estou com uma espécie de *sentimento de culpa* por haver contribuído para pôr você neste mundo. De certo modo, eu lhe dei a vida, junto com a garota das laranjas, é claro. Mas, por outro lado, também somos nós que um dia tornaremos a tomá-la. Dar a vida a uma criancinha não significa apenas lhe dar o mundo de presente. Também significa um dia tomar dela esse presente inconcebível.

Tenho de ser franco com você, Georg. Pois digo que rejeitaria delicadamente a oferta de uma rápida viagem à grande aventura. Assim me parece. E se essa também for a sua opinião, fico com remorso ao pensar na besteira que fiz.

Eu me deixei seduzir pela garota das laranjas, deixei-me atrair pelo amor, achei irresistível a idéia de ter um filho. "Onde foi que errei?", pergunto. Para mim, essa pergunta significa um conflito brutal de consciência. E ela traz consigo a necessidade de deixar um pouco de ordem atrás de mim.

Mas, Georg, agora pode surgir um novo dilema, e um dilema que talvez não seja

tão difícil — ou maligno — quanto o primeiro. Se você responder que, apesar de tudo, teria optado pela vida, ainda que fosse por um momento brevíssimo, eu não posso desejar nunca ter nascido.

Desse modo a equação ainda pode dar certo, desse modo pode ser que se estabeleça um equilíbrio. E essa, naturalmente, é a minha esperança. Sim, por isso escrevo.

Você não pode responder diretamente a minha grande pergunta. Mas indiretamente pode. Pode responder pelo modo como quer viver essa vida que começou quando Veronika, eu e um médico meio irresponsável brindamos com champanhe à sua chegada. Esse médico do champanhe era a sua fada protetora, tenho certeza disso.

Agora você pode deixar de lado esta minha saudação. Agora é a sua vez de viver.

Amanhã eu vou ao hospital. É o meu compromisso importante. E depois a mamãe vai levá-lo ao jardim-de-infância.

Também preciso escrever isto. E devo acrescentar uma coisa: não posso prometer que volto ao Humlevei.

Georg! Uma última pergunta ainda: posso mesmo ter certeza de que não há outra existência depois desta? Posso ficar convencido de que não estarei em algum lugar quando você ler esta carta? Não, certeza absoluta eu não posso ter. Pois, se o mundo existe, todos os limites da improbabilidade já foram ultrapassados. Entende o que eu quero dizer? Já estou tão assombrado com o fato de existir um mundo, que não tenho lugar para mais assombro se constatar que existe outro depois dele.

Lembro que, há dois dias, nós passamos algumas horas às voltas com um jogo de computador. Talvez esse jogo tenha sido especialmente bom para mim, eu estava precisando muito de algo que me distraísse dos tantos pensamentos que me perseguiam. Mas sempre que a gente "morria" nesse jogo, aparecia um novo cenário onde recomeçar. Quem garante que não há um novo "cenário" para a alma? Eu não acredito, palavra que não. Mas o sonho do improvável tem nome. Chama-se "esperança".

DAQUELA NOITE NA VARANDA EU ME LEMBRO! Ficou gravada na minha medula. Está tatuada no meu coração. E, enquanto lia o que o meu pai escreveu sobre ela, senti várias vezes um frio na espinha. Até agora estava praticamente esquecida, pelo menos nunca mais teria pensado naquela noite estrelada se não tivesse lido a carta, mas

agora a lembrança ficou clara até demais, TALVEZ ESTA SEJA

A ÚNICA RECORDAÇÃO GENUÍNA QUE GUARDO DO MEU PAI.

Das nossas visitas à casa de campo eu não consigo me lembrar. E, por mais que me esforce, não recordo os nossos passeios ao Sognsvann. Mas daquela noite encantada, lá fora na varanda, eu me lembro. Quer dizer: na minha recordação ela é completamente diferente. Parece um conto de fadas ou um sonho colorido.

Eu tinha acordado. Então papai veio da varanda, entrou e me ergueu no ar. Disse que nós íamos voar lá fora. Que íamos ver as estrelas. Voar no espaço. Por isso ele precisava me agasalhar bem, pois fazia muito frio no espaço sideral. O papai queria me mostrar as estrelas no céu. Tinha de fazê-lo. Era a nossa única chance e precisávamos aproveitá-la.

E eu sabia que papai estava doente! Mas ele não sabia que eu sabia. Mamãe tinha me contado o segredo. Disse que talvez o papai precisasse ficar no hospital, por isso estava triste. Creio que lembro que ela me disse isso naquela tarde. Acho que foi por esse motivo que eu acordei, acho que era por esse motivo que não conseguia dormir.

Agora me lembro claramente da longa viagem espacial com o meu pai, lá fora na varanda. Acredito que tinha compreendido que ele talvez nos deixasse. Mas antes queria me mostrar uma coisa.

E então — agora, enquanto escrevo, sinto calafrios na espinha — quando a gente estava viajando no espaço sideral, papai começou a chorar de repente. Eu sabia por que ele estava chorando, mas ele não sabia que eu sabia. Por isso não pude dizer nada. Fui obrigado a ficar calado. O que ia acontecer era perigoso demais, não dava para falar.

Mas isso não é tudo: desde aquela noite, sei também que não se pode confiar nas estrelas do céu. Pelo menos, elas não nos salvam de nada. Um dia, teremos de abandonar também as estrelas do céu.

Quando papai e eu estávamos viajando pelo espaço sideral e ele começou a chorar, eu compreendi que não se pode confiar em nada no mundo.

Depois de ler os últimos parágrafos da carta, finalmente compreendi por que sempre me interessei pelo espaço sideral. Meu pai abriu os meus olhos para ele. Ensinou-me a desviar a vista de tudo quanto nos incomoda aqui embaixo e olhar para o alto. Eu já era um pequeno astrônomo amador bem antes de ter consciência disso.

Portanto, já não tenho por que me admirar com o fato de meu pai e eu nos haveremos interessado pelo telescópio Hubble. Foi ele que me transmitiu esse interesse. Eu

simplesmente prossegui a partir do ponto em que ele parou. Foi uma espécie de herança. E não terá sido sempre assim? Os primeiros preparativos do Hubble já se fizeram na Idade da Pedra. Não, nada disso, os primeiros preparativos se iniciaram alguns microssegundos após a explosão original em que foram criados o tempo e o espaço.

Existe uma expressão: plantar uma semente. E isso o meu pai conseguiu fazer antes de morrer. Até certo ponto, é a ele que devo o tema do meu grande trabalho para o colégio. Duvido que o meu pai tivesse muito interesse pelo futebol inglês. E, por sorte, nunca escutou as Spice Girls. E que relação ele tinha com Roald Dahl eu não sei.

Terminada a leitura, eu estava pensando um pouco quando a minha mãe tornou a bater na porta.

— Georg?

Eu contei que havia terminado a leitura.

— Então por que você não vem ficar com a gente?

Pedi que ela entrasse no quarto. E fui abrir a porta. Por sorte, ela entrou e a fechou imediatamente. Não senti vergonha de estar com lágrimas nos olhos. Mamãe também ficou com lágrimas nos olhos no seu primeiro encontro com o meu pai. Pois eu acabava de ter um encontro com ele.

Enlacei o pescoço da garota das laranjas e disse:

— Papai nos deixou.

Mamãe me abraçou com força. Ela estava chorando. Sentou-se na beira da cama e ficou muito tempo calada. Depois perguntou o que ele havia escrito.

— Você deve imaginar como eu estou curiosa — disse. — E, não sei por quê, também estou com um pouco de medo. Tenho até medo de ler essa carta.

Eu disse que meu pai havia escrito uma única e longa carta de amor, e mamãe imaginou que naturalmente era uma carta de amor para mim. Precisei lhe contar com muita cautela. Expliquei que meu pai havia escrito uma carta de amor para ela, a garota das laranjas.

E acrescentei:

— Eu era o melhor amigo do papai. Mas você era o amor dele. É muito diferente.

Ela ficou muito tempo calada. Era tão jovem ainda. Depois de ter lido o longo relato sobre a garota das laranjas, pude ver como ela era linda. E, de fato, tinha certa semelhança com um esquilo. Mas, sobretudo, parecia um velho filhote de passarinho. Eu vi o seu bico tremer.

Perguntei:

— Quem era o meu pai?

Ela se encolheu. Não sabia ao certo o que eu tinha passado tantas horas lendo. E disse:

— Jan Olav, é claro.

— Mas quem era ele? Quer dizer, como ele era? — Ah...

Pouco a pouco, apareceu um sorriso de Mona Lisa nas comissuras de seus lábios. Ela me endereçou um olhar quase enigmático. E me ocorreu uma coisa que meu pai mencionara muitas vezes. Vi o quanto ela era concentrada. Vi os seus olhos castanhos errarem no quarto ou executarem um bailado inquieto.

Ela disse:

— Ele era infinitamente meigo... uma pessoa rara de fato. E era um grande sonhador, talvez um contador de histórias... vivia descrevendo a vida como um conto de fadas, e eu estou convencida de que tinha um... um sentimento quase mágico da vida. Fora isso, era um romântico sem limites... mas isso nós dois éramos. Então ele adoeceu de uma hora para a outra, e eu não posso esconder que ele enfrentou a morte com uma tristeza enorme. Foi muito doloroso presenciar isso, muito doloroso. Ele gostava muito de mim... e é claro que de você também... sim, você era um deus para ele. E não queria nos perder. Mas não tinha como se defender da doença, e a doença o levou de nós com muita brutalidade. Ele nunca conseguiu aceitar o próprio destino, era impossível, nem mesmo no fim. Por isso deixou um vazio tão grande... mas há uma palavra que agora não me ocorre...

— Pode pensar com calma.

— Ele era um entusiasta, como se diz. Era isso que eu queria dizer.

Eu achei graça. E disse:

— E era mesmo. Fora isso, tinha uma boa dose de autoconhecimento. E inclusive não lhe faltava auto-ironia. E nem todos possuem essa qualidade.

Mamãe olhou para mim, perplexa. E disse:

— Pode ser. Mas como você sabe? Eu aponte para o maço de papéis.

— Qualquer hora você lê tudo isso — disse eu. — Então vai entender a que eu estou me referindo.

Uma vez mais, a garota das laranjas teve de enxugar os olhos.

Mas a gente não podia continuar chorando no meu quarto. O que Jorgen ia pensar? Eu não queria estar na pele dele.

— Precisamos nos juntar ao resto do pessoal — disse ela.

Quando nós entramos na sala, eu estava me sentindo anos e anos mais velho do que algumas horas antes, quando fui para o quarto com a carta do meu pai. Estava me sentindo tão adulto que nem dei atenção aos olhares curiosos que me examinavam.

A mesa já estava servida, pratos frios. Havia frango assado e presunto, salada Waldorf com fatias de laranja e uma travessa grande de salada verde. Os cinco nos sentamos, eu à cabeceira.

Mamãe costuma dizer: "Quando há muita gente reunida, alguém tem de se encarregar da regência". Pois eu tive a sensação de que havia assumido a regência. Mesmo porque todo mundo estava olhando fixamente para mim. De certo modo, eu era o personagem principal.

Quando nos sentamos, eu olhei a minha volta e disse:

— Acabo de ler uma longa carta que meu pai escreveu pouco antes de morrer. E entendo que vocês todos querem saber o que ele tinha para me dizer...

A sala ficou em silêncio. O que eu estava querendo dizer afinal? E como prosseguir? Eu disse:

— A carta era para mim. Mas eu não era o único que o meu pai amava. E agora tenho uma notícia boa e uma ruim. Vou dar primeiro a boa. Todos vocês podem ler a carta inteira. Inclusive Jorgen. A notícia ruim é que hoje eu não vou deixar ninguém lê-la.

Vovó, que estava curiosíssima, baixou a cabeça. A sombra da decepção lhe marcou o rosto. Essa sombra foi a prova de que ela não tinha lido a carta do meu pai, nem agora nem antes, há onze anos. De fato, a carta passara onze anos no forro do carrinho de bebê.

Eu disse:

— A carta do meu pai... eu preciso digerir um pouco as coisas que ele diz antes que todo mundo comece a falar nelas. Fora isso, preciso de tempo para pensar na resposta que vou dar a uma pergunta importantíssima que ele faz. Mesmo porque eu ainda não sei como dar essa resposta.

Todos pareceram aceitar a minha decisão. Ninguém insistiu nem fez perguntas. Jorgen até se levantou e se aproximou de mim. Deu uma palmada no meu ombro e disse:

— Acho razoável, Georg. Você tem todo o direito de esperar até que tudo se assente um pouco.

E eu disse:

— Fora isso, já é quase meia-noite. Hora de dormir.

Eu ouvi bem o modo adulto e solene como me expressei. Agora eu era adulto.

Mas nessa noite não consegui conciliar o sono. Fazia tempo que a casa estava mergulhada no silêncio, e eu continuava estendido na cama, olhando para a branca paisagem. Horas antes tinha parado de nevar.

No meio da noite, eu me vesti. Pus o casaco forrado, o gorro, o cachecol e as luvas. Então saí pelo jardim-de-inverno e fui para a varanda. Limpei a neve do banco de ferro fundido e me sentei. Apaguei a luz.

Olhei para o firmamento salpicado de estrelas e tentei reviver o estado de espírito daquela noite em que estava no colo do meu pai. Acreditei me lembrar do abraço apertado dele. Acreditei me lembrar que ele estava fazendo isso para que eu não caísse da espaçonave. E então aquele homem corpulento, com voz de trovão, começou a chorar.

Tentei pensar na pergunta importante que ele havia feito. Mas não soube o que responder.

Pela primeira vez na vida tive a consciência exata de que, um dia, também deixaria este mundo e tudo perderia. Era uma idéia horrível. Uma idéia insuportável. E meu pai havia aberto meus olhos para isso. Coisa que, no entanto, eu não achei horrível. Era bom saber o que me esperava. Era como saber quanto dinheiro estava guardado no banco. Por outro lado, era maravilhoso saber que eu só tinha quinze anos.

Entretanto: apesar de tudo, talvez fosse melhor não ter nascido, pois eu já estava morrendo de tristeza porque um dia seria obrigado a ir embora daqui. Mas decidi fazer aquilo que meu pai escrevera na carta. Dar tempo ao tempo antes de responder a uma pergunta tão difícil.

Inclinei a cabeça para trás e fiquei olhando para as muitas estrelas e os planetas lá em cima. Tentei me imaginar no interior de uma espaçonave. Vi mais de uma estrela cadente. E fiquei um tempão assim.

Depois ouvi o barulho de uma porta. Mamãe saiu à varanda. Já começava a clarear.

— Você está aqui? — perguntou. Era óbvio que eu estava lá.

— Não conseguia dormir.

— Eu também não. Eu a fitei e disse:

— Ponha um agasalho e venha ficar comigo, mamãe.

Ela não tardou a voltar. Estava com o casacão preto que usa desde que eu me conheço por gente. Mesmo assim, não tinha certeza de que era o que ela estava vestindo

na catedral. Mas quando se sentou ao meu lado, eu disse:

— Agora só falta a fivela de prata no cabelo. Mamãe levou a mão à boca. Depois perguntou:

— Ele escreveu sobre isso?

Como resposta, eu apontei para um planeta grande que acabava de despontar no leste. Sem dúvida era um planeta, pois não brilhava como as outras estrelas; eu tinha noventa por cento de certeza de que se tratava de Vênus. E perguntei:

— Está vendo o planeta lá em cima? É Vênus, também conhecido como estrela da manhã. Sempre que via esse planeta, o meu pai pensava em você.

Quando a gente está com a cabeça repleta de pensamentos, ou diz alguma coisa, ou então fica calada. Mamãe ficou calada. Depois de algum tempo, eu disse:

— Passei uma noite inteira aqui com o meu pai pouco antes de ele ir para o hospital. Você pode ler isso na carta dele. Mas agora quem está aqui somos nós.

— Georg, eu estou contente com essa carta e tenho um pouco de medo. Quero que você esteja em casa quando eu a ler. Você promete?

Eu respondi com um aperto de mão. Podia imaginar que era importante para ela saber que eu estava por perto quando lesse a carta do meu pai. Não era Jorgen que ia consolá-la quando a garota das laranjas lesse a longa carta de Jan Olav. Mas ele também poderia ler a carta do meu pai, é claro que sim. Eu não tinha a menor intenção de facilitar a vida dele. Eu disse:

— Naquela noite, quando estávamos aqui, meu pai disse que teria de nos deixar.

Ela estremeceu e disse:

— Sabe, Georg... não sei se consigo continuar falando sobre isso agora. É uma coisa que você precisa respeitar. Não vê que abriu antigas feridas? Dá para entender?

Ela estava quase zangada. Estava zangada.

— Sim, é claro — respondi. — É claro que dá para entender. Ainda ficamos muito tempo na varanda, mas não dissemos mais nada. Talvez tenhamos passado uma hora sentados lado a lado. Fiquei impressionado. Mamãe sempre se queixava de ser friorenta.

Eu apontava para cima toda vez que descobria uma coisa nova no céu, mas logo as estrelas começaram a empalidecer cada vez mais e, enfim, desapareceram quando o dia raiou.

Antes que nos separássemos, eu tornei a apontar para o céu e disse:

— Lá em cima flutua um olho enorme. Pesa mais de onze toneladas, é grande como uma locomotiva e se move com a ajuda de duas longas asas.

Vi que mamãe se encolheu: afinal, o que eu estava querendo dizer com aquilo?

Não queria assustá-la nem contar uma história de assombração. Por isso acrescentei, afim de tranquilizá-la:

— O telescópio Hubble. É o olho do universo.

Ela abriu um típico sorriso de mãe e, estendendo o braço, tentou me acariciar o cabelo. Mas eu afastei a cabeça a tempo. Ela continuava me considerando uma criança. Talvez julgasse que eu estava me referindo ao meu trabalho.

— Um dia a gente tem de descobrir o que tudo isso significa — disse eu.

Naquele dia, não precisei ir ao colégio. Podia simplesmente contar a verdade ao professor, disse a minha avó. Bastava contar que eu recebera uma carta do meu pai morto onze anos antes. Em tais situações, faz bem parar e respirar um pouco, ela acrescentou.

Em tais situações, pensei. Eu não achava tão normal assim receber uma carta do falecido pai.

Vovó e vovô acabaram voltando a Tonsberg sem ler a carta do meu pai. Prometi que eles a receberiam em uma semana o mais tardar. Vovó ficou meio irritada por ter de esperar tanto. Afinal quem tinha achado a carta fora ela, e insistira muito naquela viagem a Oslo. Mas o vovô a lembrou do que Jorgen havia dito.

Jorgen teve de ir trabalhar mais cedo aquele dia, eu mal o vi. Em compensação, mamãe e eu ficamos em casa. No final da manhã, tirei uma soneca no sofá amarelo, já que tinha passado a noite toda sem dormir. Quando acordei, nós subimos ao sótão e começamos a mexer nas coisas.

Pedi que ela me mostrasse todas as fotografias de Sevilha. Por sorte, ela não havia jogado fora nenhuma, muito embora insistisse que já "superara aquelas fotos". Disse isso bem no momento em que pegou o velho retrato do meu pai que, na época, a garota das laranjas pintara de memória. Não fizemos comentários sobre o quadro, mas ao vê-lo eu estremeci. Nunca tinha visto um par de olhos tão azuis numa pintura. Imaginei que aquele tom certamente continha uma grande quantidade de cobalto. E pensei que aqueles olhos deviam ter visto uma coisa que nenhum outro ser humano viu.

— Mas o papai você não superou — eu disse. Não foi uma pergunta, foi quase uma ordem.

Convenci minha mãe a pendurar o quadro das laranjeiras de volta no lugar de antes. Tiramos outro quadro da parede e colocamos o velho exatamente onde estava quando o meu pai escreveu a carta no computador. Isso foi na época em que ele tinha de

andar pela sala feito uma cegonha para não pisar nos trilhos do meu trenzi-nho. Foi numa época diferente desta.

Achei que o quadro das laranjeiras estava exatamente no lugar certo, e até que era bem bonito. Jorgen que engolissem esse pequeno retorno à situação original, pensei. E, aliás, foi o que eu disse também.

Achamos o trenzinho no sótão, dentro de uma enorme caixa de papelão. Também achamos o velho computador. Eu o levei para baixo, conectei o cabo do monitor e do HD e tentei entrar no processador de texto. Era um velho sistema DOS, o processador de texto se chamava Word Perfect. O pai de um colega meu ainda trabalhava com uma dessas peças de museu, e eu já havia mexido nela mais de uma vez.

Mas o programa exigia uma senha de no máximo oito caracteres para dar acesso aos documentos escritos pelo meu pai. E, onze anos antes, ninguém tinha conseguido descobrir que senha era essa.

Mamãe ficou atrás de mim enquanto eu tentava a sorte. Disse que eles tinham experimentado diversas palavras e também muitos números, por exemplo, datas de nascimento, o número da placa do carro, o da carteira de identidade.

Eu desconfiava que eles não usaram muito a imaginação. Não tardei a digitar a seguinte palavra com menos de oito letras: L-A-R-A-N-J-A. E a máquina fez "plim", e mostrou uma lista de dados no disco rígido.

Dizer que mamãe ficou impressionada é pouco. Ela levou as mãos à cabeça e quase desmaiou.

Nos computadores antigos, o comando <dir> corresponde às "pastas" de hoje em dia. E também esse <dir> tinha nomes de no máximo oito letras. Um deles era "Veronika". Eu usei a seta para dar "Enter". Esses computadores antigos ainda não tinham mouse. Então apareceu o nome de um único documento, chamava-se "Georg.car". Tornei a apertar a tecla "Enter". E zás — eis que estava diante do mesmíssimo texto que eu lera na noite anterior. Você está sentado, Georg? É bom que esteja, porque eu vou lhe contar uma história eletrizante... Apertei o HOME, o HOME e então a seta vertical para percorrer todo o documento. Demorou uma eternidade, no mínimo dez segundos. E, sim, a última frase desse texto era: Mas o sonho do improvável tem nome. Chama-se "esperança".

O mais genial no meu achado foi o seguinte: quando resolvi escrever este livro com o meu pai, estava imaginando um trabalho manual de verdade, com tesoura e cola. Mas tudo acabou ficando muito mais fácil do que eu esperava, pois agora bastava entrar no

velho documento e inserir o que eu quisesse no texto do meu pai. Assim, tive realmente a sensação de estar escrevendo um livro com ele.

Depois de muito quebrar a cabeça, consegui ligar a velha impressora. Era uma das tais impressoras de margarida, uma coisa tão incrível que eu cheguei a temer que um agente secreto do Museu Técnico aparecesse aqui para roubá-la. Faz um barulho infernal e demora quatro minutos para imprimir uma única página! Isso acontece porque um martelinho vai batendo as letras, uma a uma, na fita que as imprime no papel, quase como uma máquina de escrever. Quando o meu pai morreu, onze anos atrás, era um aparelho moderníssimo!

Agora eu estou escrevendo no velho computador. Agora, neste instante. A última coisa que escrevi foi: Agora eu estou escrevendo no velho computador. Agora, neste instante.

Mamãe tem um disco intitulado Unforgettable. É uma gravação interessante, pois nela Natalie Cole canta em dueto com o pai, o famoso Nat "King" Cole. Pode parecer que isso não tenha nada de extraordinário, mas acontece que Natalie canta em dueto com o pai quase trinta anos depois da morte dele. Em termos puramente técnicos, não houve nenhum problema. Ela só precisou cantar por cima da antiga gravação de Nat "King" Cole. Praticamente, pode-se dizer que transferiu a voz do pai para outra faixa.

Do ponto de vista técnico, não foi nenhuma façanha cantar em dueto com um homem falecido há quase trinta anos. Mas há de ter sido um desgaste emocional e tanto. E o dueto é mesmo fantástico. É "unforgettable".

Não quero "esticar" muito esta história. Mas ainda faltam duas coisas. Uma é a resposta que tenho de dar à pergunta difícilíssima do meu pai. E depois há algo mais. Vou começar por esse algo mais, pois decidi terminar o livro com a importante pergunta.

Depois que nos ocupamos dos velhos quadros e do computador de museu, mamãe foi para a cozinha assar bons-bocados. Sabia que é uma das coisas de que eu mais gosto, por isso os preparou naquele dia especial. Mas Miriam também é louca por bom-bocado.

Quando o cheiro do doce recém-assado se espalhou na casa, eu fui para a cozinha. Queria ver se conseguia arranjar um bom-bocado. E também queria perguntar uma coisa. Na história da garota das laranjas há um fio solto. Mamãe ainda não tinha lido.

Ela estava justamente pincelando caramelo em dois bons-bocados. Na mesa da

cozinha havia um saquinho de coco ralado para salpicar no caramelo.

Eu perguntei:

— Quem era o moço do Toyota branco?

Perguntei só por perguntar. Só para mexer com ela. Sabia que se tratava apenas de um "ex" qualquer. Pelo menos era o que meu pai dizia na carta.

Mas minha mãe ficou estranhamente perplexa. Primeiro se virou para mim e empalideceu. Então se sentou à mesa. E suspirou.

— Quer dizer que ele escreveu sobre isso também!

— Acho que estava com um pouco de ciúme. Como ela ficou calada, tornei a perguntar.

— Você não pode me contar quem estava no tal Toyota branco? Ela me encarou, pensativa. A seguir, pareceu decidida a derrubar logo a muralha de aço. Falou com voz baixíssima:

— Era Jorgen.

Eu cheguei a sentir tontura.

— Jorgen? — perguntei.

Mamãe fez que sim. Eu fiquei mais zozzo ainda. Peguei o saquinho e comecei a espalhar o coco ralado no chão. Virei-o de ponta-cabeça e deixei cair tudo.

— Está nevando — disse.

Ela continuou sentada à mesa. Mesmo porque era tarde para me deter. Limitou-se a perguntar:

— Por que você fez isso?

— Porque você tem uma cabeça de coco — gritei. — Ficar com dois homens ao mesmo tempo!

Isso a deixou indignada:

— Não é verdade! Depois que eu conheci Jan Olav só existia ele.

Eu disse:

— E quando Jan Olav morreu, só existia Jorgen?

— Não. Não foi assim. Só voltei a ver Jorgen anos depois. Nesses anos só existíamos você e eu, você sabe disso. Mas quando eu reencontrei Jorgen, voltei a gostar dele. Demorou muito para que nós tomássemos a decisão de ficar juntos, muito mesmo.

Agora eu estava quase com pena do velho filhote de passarinho. Ela continuava tão pálida. Mesmo assim, eu disse:

— Então talvez eu possa perguntar de qual dos dois cavalheiros a garota das

laranjas gostava mais?

Ela não se zangou. Mas se manteve firme. Depois começou a chorar.

Achei melhor não tocar mais no assunto, pois isso o meu pai havia me ensinado: eu não tinha o direito de me intrometer em algo que não me pertencia. Precisava evitar me aproximar demais de um conto de fadas que não queria compartilhar suas regras comigo.

Mas também tinha direito aos meus próprios pensamentos.

O que eu acabava de ouvir não me agradava nada. Porque, afinal de contas, quem saiu ganhando foi o sujeito do Toyota branco. A culpa não era dele. Talvez não fosse de ninguém. Mas ainda bem que o meu pai não ficou sabendo de nada.

Talvez, no fundo, o erro tenha sido dele. Por não ter conseguido observar as regras. Por não ter agüentado passar seis meses à espera da garota das laranjas. Por isso, poucas horas depois, viu a pomba morta na sarjeta, uma pomba branca ainda por cima.

Sempre vou pensar no meu pai como uma pomba branca. Mas não tenho tanta certeza de que acredite no destino. Acho que meu pai também não acreditava. Do contrário, não teria se interessado tanto pelo telescópio Hubble.

No fim daquela tarde, nós comemos bons-bocados com gotas de chocolate na companhia de Jorgen e Miriam. Havia dois com caramelo e coco ralado. Ficaram para Jorgen e Miriam. Achei que eles tinham direito.

Alguns dias depois do festim de bons-bocados, continuo sentado diante do computador. Preciso decidir como responder à difícil pergunta que meu pai me fez. Tenho um prazo fixo, que é amanhã. Ainda não deixei ninguém ler a carta. Mas amanhã os meus avós vêm tomar o lanche de domingo aqui em casa. E, com isso, o prazo chega ao fim.

Nos últimos dias, eu praticamente só pensei na pergunta difícilíssima sobre a qual tenho de me manifestar agora. Li quatro vezes a longa carta e pensei: coitado do meu pai, coitado. Lamento muitíssimo ele já não estar aqui. Mas as coisas que escreveu não valem só para ele. Valem para todos os seres humanos em todo o mundo, para os que estiveram aqui antes de nós, para os que agora vivem e para todos os que virão depois.

"A gente vem uma única vez a este mundo", escreveu o meu pai. Ele escreveu muitas vezes que nós não passamos senão um breve momento aqui. Não sei ao certo se vivendo isso exatamente como ele. Estou há quinze anos aqui, e esses anos não me parecem "um breve momento".

Mas acho que sei o que o meu pai quis dizer. Que a vida é curta para todos os que conseguem entender que, um dia, o mundo chegará definitivamente ao fim. Mas nem todos

entendem o que significa, de fato, um dia partir para sempre, para toda a eternidade. Existe tanta coisa que dificulta essa percepção, hora a hora, minuto a minuto.

"Imagine que, há muitos bilhões de anos, no momento em que tudo foi criado, você estivesse no umbral desse conto de fadas", escreveu o meu pai. "E tivesse a opção de nascer neste planeta se quisesse. Não saberia quando ia viver nem quanto tempo passaria aqui, mas, fosse como fosse, seria apenas questão de alguns anos. Só saberia que, se decidisse um dia nascer neste mundo, quando chegasse a hora ou, como se diz, quando 'o ciclo se completasse', teria de deixá-lo e a tudo quanto nele existe."

Ainda não consegui decidir. Mas, com o decorrer do tempo, concordo cada vez mais com o meu pai. É bem possível que eu também recusasse educadamente essa oferta. O brevíssimo momento que me é dado viver neste mundo é minúsculo em comparação com a eternidade em termos de tempo anterior e posterior.

Mesmo sabendo que uma coisa era uma delícia maravilhosa, eu me recusaria delicadamente a degustá-la se o pouquinho que me deixassem provar não pesasse mais do que um miligrama.

Herdei do meu pai uma tristeza profunda, a tristeza de saber que um dia vou ter de deixar este mundo. Aprendi a pensar em "noites como esta, em que já não me será dado viver". Mas também herdei a visão do quanto a vida é maravilhosa. No verão, vou estudar seriamente os abelhões. (Tenho um cronômetro. Talvez seja possível medir precisamente a velocidade a que eles voam. E vou ter de pesar o abelhão.) Também não tenho nada contra um safári nas savanas da África. Além disso, aprendi a olhar para o céu e a me assombrar com tudo que se encontra no espaço, a muitos milhares de anos-luz de distância. Isso eu aprendi antes mesmo de completar quatro anos de idade.

Mas não é lá fora que hei de começar. Preciso começar por um outro lado. Talvez tenha de tomar essa decisão à minha própria maneira.

Se a história da garota das laranjas fosse um filme e eu estivesse no cinema, sabendo que não teria nascido para uma existência neste mundo se Jan Olav e a garota das laranjas não houvessem se encontrado, neste caso eu os instigaria e faria o possível para que não passassem um pelo outro sem se ver. O meu coração bateria feito um martelo. Eu teria medo de que um dos dois fosse tão fanaticamente ateu que se recusasse a ir ao culto de Natal. Talvez chorasse amargamente se a garota das laranjas aparecesse de repente na Plaza de la Alianza junto com um dinamarquês. E, quando Veronika e Jan Olav finalmente ficassem juntos, teria medo da mais remota possibilidade de um pequeno

desentendimento entre eles. Pois, no que me diz respeito, uma briga séria poderia assumir dimensões cósmicas.

O mundo! Neste caso eu nunca o alcançaria. Jamais viveria o grande segredo.

O espaço! Nunca ergueria a vista para contemplar o esplendor de um céu estrelado!

O Sol! Nunca poria os pés na ilhota quente de Tonsberg. Nunca saltaria na água de cabeça!

Agora entendo tudo isso. De súbito, compreendo todo o alcance. Só agora percebo de corpo e alma o que significa não ser. Sinto um aperto no estômago. Passo mal. Mas também fico revoltado.

Fico furioso quando penso em desaparecer um dia — e então vou partir não por uma ou duas semanas, não por quatro nem por quatrocentos anos, mas por todo o sempre.

Tenho a sensação de que me pregaram uma peça, pois primeiro alguém chega e diz: tome, o mundo é todo seu, pode brincar aqui à vontade. Este é o seu chocalho, o seu trezinho, esta é a escola que você vai começar a freqüentar no outono. Para depois gritarem: primeiro de abril, primeiro de abril, você caiu feito um patinho! E então voltarem a me arrancar o mundo das mãos.

Sinto que todos me abandonaram, deixaram-me a ver navios. Não tenho onde me segurar. Nada pode me salvar.

E não é só o mundo que eu perco, não é só tudo e todos que amo. Eu me perco a mim mesmo.

Zás — e eis que eu sumi.

Estou furioso. Tão furioso que sou capaz de vomitar de uma hora para a outra. Porque eu vi o diabo, olhos nos olhos. Mas não quero deixar que esse diabo tenha a última palavra. Evito o mal antes que ele me domine. Opto pela vida. Opto pela pontinha de bem que me foi concedida, e talvez exista algo que a gente pode chamar de o Bom ou a Boa. Quem sabe não há um Deus reinando acima de tudo?

Sei que o mal existe, pois ouvi o terceiro movimento da Sonata ao luar de Beethoven. Mas também sei que existe o bem. Sei que entre dois abismos desabrocha uma bonita flor e que, em breve, um alegre abelhão sairá voando dessa flor.

Ah! Agora eu vi. Felizmente, nessa equação também há um lépido alegreto. Entre

as duas tragédias vem o divertido teatro de fantoches, e esse espetáculo, eu não quero perder. Estou disposto a apostar tudo no segundo movimento! Existe uma coisa chamada "fome de viver", e, apesar dos pesares, eu não preciso viver esses dois abismos. Eles não existem, para mim não existem. A única coisa que existe é um audacioso alegreto.

Acho que agora estou pensando coisas muito inteligentes, tenho de admitir. Franz Liszt descreveu o segundo movimento da Sonata ao luar como "uma flor entre dois abismos". Neste momento me ocorre que a resposta ao grande dilema desabrochou em mim como uma flor.

E então procuro uma vez mais recuar alguns bilhões de anos no tempo. Porque agora tenho de decidir se quero viver algumas centenas de milhões de anos na Terra ou se prefiro abrir mão disso por não concordar com as regras. No entanto, agora eu sei onde estarão os meus pais. Agora sei como essa história começou. Sei como vai ser quando eu amar.

Pois vamos à resposta. Vamos à decisão solene. Eu escrevo:

Querido papai! Obrigado pela sua carta. Foi um choque para mim, e me deu muita alegria e também muita tristeza. Mas agora, finalmente, tomei a minha difícil decisão: tenho certeza absoluta de que optaria pela vida na Terra, ainda que fosse por "um breve momento". Por isso, pode se livrar de vez dessa preocupação. Pode "descansar em paz", como se diz. Obrigado por ter saído à caça da garota das laranjas.

Mamãe está na cozinha, preparando o jantar. Anunciou um prato francês. Jorgen não demora a chegar do que ele chama de seu "jogging de sábado", e Miriam está dormindo. Hoje é 17 de novembro, ainda faltam cinco semanas para o Natal.

Você me fez algumas perguntas interessantes sobre o Hubble, e a verdade é: faz pouco tempo que escrevi um trabalho sobre esse telescópio para o colégio!!!

E agora vou lhe contar um grande segredo: acho que sei o que vou ganhar de Natal! Jorgen deu uma dica, pelo menos, mostrou-me umas fotografias fantásticas no jornal e, resumindo, eu desconfio que vou ganhar um telescópio. Pode parecer incrível, mas Jorgen também leu o meu trabalho, duas vezes aliás, muito embora não seja o meu pai verdadeiro. Disse que ficou orgulhoso. Acho que, para ele, eu sou tão importante quanto Miriam, ou, pelo menos, quase tão importante quanto ela, e para ser franco penso que não posso pedir mais. Gosto desse cara quase como se ele fosse o meu verdadeiro pai.

Se eu ganhar o telescópio no Natal, vou levá-lo a Fjellstolen, porque aqui na

planície o que mais sobra é aquilo que os astrônomos chamam de "obstruções ópticas". Também já decidi que nome dar ao telescópio. Vai ser "telescópio JAN OLAV". Talvez Jorgen torça o nariz, mas, se ele quiser que nós continuemos sendo bons amigos, vai ter de engolir isso. Existe muita coisa esquisita neste mundo!

Quando não há luar, o céu de Fjellstolen fica tão cheio de estrelas que a gente chega a perguntar por que o telescópio espacial tem tanta importância assim. Tudo bem, tudo bem, papai, eu não sou tão bobo quanto você talvez pense. Sei que no espaço as estrelas não brilham. Mas, de vez em quando, pode ser interessante ficar alguns segundos deitado no fundo de uma piscina, olhando para a borda lá em cima. Alguma coisa a gente sempre vê, e é claro que pode tentar adivinhar o que é que está se movendo acima da superfície da água. Em todo caso, devia ser possível criar uma impressão útil das crateras da Lua, das luas de Júpiter e dos anéis de Saturno. E quem sabe um dia, no futuro, eu não chegue a dar umas voltas numa espaçonave de verdade.

Um grande abraço de Georg, que continua morando no Humleveit e sabe que esta era a casa de um sujeito maravilhoso.

P. S. Depois de ter lido a sua longa carta, acho que vou criar coragem para falar com a garota do violino. Talvez já na segunda-feira. Mesmo porque agora o que não me falta é assunto. E pode ser que ela me mostre o violino.

Chamo a mamãe. Ela vem vindo. Enquanto escrevo esta frase, entrego-lhe a carta do meu pai. Ela fica com aquela expressão.

— Agora você pode ler a carta do meu pai — digo.

Pode ser que, numa outra ocasião, eu a deixe ler o livro que escrevi com ele. Mas não antes do Natal, isso não. E só se eu ganhar mesmo o telescópio, já que embuti o JAN OLAV neste relato.

Tenho um pouco de medo de que leiam o que escrevi sobre a garota do violino. Mas só um pouco. Estremeço um pouco quando imagino mamãe e Jorgen no quarto, lendo sobre a minha paquera. Mas só um pouco.

* * *

Mamãe se sentou no sofá de couro amarelo da sala com a carta do meu pai. Disse que quer folheá-la a sós antes que Jorgen chegue do jogging de sábado. Eu prometi ficar

por perto, e estou observando pela porta. Às vezes também a ouço, e acho que a ouço soluçar. Para mim, isso mostra que ela não esqueceu Jan Olav por completo.

Mas continuo escrevendo. É que tenho uma espécie de P. S. para todos os que leram este livro. Trata-se de um bom conselho, só isso:

Perguntem aos seus pais como eles se conheceram. Pode ser que eles contem uma história interessantíssima. Se não tiverem certeza de que eles vão contar exatamente a mesma história, perguntem a cada um separadamente.

E não se surpreendam se eles ficarem sem jeito no começo. É assim mesmo. Esses contos de fada sobre os quais nós acabamos de conversar nunca são perfeitamente iguais, mas agora eu percebo, pouco a pouco, que todo conto de fadas tem regras mais ou menos rígidas, que tornam difícil falar neles. Talvez vocês devam tentar contorná-las. Nem sempre é fácil tomá-las ao pé da letra, e existe uma coisa que a gente chama de "tato".

Quanto mais minuciosa for a história, tanto mais dá nos nervos ouvi-la, pois bastava alterar um pequeno detalhe para que o final fosse totalmente diferente, para que vocês não tivessem nascido. Aposto que há milhares e milhares de ínfimos pormenores que teriam modificado absolutamente tudo, e vocês não teriam tido a menor chance.

Ou, para citar o meu inteligentíssimo pai: a vida é uma loteria gigantesca, na qual só os números vencedores são visíveis.

Você que está lendo este livro é um número vencedor. Sorte sua!

FIM

